



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Medir compromisso às patas: Tradução e adaptação da escala do Modelo do Investimento do Compromisso ao contexto dos animais de companhia em Portugal

Tiago Rôxo Aguiar

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Diniz Lopes, Professor associado com agregação,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2022

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Medir compromisso às patas: Tradução e adaptação da escala do Modelo do Investimento do Compromisso ao contexto dos animais de companhia em Portugal

Tiago Rôxo Aguiar

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientador(a):

Professor Doutor Diniz Lopes, Professor associado com agregação,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2022

Agradecimentos

Hoje termina um capítulo repleto de sangue, suor e lágrimas (não literalmente), culminando na entrega destas mais de 140 páginas que ainda não acredito terem-me saído das pontas dos dedos.

Impossível seria chegar ao dia de hoje sem a ajuda de algumas pessoas, pelo que não podia deixar de agradecer quando me foi dada a oportunidade de escrever esta página.

Mãe, pai, irmã, avó Quina e avô Leandro, obrigado por todo o apoio que me deram durante este ano em que tive que ser ainda mais ermita que o normal. Sem a vossa ajuda, quer técnica, logística, ou até mesmo só emocional, nada disto teria sido possível.

Eternos irmãos da #TW, obrigado por me terem aturado em mais ano de conversas e desabafos sobre coisas que não vos interessam minimamente. Nunca me fizeram sentir deslocado e sempre deram o vosso melhor para me ajudar a chegar ao fim deste grande projeto, quer com os vossos conselhos com uma tão valiosa perspetiva externa, quer simplesmente a dizer “Tu consegues”. Que venham muitos mais anos desta nossa pequena grande família.

Há ainda a necessidade de mencionar o Ricardo, a Sofia e a Ana, por nunca me fazerem sentir outra coisa para além de que eu era sempre capaz de chegar onde quisesse. Entre risos, lágrimas, almoços e trabalhos, a mensagem era sempre uma: estamos aqui para ti e tu chegas onde quiseres chegar. Saibam que estou igualmente aqui para e a torcer por vocês.

Importante será fazer menção aos peritos e respetivas entrevistas, a todos os participantes que responderam aos questionários criados no âmbito desta dissertação, e a todos os que tiveram a gentileza de partilhar ditos questionários. Sem vocês, este documento não teria nada a reportar para além de alguma literatura resumida. Muito obrigado.

Mesmo assim, e já contando com a ajuda de todas as pessoas supramencionadas, nada teria sido possível sem o auxílio, persistência e carinho do professor Diniz Lopes. Sem o professor, certamente hoje ainda estaria à procura de alguma literatura para trabalhar um tema completamente distinto. Consigo, as análises que teriam demorados várias semanas levaram apenas uns dias, e uma dissertação com três estudos que eu teria dito ser impossível escrever num único ano letivo surge completa ainda antes do prazo final. A si, o meu mais profundo agradecimento.

Em modo de despedida, ao Iscte, todos os professores, colegas, e quaisquer restantes personagens que marcaram este percurso que agora se encerra: Simplesmente, muito obrigado. Este coração encarnado levará para sempre um pouco do vosso azul.

Resumo

Fruto da sua importância para a forma como os indivíduos desenvolvem relações com outros, o compromisso é frequentemente utilizado como preditor da intenção de permanecer numa relação. O Modelo do Investimento (IM) e respetiva escala (IMS) têm sido utilizados para explicar e medir o compromisso em várias circunstâncias, especialmente nas relações amorosas. Ainda assim, a utilização do compromisso no estudo de relações entre humanos e animais de companhia (H-AC) é bastante reduzida. Esta dissertação pretende colmatar essa lacuna na literatura através da adaptação, tradução e validação da IMS para o contexto das relações H-AC em Portugal. Começámos por adaptar a versão portuguesa da IMS a este novo paradigma (Estudo 1, n=834). Os resultados mostraram-se psicometricamente insatisfatórios. Procedemos então à tradução e validação de uma versão estrangeira da IMS já adaptada ao contexto desejado. O processo de validação incluiu entrevistas com peritos, e reformulação e criação de itens com base nas entrevistas. Aplicamos esta nova IMS e realizámos análises fatoriais exploratórias com os dados (Estudo 2, n=248). A versão da IMS resultante foi aplicada a uma nova amostra, cujos dados foram utilizados para realizar uma análise fatorial confirmatória e explorar possíveis sensibilidades da escala, bem como munir o instrumento de validade em relação a um critério (Estudo 3, n=236) e sensibilidade. Os resultados mostram que esta nova IMS adaptada aos ACs é psicometricamente adequada, respeitando as dimensões do IM. Limitações deste trabalho e instrumento, bem como oportunidades de investigação futura, são discutidas.

Palavras-chave: Psicometria, Modelo do Investimento, Escala do Modelo do Investimento (IMS), Animais de companhia

Códigos de Classificação da APA:

2220 Tests & Testing

3020 Group & Interpersonal Processes

Abstract

Due to its importance to how individuals develop relationships with others, commitment is often used as a predictor of intention to stay in a relationship. The Investment Model (IM) and respective scale (IMS) have been used to explain and measure commitment in various contexts, especially in romantic relationships. Despite this, the use of commitment in the study of relationships between humans and companion animals (H-CA) is quite limited. This dissertation aims to fill this gap in the literature by adapting, translating, and validating the IMS to the H-CA relationships paradigm in Portugal. We began by adapting the Portuguese version of the IMS to this new paradigm (Study 1, n=834). The results proved to be psychometrically unsatisfactory. We proceeded to the translation and validation of a foreign version of the IMS already adapted to this CA paradigm. The validation process included interviews with experts and item reformulation and creation based on said interviews. We collected data using this new IMS and performed exploratory factor analyses with it (Study 2, n=248). The resulting scale was then put through a new data collection process, the results of which were used to perform a confirmatory factor analysis, explore possible instances of scale sensitivity, and equip the instrument with criterion-based validity (Study 3, n=236). The results show that this new IMS adapted to the CA paradigm is psychometrically adequate, respecting the dimensions of the IM. Limitations of this work and instrument, as well as opportunities for future research, are discussed.

Keywords: Psychometrics, Investment Model, Investment Model Scale (IMS), Companion Animals

APA Classification Codes:

2220 Tests & Testing

3020 Group & Interpersonal Processes

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract	vii
Introdução.....	13
Capítulo 1. Revisão da Literatura.....	15
1.1 A psicologia dos relacionamentos humano-animais de companhia	15
1.2 Compromisso	20
1.3 Modelos de Compromisso e o Modelo de Investimento do Compromisso de Rusbult (Rusbult Investment Model of Commitment)	22
1.3.1 Satisfação com a relação.....	25
1.3.2 Qualidade das Alternativas.....	26
1.3.3 Tamanho do Investimento	26
1.3.4 Intenção de Permanecer na Relação	28
1.4 O IM aplicado ao contexto dos animais de companhia	29
1.5 Escalas Anteriores.....	31
1.6 Objetivos do Presente Trabalho e Plano de Estudos.....	32
Capítulo 2. Estudo 1	35
2.1 Método	35
2.1.1 Participantes.....	35
2.1.2 Instrumentos	37
2.1.3 Procedimento	38
2.2 Resultados	39
2.2.1. Análise fatorial	42
2.3 Discussão	45
Capítulo 3. Estudo 2.....	49
3.1 Método	50
3.1.1 Trabalho desenvolvido na escala.....	50
3.1.2 Tradução e retroversão	50

3.1.3	Entrevistas com peritos.....	52
3.1.4	Alterações à escala e desenvolvimento dos novos itens.....	55
3.1.5	Participantes.....	59
3.1.6	Instrumentos	61
3.1.7	Procedimento	63
3.2	Resultados	64
3.2.1	Análise fatorial	68
3.3	Discussão	75
Capítulo 4.	Estudo 3	79
4.1	Método	80
4.1.1	Participantes.....	80
4.1.2	Instrumentos	83
4.1.3	Procedimento	84
4.2	Resultados	86
4.2.1	Análise fatorial confirmatória.....	89
4.2.2	Sensibilidade da escala	91
4.2.3	Validade relativa a um critério	94
4.3	Discussão	95
Capítulo 5.	Discussão Geral	99
5.1	Limitações.....	102
5.2	Investigação Futura.....	104
Conclusão	107
Fontes	109
Referências Bibliográficas	111
Anexos.....	125
Anexo A.	Comparação de versões da IMS.....	125
Anexo B.	Detalhes das entrevistas	128
Anexo C.	Guião das entrevistas com os peritos	139
Anexo D.	Cartões de Apoio às Entrevistas.....	141
Anexo E.	Outputs brutos referentes à análise da sensibilidade da escala.....	144
Anexo F.	Escala final proposta.....	148

Índice de Tabelas

Tabela 2.1 - Caracterização sociodemográfica da amostra do Estudo 1	36
Tabela 2.2 - Análise descritiva dos itens da IMS aplicada ao contexto dos ACs - Estudo 1 ..	40
Tabela 2.3 - Análise fatorial exploratória da IMS (estrutura final do Estudo 1).....	43
Tabela 2.4 - Estatísticas descritivas e correlações inter-fatores do Estudo 1	45
Tabela 3.1 - Avaliações dos peritos em relação à versão traduzida da escala de Baker et al. (2016)	53
Tabela 3.2 - Itens originais (Baker et al., 2016) e itens alterados	56
Tabela 3.3 - Itens novos e dimensões em que se inserem	58
Tabela 3.4 - Caracterização sociodemográfica da amostra do Estudo 2	60
Tabela 3.5 - Análise descritiva dos itens da versão da IMS aplicada - Estudo 2	64
Tabela 3.6 - Análise fatorial exploratória da IMS por dimensão (estrutura dos fatores antes da análise geral)	70
Tabela 3.7 - Análise fatorial exploratória da IMS (estrutura final do Estudo 2).....	72
Tabela 3.8 - Estatísticas descritivas e correlações inter-fatores do Estudo 2	75
Tabela 4.1 - Caracterização sociodemográfica da amostra do Estudo 3	81
Tabela 4.2 - Análise descritiva dos itens da versão da IMS aplicada - Estudo 3	86
Tabela 4.3 - Correlações - Estudo 3	91

Índice de Figuras

Figura 1.1 : Modelo do Investimento de Rusbult	25
Figura 4.1: Representação esquemática do modelo em análise com os valores relevantes....	90

Introdução

As relações sociais são um aspeto vital das nossas vidas (Lima, 2018). Desde cedo, a investigação na área debruçou-se sobre os diferentes pontos de relevância desta temática, como as definições de conceitos como o de “relação” (Berscheid & Regan, 2005), o que leva à sua existência (Altman & Taylor, 1973), como racionalizamos a nossa permanência numa relação (Thibaut & Kelley, 1959; Walster et al., 1978) e quais os benefícios de termos estas relações na nossa vida, quer seja a nível identitário (Tajfel & Turner, 1986), quer a nível de saúde (Holt-Lunstad et al., 2010), para dar alguns exemplos.

Quando pensamos em relações, é comum traçarmos uma ligação imediata com as relações amorosas. Contudo, existem muitas outras relações extremamente importantes na vida de um indivíduo: as relações familiares, de amizade e profissionais, são todas exemplos de relações que um indivíduo irá estabelecer durante a sua vida e com as quais terá contacto de forma extremamente frequente. Ainda assim, uma relação normalmente esquecida neste tipo de enumerações, mas de extrema importância, é a relação que se estabelece entre um humano e o seu Animal de Companhia (AC). Em Portugal, 38% e 31% de todas as famílias têm pelo menos um cão ou um gato, respetivamente, e a grande maioria considera os seus AC parte da sua família (do Vale et al., 2021). O mesmo verifica-se na investigação estrangeira (Irvine & Cilia, 2017). Tal como em todos os outros tipos, estabelecer relações com ACs possui vantagens e desvantagens (tal como vamos ver mais à frente), mas a investigação realizada sobre este tipo de relações, provavelmente devida à sua recência, é substancialmente mais limitada. Ainda assim, com os dados obtidos até agora, torna-se evidente que entender os processos e efeitos destas relações é extremamente relevante, dado os diversos problemas sociais que podem provir das mesmas, sejam eles humanos (elevados custos associados à manutenção de animais ou doenças de origem animal), animais (abandono e maus-tratos), ou uma junção de ambos (ataques de animais ou a existência de criadores de ilegais). Para tal, e fazendo a ponte com a literatura já existente, para a análise das relações humanas é necessário perceber se as relações entre humanos e animais se formam, fomentam, mantêm e terminam de formas semelhantes às relações humanas e quais são os pontos em que divergem.

Um dos conceitos mais estudados na investigação acerca da permanência e longevidade das relações, e tomado como preditor para a manutenção numa relação, é o compromisso (Agnew, 2009). Apesar das definições divergirem ligeiramente consoante os autores e o quadro teórico, entende-se por compromisso a representação de uma orientação a longo prazo, incluindo sentimentos de vinculação para com o parceiro e vontade de manter a relação, para o

bem e para o mal (Rusbult & Buunk, 1993). Ainda que existam diversos modelos que tentam explicar o compromisso e a sua importância para as relações (Rusbult et al., 2006), o modelo mais popular sobre esta temática é o *Rusbult Investment Model of Commitment* (IM) (Rusbult, 1980, 1983; Rusbult et al., 2011), que iremos ver em mais detalhe posteriormente, e que utiliza para medir as suas componentes a escala também ela proposta por Caryl Rusbult (o IMS; Rusbult et al., 1998). Esta escala foi já traduzida para diversas línguas e contextos (ver Agnew & Vanderdrift, 2018), incluindo o contexto dos animais (Baker et al., 2016). Ainda assim, não existe atualmente uma versão traduzida desta escala adaptada para português europeu, ou qualquer outra escala que tenha adaptado o IM ao contexto dos ACs.

Face à relevância dos ACs na vivência de muitos indivíduos, torna-se imperativo desenvolver o conhecimento científico existente sobre esta temática. Dada a importância da utilização de instrumentos validados para a produção de conhecimento científico de qualidade (DeVellis, 2012), e identificada a lacuna em relação às escalas portuguesas mencionada anteriormente, o presente trabalho propõe-se a dar um primeiro passo na investigação futura em Portugal sobre o compromisso e os seus antecedentes no contexto das relações humano-AC. Ainda que o impacto do nosso trabalho não se venha a sentir diretamente na comunidade em geral de uma forma muito acentuada, este irá permitir desenvolver pesquisa futura no âmbito das relações humano-animal de companhia.

Revisão da Literatura

1.1 A psicologia dos relacionamentos humano-animais de companhia

Um animal de companhia (AC), comumente referido como animal de estimação, é um animal que é definido pela sua relação próxima com os seres humanos e tem como principal função a companhia que providenciam, mesmo que muitos sejam usados com outras finalidades, como segurança e fins monetários. São, na sua maioria, animais que nasceram especificamente para serem animais de estimação, vivem dentro ou perto de uma casa habitada por pessoas, são relativamente controláveis e acarinhados por humanos, estão domesticados e têm um nome atribuído, à semelhança de um ser humano (DeMello, 2012). Eddy (2003) estende um pouco mais esta definição, passando a abranger todo e qualquer animal que é tratado com “incomum carinho e consideração”. Esta definição torna-se demasiado abrangente, já que passa a incorporar animais em jardins zoológicos ou até mesmo em canis, desde que estes sejam bem tratados, pelo que a definição de DeMello (2012) será mais fiel ao conceito que deverá estar presente na consciência para a maioria da população. Ainda assim, é importante mencionar a discrepância existente nestas ideias acerca do mesmo conceito para exemplificar a vasta variedade de definições existentes (para uma leitura mais aprofundada sobre as diferentes definições e história do conceito, ver Zellinger, 2021). Perante a Lei Portuguesa, no Decreto-lei 13/93 1993 (DL), entende-se por AC qualquer animal possuído ou destinado a ser possuído pelo homem, designadamente em sua casa, para seu entretenimento e enquanto companhia. ACs comuns incluem cães, gatos e pássaros (Chomel, 1992) e são muitas vezes considerados membros da família em que se inserem (Cain, 1985; Carlisle-Frank & Frank, 2006).

A existência de relações entre humanos e animais não é recente, muito pelo contrário, e tal existência veio auxiliar em várias necessidades dos seres humanos. Ao longo desta secção (e de toda a dissertação), iremos focar o tipo de relação mais contemporaneamente associado à guarda de ACs, não descurando outras utilizações que ainda hoje estão associadas aos animais em relação aos seres humanos, como a produção de carne (DeMello, 2012). A utilização de animais vivos, num sentido mais de companheirismo, data dos primeiros conjuntos de seres humanos que capturavam crias de animais selvagens e que, conseqüentemente, cresciam habituados a serem ACs (DeMello, 2012). Por exemplo, acredita-se que os chacais seguiam caçadores de volta aos seus acampamentos na esperança de sobreviverem consumindo os restos

dos alimentos dos humanos. Os humanos perceberam, no entanto, que estes animais providenciavam algum nível de proteção contra outros predadores e também eram ágeis caçadores, o que poderia ser útil se utilizado para sua própria busca de alimento (Noonan, 2008; Serpell, 1996). Assim, acredita-se que os primeiros ACs da história, domesticados pelo menos há 15 000 anos, sejam de facto ancestrais dos cães de hoje em dia, sendo primeiramente utilizados não só para companhia, mas em tarefas como a caça, sendo que só viriam a perder estas funções vários anos mais tarde (DeMello, 2012). Também deverão ter sido os cães os primeiros animais a serem procriados especificamente com o único propósito de serem ACs, há cerca de 3 000 anos (DeMello, 2012). Outros dos primeiros registos de ACs incluem os gatos que pertenciam a alguns faraós, apesar de neste caso terem um significado mais religioso do que aquele que é atribuído aos mesmos hoje em dia (Spencer et al., 2006). Só com a chegada do Século XIX e o avanço industrial é que a ideia dos ACs se aproximou verdadeiramente daquilo que conhecemos hoje (DeMello, 2012; Spencer et al., 2006), já que o aumento da qualidade de vida concedeu à população mundial uma maior capacidade financeira, o que por sua vez permitiu que algumas famílias pudessem empregar algum do agora dinheiro disponível no trato de pequenos animais.

Os ACs têm um estatuto peculiar na vida dos humanos e nas sociedades em que se inserem. Em termos práticos, estes animais estão algures entre objeto e pessoa (Fox, 2006), flutuando entre os dois em termos legais e éticos. São exemplos reais desta dicotomia o facto de na Lei Portuguesa, o Artigo 1323.º - Animais e coisas móveis perdidas - Decreto-Lei nº 47 344 1966 (DL) tratar exatamente, e em simultâneo, animais e “coisas móveis perdidas”, para além de que no Decreto-lei 13/93 1993 (DL) é utilizado o termo “possuído” para se referir a um hipotético AC. No mesmo Decreto-Lei é ainda definido o comércio de ACs, sendo que todas estas passagens ilustram uma realidade normativa para AC, mas impensáveis para seres humanos. No entanto, e em contrapartida, o Decreto-lei 314/03 2003 (DL) vem depois indicar-nos as condições em que um dono deverá prestar ao seu AC para estar em conformidade com a lei, privilégio que não é estendido a muitas das restantes “coisas móveis” com as quais tinham sido agrupados anteriormente. Considerados muitas vezes como parte da família (Cohen, 2002; Irvine & Cilia, 2017), é aceitável (se não até expectável) que um indivíduo fique de luto quando o seu AC morre, como se de um humano se tratasse (Redmalm, 2015). No entanto, as punições para o abandono ou até mesmo morte de um AC, disponíveis nos artigos 387.º - Morte e maus tratos de animal de companhia – Decreto-Lei nº 400/82 1982 (DL) e Artigo 388.º - Abandono de animais de companhia – Decreto-Lei nº 400/82 1982 (DL) ilustrarem bem, pela sua indulgência, que não são idênticas às situações equivalentes com humanos.

Não sendo uma prática imposta por lei e com variados custos associados (Gates et al., 2019), pode colocar-se então a questão “Porquê ter ACs?”. Primeiramente, como humanos, parecemos estar programados para gostar de animais pequenos (Noonan, 2008), fenómeno que pode ter origem na nossa relação com bebés humanos (Cho et al., 2020; Golle et al., 2013). Podemos ainda citar razões culturais ou religiosas para comportamentos e atitudes em relação aos ACs, quer quanto ao conceito, quer à espécie em questão (Amiot & Bastian, 2015). Adicionalmente, a existência de relações entre humanos e animais aparenta originar diversas vantagens, muitas delas estudadas e documentadas (ver Wilson, 1998). Para as crianças, ter animais em casa tem um efeito positivo no desenvolvimento de atitudes positivas em relação a animais e na aquisição de informação sobre os mesmos (Prokop & Tunnicliffe, 2010), parecendo ajudar ainda a desenvolver níveis mais altos de autonomia, autoestima e autoeficácia (Van Houtte & Jarvis, 1995). Ainda na área do desenvolvimento, boas relações entre humano e animal também parecem estar relacionadas com índices mais altos de desenvolvimento positivo (Mueller, 2014). Os AC também parecem funcionar como suporte social (McConnell et al., 2011) na vida dos seus donos. Isto, por si só, representa uma grande vantagem a nível de saúde, já que responde à necessidade psicológica básica relacional (Ryan & Deci, 2000) e combate o isolamento social, que sabemos ter consequências bastante graves na saúde de um indivíduo (Holt-Lunstad et al., 2010). Os ACs podem, ainda, servir como agentes de apoio à adoção de comportamentos mais saudáveis, como parar de fumar (Hodgson et al., 2015), de forma semelhante às intervenções que tentam apelar aos pais com crianças pequenas (Rosen et al., 2012; para outros benefícios na área da saúde, ver a revisão de literatura de Amiot e Bastian, 2015). Os ACs também aparentam desempenhar um papel importante na vida amorosa dos seus donos, permitindo a possíveis parceiros ver como é que outros indivíduos agem perante um ser vivo de que gostam, ou até mesmo discriminar candidatos com base nas suas escolhas de AC (Gray et al., 2015). Finalmente, estas relações entre humano e animal também parecem originar benefícios para os próprios ACs a nível hormonal (Odendaal & Lehmann, 2000), o que por sua vez poderá fortalecer a relação com o seu humano.

O debate sobre os efeitos positivos dos ACs não é, no entanto, unilateral (ver Chur-Hansen et al., 2010). Algumas tentativas de replicar efeitos anteriormente reportados revelaram-se ineficazes (Parslow & Jorm, 2003; Parslow et al., 2005). Para além disso, também várias desvantagens são mencionadas na literatura, ainda que com menor frequência (Amiot & Bastian, 2015), que parecem ser ignoradas nas introduções de artigos que visam constatar os efeitos positivos destas relações, sendo exemplos das mesmas o tempo e dinheiro despendido para cuidar do seu AC, restrições ao estilo de vida, preocupação relativamente a

comportamentos antissociais ou destrutivos por parte do AC (Bonas et al., 2000) ou reações alérgicas e danos físicos causados por mordidas ou arranhões, que podem ainda vir a ficar infectados (Plaut et al., 1996). Num estudo realizado com crianças, os custos como a dor psicológica causada pela morte do AC ou complicações com as necessidades dos AC também foram mencionados como pontos negativos relativos à prática de ter um AC (Bryant, 1990). Em casos de pessoas mais idosas, os ACs também foram identificados como possíveis perigos físicos, relativamente à sua propensão para originar quedas (Kurrle et al., 2004). Parslow e colegas (2005) vão mais longe e mencionam que, na sua amostra, os indivíduos que possuíam um AC reportaram mais sintomas depressivos, com as respondentes (mulheres casadas) a reportar adicionalmente menor saúde física. Mais: ter carinho por um AC estava associado a mais problemas de saúde, como mais sintomas de depressão, menor saúde física e maior frequência no consumo de medicação para as dores. Os autores concluem, assim, que os efeitos positivos dos ACs anteriormente reportados não só não se não aplicavam na faixa etária estudada, como existiam agora efeitos negativos associados aos mesmos, pelo que a idade do humano não é indiferente para a existência dos benefícios reportados pela literatura.

Também a espécie do animal não é indiferente a este assunto, já que em situações onde vários animais de estimação vivem na mesma casa, tende a existir um favorito, tendencialmente o cão (Rost & Hartmann, 1994), sendo este também o animal mais propenso a ser alvo de uma maior vinculação (Westgarth et al., 2013), o que poderá ser indicativo de uma preferência geral para o mesmo enquanto AC. Isto poderá indicar que, da mesma forma que certos animais são mais propensos a serem escolhidos para desempenhar funções de AC, nem todos os animais darão origem aos efeitos positivos anteriormente mencionados, dado que os níveis de vinculação parecem mudar com as espécies (Westgarth et al., 2013), e muita da investigação sobre estes efeitos recorre ao conceito (possivelmente adulterado) da vinculação para os explicar (Peacock et al., 2012).

De facto, um ponto importante na investigação sobre as relações entre humanos e animais e os seus efeitos é a ideia de que não é necessariamente a posse de um AC em si que irá originar os benefícios previamente mencionados, mas sim a função que o animal desempenha na vida do indivíduo (McNicholas et al., 2005) ou o nível de vinculação com o mesmo (Garrity et al., 1989). Esta segunda distinção traz algumas reservas em termos conceituais, já que na área da psicologia o termo “vinculação” remete para um conceito e quadro teórico muito específico (Bowlby, 1982). A argumentação de Crawford e colegas (2006) vai neste sentido, ou seja, que o conceito de “vinculação” utilizado na investigação sobre estas relações se distancia substancialmente do significado clássico da palavra. Budge e colegas (1998), por exemplo,

definem vinculação com os ACs como sendo “o laço emocional sentido e expressado entre animal e dono”. Outros autores argumentam que da mesma forma que parceiros românticos funcionam como figuras de vinculação para adultos (Hazan & Zeifman, 1994), também os ACs o podem fazer (Zilcha-Mano et al., 2011), advogando assim que a terminologia utilizada, ainda que passível de não significar exatamente o mesmo, não será assim tão inadequada.

Finalmente, existem ainda questões éticas que podem ser levantadas em relação às práticas de posse de um AC. Alguns autores defendem que os seres humanos têm ACs como um exercício de poder e para satisfazerem uma necessidade de mostrar controlo sobre a natureza (Tuan, 1984). Contudo, Fox (2006) argumenta claramente que a relação entre humano e AC pode não ser assim tão simples. DeMello (2012) menciona, numa passagem em que a própria cita Tuan (1984), que a verdade é que muitas pessoas simplesmente não se preocupam com o facto do controlo que os humanos exercem sobre os ACs ter gerado doenças e dependência por parte dos mesmos. A autora argumenta ainda que esta indiferença se deve precisamente a não quererem que estes animais sejam independentes. Spencer e colegas (2006) indicam explicitamente que “tendo por base as filosofias normativas referentes aos direitos dos animais, a conclusão lógica é a de que não é ético ter ACs” (p.24). Aliás, sustentam ainda que, da mesma forma que ativistas políticos lutam contra os maus-tratos de animais em quintas, também o deveriam fazer relativamente à obesidade aparente de ACs em casos de excesso de alimentação por parte dos seus donos, uma condição que, tal como nos humanos, traz consequências de saúde. Estes autores remetem ainda para a ideia ecoada, mais tarde, por DeMello (2012), em relação a comportamentos como o corte da cauda dos animais por razões estéticas ou a colocação de roupas sem utilidade prática, vincando que estes vêm mostrar que a ideia de que os ACs não são animais “instrumentais” (como, por exemplo, animais de quinta utilizados para trabalho pesado) é errónea, já que, para os autores, os ACs só estão presentes nas nossas casas para desempenharem a sua função como companheiros, não para serem independentes e vistos como iguais. Claro está que resolver o debate sobre os possíveis constrangimentos éticos do conceito de um AC estará para lá do âmbito desta dissertação, mas não mencionar a sua existência também seria uma falha argumentativa.

Com a investigação apresentada e os paralelismos traçados com as relações entre humanos, podemos perceber que a realidade das relações humano-AC não é assim tão distinta como talvez se pudesse pensar. Para além das relações positivas que costumam servir de exemplos quando um indivíduo menciona ter um AC, podemos ainda mencionar situações de abandono ou violência dos animais (Jacobetty et al., 2019), casos que servem de paralelo às relações abusivas que, infelizmente, muitas vezes se verificam nos humanos. Assim sendo, a aplicação cuidada

de conceitos e modelos desenvolvidos para a realidade humana não só será pertinente, como necessária, já que, à semelhança do que acontece com as relações entre humanos, perceber que variáveis poderão influenciar estas relações e como as utilizar para diminuir casos possivelmente problemáticos será altamente desejado.

1.2 Compromisso

O compromisso é uma característica base da vida social humana, tornando o comportamento dos indivíduos previsível em situações de oscilação de interesses e desejos, levando também à realização de comportamentos que os indivíduos não desempenhariam em outras situações (Michael & Székely, 2018). Exemplos desta concepção podem ser encontrados em contextos mais íntimos, como em relações amorosas, ou em cenários de maior escala, como o compromisso que um funcionário sente para com uma organização onde trabalha há muito tempo (Reichers, 1985). O compromisso é, assim, entendido como trazendo diversos benefícios nas mais variadas situações, desde o surgimento de comportamentos pró-relação em relações interpessoais, até (a) à tendência para tomar a própria relação como superior a relações externas; (b) agir de forma acomodável em situações de conflito; (c) à deterioração de relações com possíveis substitutos; (d) ao controlo de ciúmes e envolvimento extra relação; e (e) à disposição para o sacrifício em prol da relação (Rusbult & Buunk, 1993). De igual forma, os contextos organizacionais veem um aumento do compromisso dos seus funcionários para com a organização de forma favorável, já que este se encontra correlacionado com um maior desejo de ficar na organização, uma diminuição do turnover e aumento da qualidade do trabalho (Steers, 1977).

Em termos de definição, o compromisso é um fenómeno psicológico que se refere à preocupação de uma pessoa em relação à estabilidade e futuro de uma relação em específico, para além do desejo de que essa relação continue (Baker et al., 2016). Na sua génese, o compromisso pode ser definido como a intenção de permanecer numa linha de ação (Agnew, 2009), sendo que Kiesler e Sakumura (1966) argumentam que o compromisso garante ou restringe o indivíduo a uma série de atos comportamentais, vincando a sua importância na resistência (ou falta dela) à mudança de atitudes. Rusbult e Buunk (1993) definem o compromisso numa relação amorosa como uma representação de uma orientação individual a longo prazo, incluindo sentimentos de vinculação para com o parceiro e vontade de manter a relação, para o bem e para o mal. Mais tarde, a definição de compromisso foi simplificada e descrita como a intenção para persistir na relação, uma orientação a longo prazo e de vinculação psicológica, sendo então estudada como tal por outros autores (Arriaga & Agnew, 2001).

Becker (1960) menciona também que o conceito do compromisso tende a ser utilizado de forma mais vaga, como se fosse "autoexplicativo". Numa tentativa de esquematizar melhor o conceito, introduz o construto de *side bets*, construto este que vai ao encontro da variável dos investimentos (Rusbult, 1980) e outras semelhantes presentes em modelos mais contemporâneos que iremos explorar mais à frente. O conceito de compromisso também difere entre áreas que o estudam e aplicam, ainda que a ideia basilar se mantenha: a manutenção do comportamento. Na presente dissertação será focado o compromisso dito interpessoal ou relacional, estudado por autores como Rusbult e colegas (2006). Ainda assim, é necessário mencionar que existem outras definições para este conceito, como a sua tradução mais sociológica (onde o compromisso se apresenta ligado à pressão social para a conformidade; Kanter, 1968) ou a mais organizacional (em que o compromisso se associa à permanência na organização; Meyer & Allen, 1991).

Com estas definições e vantagens em mente, Michael e colegas (2016) propuseram-se a criar um ponto de partida para o estudo psicológico do compromisso no contexto da ação partilhada. A base da estrutura proposta pelos autores cinge-se à necessidade de perceber, num contexto de compromisso, o que (a) leva um indivíduo a estar motivado para se sentir comprometido e agir como tal; (b) como é que indivíduos percebem que estão numa situação de compromisso, quando tal não é explicitamente acordado pelos intervenientes; e (c) quais as bases ontogénicas do compromisso. Assim sendo, a estrutura minimalista do compromisso (Michael & Székely, 2018; Michael et al., 2016) prevê que, numa situação de compromisso, existem duas premissas: (i) existe um resultado que um agente (EU) ou deseja que ocorra, ou é o objetivo de uma ação que EU está neste momento a realizar ou pretende realizar. A este objetivo é dada a sigla "O"; e (ii) a contribuição externa (X) de um segundo agente (TU) é crucial para que O ocorra.

Esta definição cobre uma maior área de situações que serão então consideradas compromissos, mas qualquer cenário onde estas premissas sejam verificadas levará a que um ou ambos dos indivíduos se sintam comprometidos. O compromisso de cada um indivíduo será então o resultado do processo cognitivo em que EU percebe TU como estando comprometido a realizar X na medida em que EU espera que X ocorra porque (i) e (ii) e TU sente que está comprometido a realizar X na medida em que TU estiver motivado pela crença de que EU espera que ele contribua X. É importante ainda realçar que embora a primeira premissa proposta refira que só EU é que tem O como objetivo direto, muitos são os casos em que TU partilha o mesmo objetivo, estando então a trabalhar para benefício mútuo e não apenas

para o de EU, casos esses onde os autores dizem existir “compromisso mútuo” (Michael et al., 2016).

Esta estrutura minimalista do compromisso, apesar de bastante prática e virada para a ação (tal como indicado em Michael et al., 2016), sofre de uma hiperespecialização do compromisso em relação a cada ação, indicando que cada indivíduo estará mais ou menos comprometido em cada cenário e, portanto, pesará o seu nível de compromisso a cada nova situação. Apesar de esta ideia vir ajudar a explicar situações em que desconhecidos se sentem comprometidos uns aos outros e dos próprios autores mencionarem explicitamente exemplos com animais, esta estrutura não nos ajuda a perceber as relações de compromisso num vácuo, apenas quando estas estão anexadas a ações. Assim sendo, se queremos estudar as relações de compromisso isoladamente, para mais tarde as aplicarmos a um contexto diferente, precisamos de olhar para outros modelos.

No fundo, a população humana adulta aparenta ter uma proficiência alta na geração de compromissos, em adição à identificação, monitorização e resposta de forma apropriada aos compromissos existentes na vida de um indivíduo, sejam com outras pessoas ou consigo mesmos (Michael & Székely, 2018). Para os efeitos desta dissertação, iremos focar-nos nos compromissos não individuais, nomeadamente com animais, como iremos ver mais à frente.

1.3 Modelos de Compromisso e o Modelo de Investimento do Compromisso de Rusbult (*Rusbult Investment Model of Commitment*)

Rusbult e colegas (2006), num capítulo precisamente sobre a temática do compromisso, mencionam que durante bastante tempo as relações amorosas foram estudadas através da lente da atração, isto é, fazendo a ligação direta entre sentimentos de afeição positiva (atração, satisfação ou amor) e a longevidade de uma relação (Aronson & Linder, 1965). Apesar desta não ser uma ideia necessariamente errada (já que vamos ter tendência a permanecer em relações onde nos sentimos atraídos pelo nosso parceiro), não consegue responder a questões como: porque razão perduram relações amorosas onde já não existe essa atração, como é o caso de relações em que os parceiros decidem permanecer juntos para o bem dos seus filhos? No reverso, porque terminam relações em que ainda existe atração? Finalmente, como podemos controlar flutuações temporárias na atração presente numa relação? A resposta a estas questões, argumentam os autores, está precisamente na busca de modelos mais robustos que não façam corresponder o compromisso a uma única variável. Com essa finalidade, são mencionados os modelos mais comumente aplicados na explicação deste fenómeno: o *Levinger Cohesiveness Model* (Levinger, 1965, 1979), o *Rusbult Investment Model of Commitment* (Modelo do

Investimento do Compromisso de Rusbult) (IM; Rusbult, 1980, 1983; Rusbult et al., 2011), o *Johnson Tripartite Model* (Johnson, 1973, 1991) e o *Brickman Dialect Model* (Brickman et al., 1987). De entre estes, o IM é o mais utilizado, tendo sido inclusivamente aplicado a relações não-normativas (Lehmiller & Agnew, 2006, 2008) e até adaptado para outros contextos (Baker et al., 2016; Le & Agnew, 2003; Rusbult & Farrell, 1983; Wesselmann et al. 2016). Estas utilizações atestam a grande versatilidade do modelo.

O IM (Rusbult, 1980, 1983; Rusbult et al., 2011) é um modelo que nasce da necessidade de ultrapassar o estudo do compromisso baseado unicamente na atração (Rusbult et al., 2011) e baseia-se na clássica teoria da interdependência (Kelley & Thibaut, 1978; Thibaut & Kelley, 1959; Van Lange & Balliet, 2015). A teoria da interdependência assenta sobre a ideia de que a satisfação e a estabilidade de uma relação serão predizidas pela relação entre os benefícios (*outcomes*) que o indivíduo retira da relação, o nível de benefícios esperados pelo indivíduo dessa relação e o nível de benefícios que o indivíduo percebe como passíveis de serem retirados de outras opções à sua disposição (Thibaut & Kelley, 1959). Assim sendo, a quantidade e qualidade dos *outcomes* que recebemos de uma relação, quando isolados, não nos permitem prever a satisfação com uma relação, já que este fator só pode ser analisado quando levado em conta juntamente com o nível dos mesmos que ambicionamos retirar dela. Desta forma, ainda que os benefícios possam ser vastos e de elevada qualidade, um indivíduo só ficará satisfeito com uma determinada relação se estes forem iguais ou superiores ao seu nível de comparação (Comparison Level ou CL). Pela mesma lógica, a estabilidade da relação irá depender da comparação entre os já mencionados benefícios retirados da relação e os possíveis benefícios a serem retirados de situações alternativas (Comparison Level Alternatives ou CLalt). É possível então que um indivíduo esteja satisfeito com a sua presente relação, mas que esta não seja estável por ser percebida como tendo origem em menos e/ou piores benefícios que situações alternativas. Estas duas variáveis (satisfação com a relação e falta de melhores alternativas) seriam então preditoras do nível de dependência que um indivíduo teria da relação em que se insere.

No que diz respeito ao seu papel basilar no IM, a teoria da interdependência mune a sua autora, acima de tudo, com os conceitos dos benefícios da relação (*outcomes*), da satisfação na relação atual e da existência e avaliação de alternativas à relação atual, conceitos estes que apresentam grandes paralelismos com alguns dos grandes fatores presentes no modelo. Adicionalmente, o IM adota também um dos princípios base da teoria da interdependência: a ideia de que os indivíduos estão geralmente motivados para maximizar recompensas e, simultaneamente, reduzir os custos (Rusbult, 1980). O IM é então composto por quatro grandes

preditores que, segundo a autora, irão ditar a estabilidade de uma relação: a satisfação com a relação e a qualidade das alternativas (que aparecem vindos da teoria da interdependência), o tamanho do investimento e o nível de compromisso, sendo que este último será o produto da junção das restantes três. A variável “Tamanho do investimento” surge da lacuna identificada na teoria da interdependência pela autora do IM, no que diz respeito à explicação da ideia de que se a continuidade de uma relação dependesse apenas da satisfação com a relação e a falta de melhores alternativas, poucas seriam as relações que conseguiriam perdurar no tempo, já que num ou outro momento de menor entendimento entre os integrantes da relação facilmente se poderiam perceber opções externas como mais apetecíveis (Rusbult et al., 2006). Adicionalmente, a ideia de “dependência” mais característica da teoria da interdependência é substituída no modelo pelo conceito do “compromisso”, agora já nosso familiarizado. O modelo defende que uma maior dependência tende a originar um maior compromisso (Rusbult et al., 2011; Rusbult et al., 2006; Rusbult et al., 1998), mas que estes conceitos diferem na agência que o indivíduo tem sobre a manutenção da relação, onde o compromisso se distingue pela vontade consciente de manter a relação e agir de forma a que isso aconteça, enquanto a dependência, como o nome indica, se foca mais no sentimento de necessitar da relação (Rusbult et al., 2011). Neste seguimento, o conceito de dependência não-voluntária tem vindo a ser estudado na temática das relações interpessoais, inclusivamente com o IM, onde se revelou significativamente associada com o nível de compromisso, tamanho dos investimentos e qualidade das alternativas, mas não com a satisfação com a relação (Tan et al., 2017).

O IM é então composto por cinco variáveis (Fig.1), quatro delas medidas pela escala proposta originalmente (Rusbult et al., 1998) e pelas variações criadas com base no modelo (Agnew & Vanderdrift, 2018; Baker et al., 2016; Rodrigues & Lopes, 2013; Rusbult & Farrell, 1983): a satisfação com a relação, a qualidade das alternativas, o tamanho do investimento na mesma, o compromisso para com a relação e a intenção de permanecer na relação (ou estabilidade da relação), sendo esta última não contemplada na escala original. Nas próximas secções será explicado com mais detalhe no que consiste cada um destes conceitos no contexto do modelo, com exceção do compromisso, por já ter sido aprofundado anteriormente.

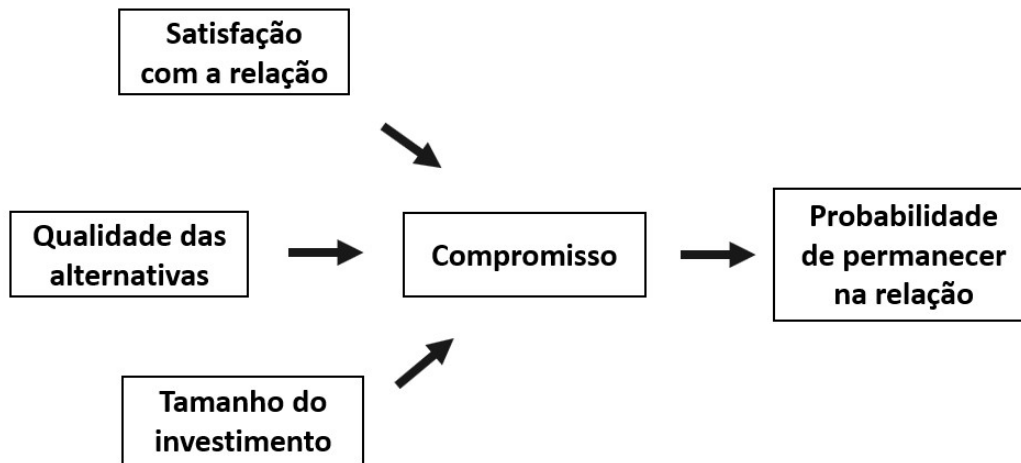


Figura 1.1: *Modelo do Investimento de Rusbult (adaptado de Rusbult et al., 1998)*

1.3.1 Satisfação com a relação

A satisfação com a relação pode ser algo complicada de definir, já que se trata de um conceito muito pessoal e individual, o que obriga os investigadores interessados na área a recorrer quase exclusivamente a métodos de autorrelato (Fincham & Beach, 2006). Para além disso, a utilização permutável de termos como satisfação com a relação, satisfação com o matrimónio e qualidade da relação (Heyman et al., 1994) complica a tarefa de definir cada um destes conceitos e, conseqüentemente, de os distinguir, principalmente quando a literatura mostra que estes também se encontram bastante correlacionados entre si (Graham et al., 2011). Ainda assim, o conceito da satisfação com a relação continua a ser visto como o principal caminho que leva ao término ou manutenção de uma relação (Jacobson, 1985) e a sua utilização na investigação é, portanto, constante (Fincham & Beach, 2006).

No contexto do IM, a satisfação com a relação é definida como a diferença entre os benefícios obtidos e o nível de comparação do indivíduo (Rusbult, 1980). Este nível de comparação do indivíduo será diferente para cada pessoa e é formado através de experiências passadas e, principalmente, nos casos de falta de experiência anterior, vivências experienciadas de forma vicariante, como relações de amigos ou casais em histórias fictícias presentes em livros ou filmes (Agnew, 2009). Desta definição, depreendemos que um indivíduo estará tão mais satisfeito com a sua relação quanto maior for a diferença entre a sua perceção dos benefícios que retira da mesma e o seu nível de comparação. No reverso, quanto menor for a diferença entre os benefícios percecionados e o nível de comparação, menor será a satisfação com a relação. Tran e colegas (2019) mencionam ainda que a satisfação é o fator que apresenta

a maior correlação com o compromisso, não querendo isto dizer que uma relação não consiga ser suportada pelos dois fatores que iremos ver de seguida, caso a satisfação com a relação seja, de facto, muito reduzida.

1.3.2 Qualidade das Alternativas

A qualidade das alternativas, no contexto do IM, é a avaliação subjetiva que um indivíduo faz da sua melhor alternativa à atual relação (Rusbult et al., 2006), e é obtida pelo mesmo processo da satisfação com a relação, isto é, comparando os possíveis benefícios a obter na alternativa com o nível de comparação individual (Rusbult, 1980). No entanto, apesar das análises da qualidade quer da relação atual, quer da melhor alternativa, serem equacionadas com o nível de comparação individual, a comparação direta entre a satisfação com a relação atual e a qualidade da melhor alternativa é feita diretamente através das diferenças entre custos e benefícios associados a cada uma das opções (Rusbult, 1980). Um indivíduo tenderá a perceber a qualidade das alternativas como maior se estas responderem a necessidades que não estão a ser satisfeitas pela relação atual (Rodrigues & Lopes, 2013). As alternativas consideradas pelo indivíduo tendem a ser externas (Rodrigues & Lopes, 2013), mas não são, necessariamente, outras relações. É possível que as alternativas em ponderação por parte do indivíduo passem por amizades, laços familiares ou até mesmo estar sozinho (Agnew, 2009; Rusbult et al., 2006).

A mera presença de alternativas atraentes para a relação atual ameaça a qualidade e persistência dessa relação (Finkel et al., 2017) e, assim sendo, a percepção de existência de uma alternativa mais benéfica à relação atual poderá levar o indivíduo a agir de forma a aproximar-se dessa realidade, deixando para trás a sua relação atual (Le & Agnew, 2003). Desta forma, percebemos que quanto mais aliantes forem as alternativas, menor será o compromisso do indivíduo para com a sua relação (Agnew, 2009). Le e Agnew (2003) lembram também um cenário inverso, onde os indivíduos não abandonam relações com baixos benefícios e altos custos por perceberem inexistência de alternativas, situação muito comum em situações de violência doméstica (Yamawaki et al., 2012). Tran e colegas (2019) mostram ainda que este fator tem o menor poder preditor no compromisso, apesar de não o ser por uma diferença de grande dimensão e de já ter sido mostrado que este fator seria o segundo (e não o terceiro) preditor mais importante do compromisso (Le & Agnew, 2003).

1.3.3 Tamanho do Investimento

No contexto do IM, entende-se por tamanho do investimento a variedade de formas com que um indivíduo está vinculado à sua relação (Rusbult & Buunk, 1993). O compromisso aumenta com a passagem do tempo, em parte porque os recursos que são gastos na relação tornam mais complicado o ato de sair da mesma (Rusbult, 1980), já que tal conduziria a uma perda total ou

parcial dos mesmos (Le & Agnew, 2003). De uma forma matemática, o tamanho do investimento é obtido através da soma de todos os tamanhos dos investimentos de determinados recursos quando multiplicados pela sua importância para o indivíduo (Rusbult, 1980). Os investimentos podem ser tangíveis ou intangíveis (Agnew, 2009), podendo ainda ser classificados entre intrínsecos ou extrínsecos (Rusbult, 1980), sendo que todos são importantes na determinação do nível de tamanho do investimento. Os investimentos tangíveis são quaisquer recursos físicos que são gastos em nome da relação, como dinheiro e outros bens materiais; os investimentos intangíveis prendem-se com fatores como o tempo e a atenção investidos na relação. A outra forma que temos para classificar os investimentos (intrínseco ou extrínseco) prende-se muito mais com os estados iniciais e relação direta dos investimentos em causa com a relação. Por exemplo, se um indivíduo estiver numa relação onde partilha a sua casa com o/a seu/sua namorado/a, uma possível separação poderá fazer com que ele perca a sua casa, mesmo que esta fosse sua ainda antes da relação. A isto chamamos um investimento extrínseco (Rusbult, 1980), já que, apesar de estar ligado à relação, não é um investimento direto da relação. Também se situam neste campo situações em que a separação poderia pôr em causa redes sociais trazidas para a relação (Rusbult et al., 1994), como por exemplo grupos de amigos de que ambos os parceiros fazem parte. Finalmente, investimentos intrínsecos são investimentos diretamente relacionados com a relação, como tempo e esforço investido (Le & Agnew, 2003). Posteriormente, Goodfriend e Agnew (2008) propuseram outra dimensão dos investimentos: o tempo. Os autores dividiram os investimentos em quatro tipos, fruto do cruzamento de dois eixos: o já estabelecido tangível/intangível e o novo passados/planeados. Esta nova vertente dos investimentos vem dividi-los entre investimentos já feitos na relação e investimentos que, apesar de ainda não terem sido colocados em prática, estão planeados e, portanto, não deixam de exercer a sua influência. Exemplos destes investimentos contêm viagens que um indivíduo possa querer fazer com o seu parceiro no futuro, ou a hipótese de virem a ter filhos juntos. Mais tarde, Lehmiller (2010) veio cimentar a importância deste novo eixo proposto por Goodfriend e Agnew (2008), indicando ainda que diferentes tipos de investimentos são mais ou menos relevantes em diferentes contextos, o que fomenta a ideia de que rever este construto na escala adaptada ao contexto dos ACs deverá ser extremamente importante, tal como iremos ver mais à frente.

Nos investimentos é ainda importante mencionar a vertente da identidade, já que os indivíduos em relações mais duradouras podem já tomar a sua relação como parte da sua identidade (Rusbult & Buunk, 1993), isto é, o investimento psicológico na relação é tão alto

que sair da relação seria sacrificar parte de si, o que, naturalmente, complicará ainda mais a sua saída da relação. Kelley (1983) refere-se a este processo como “ligar a filiação ao autoconceito”.

É possível, então, que existam cenários de alto compromisso em que o indivíduo já não tem prazer em estar na relação (baixa satisfação) e até tem melhores opções a que poderia recorrer (alta qualidade de alternativas), mas mantém-se na sua situação atual simplesmente porque o tamanho dos investimentos é demasiado alto (Agnew, 2009). Facilmente poderíamos traçar o paralelismo entre estas situações e enviesamentos lógicos (Arkes & Blumer, 1985; Kahneman, 2011), mas não só sabemos que o processo de decisão humano não é perfeito (Kahneman, 2011) e que estas especificidades no processo de tomada de decisão também têm alguma influência na componentes do próprio IM (Rodrigues et al., 2019), como também existem muitos casos específicos onde fatores externos (também contemplados neste fator dos investimentos) tornam esta a melhor opção, como por exemplo a existência de filhos e a vontade de manter uma relação viva pelo bem dos mesmos (Agnew, 2009).

1.3.4 Intenção de Permanecer na Relação

Numa perspetiva mais abrangente, a estabilidade de uma relação implica a adoção de uma orientação a longo prazo para a relação (Dwyer et al., 1987), e tem vindo a ser estudada de forma extensa no contexto do compromisso (Rhoades et al., 2010). No contexto do IM, a intenção de permanecer numa relação será ditada pelo compromisso do indivíduo com a mesma, o que por sua vez é fruto da junção dos fatores da satisfação, qualidade das alternativas e tamanho do investimento (Rusbult, 1980, 1983). Assim sendo, segundo o IM, a estabilidade de uma relação será tão maior quanto maior for o compromisso dos seus indivíduos à mesma, compromisso esse que será maior em situações onde a satisfação com a relação é alta, as alternativas não são de qualidade e o nível de investimento na mesma é alto (Agnew, 2009). Uma relação pode ser suportada por qualquer um destes fatores ou por uma junção de todos eles (Agnew, 2009). O estudo dos diferentes componentes do IM ajuda-nos a perceber a sua importância no bem-estar dos indivíduos e estabilidade da relação (Rusbult et al., 2006), possibilitando também perceber as lacunas de uma relação que não está a ser satisfatória e como será possível reverter a situação. A razão pela qual um maior nível de compromisso leva a uma maior intenção de permanecer na relação (estabilidade da relação) prende-se com o facto de o compromisso influenciar as ações diárias dentro de uma relação e mediar os efeitos da satisfação, das alternativas e dos investimentos no comportamento (Rusbult et al., 2011). Assim, tal como foi visto anteriormente, indivíduos mais comprometidos têm uma maior tendência para terem comportamentos pró-relação, estando mais propensos para agir de forma a que promovem a persistência e estabilidade de uma relação (Rodrigues & Lopes, 2013;

Rusbult et al., 2011; Rusbult & Righetti, 2009). São exemplos disto cenários em que: (a) um integrante escolhe agir de forma amável e compreensiva em detrimento de comportamentos mais vingativos (Arriaga & Rusbult, 1998; Kilpatrick et al., 2002); (b) criar percepções deterioradas de alternativas e ilusões demasiado positivas da relação atual para racionalizar a relação atual como a melhor opção possível (Lydon et al., 1999; Rodrigues & Lopes, 2013), cenário esse também fundamentado pelo conceito da dissonância cognitiva (Festinger, 1957); ou (c) dar mais importância às preferências do parceiro, colocando as suas próprias preferências de parte (Powell & Van Vugt, 2003). É importante referenciar que estes comportamentos pró-relação nascem de altos níveis de compromisso em específico, e não necessariamente de altos níveis de satisfação, ideia que não era comumente aceita antes do estabelecimento do IM (Rusbult et al., 2011).

1.4 O IM aplicado ao contexto dos animais de companhia

As duas grandes entradas na literatura em relação ao IM no contexto dos ACs são o estudo realizado por Collisson (2015), precisamente sobre a aplicação das variáveis preditoras presentes no IM ao compromisso e intenções de abandono de ACs, e a escala proposta por Baker e colegas (2016), onde os autores validaram uma adaptação para o contexto dos ACs da escala original proposta para o IM (IMS; Rusbult et al., 1998). Em geral, e em termos teóricos, o IM e as suas dimensões aparentam ser aplicáveis ao contexto dos ACs, ainda que de forma não completamente linear.

É importante realçar que, embora tenham alterado e aplicado de forma bem-sucedida a IMS ao contexto dos ACs, Baker e colegas (2016) não se propuseram a validar o instrumento para este contexto, mas sim mostrar que o IM (Rusbult, 1980) e as suas componentes podem ser aplicados aos ACs. Esta ressalva é aqui feita para que seja claro que ainda que já exista uma versão da IMS aplicada com sucesso aos ACs, esta não foi validada de forma cuidada e não foram reportados valores psicométricos referentes à mesma. Este dado irá explicar os cuidados acrescidos na validação do nosso instrumento no Estudo 2.

Olhando primeiro para os pontos não problemáticos da adaptação, podemos mencionar que a literatura não indicava haverem problemas na passagem dos conceitos do “compromisso” e da “satisfação” para o contexto dos ACs. Baker e colegas (2016) falam ainda do paralelismo entre os já mencionados comportamentos pró-relação (Rusbult & Buunk, 1993) e comportamentos como perdoar um AC, depois deste agir de forma indesejada, já que ambos remetem para as ideias de perdoar, acomodar e sacrificar em nome da outra metade da relação, anteriormente um parceiro amoroso, agora um AC. A ideia de que estas dimensões do modelo

se traduzem bem para o contexto dos animais é suportada pelas nossas duas grandes bases teóricas (Baker et al., 2016; Collisson, 2015).

Em contrapartida, os conceitos de “qualidade das alternativas” e de “tamanho do investimento” são um pouco mais complicados. Em termos teóricos, ambos os artigos mencionados (Baker et al., 2016; Collisson, 2015) indicam não existir problemas relacionados com o “tamanho do investimento”, mas acreditamos que esta variável possa ser algo problemática neste novo contexto, pelo menos na forma como é medida presentemente. Acreditamos que esta dificuldade de tradução do conceito para o paradigma dos ACs se deva às especificidades relacionadas com os investimentos extrínsecos no modelo original (Rusbult, 1980). A título ilustrativo, vamos referir um dos exemplos anteriormente mencionados: as redes relacionais que seriam postas em causa com o término da relação (Rusbult et al., 1994). No cenário dos relacionamentos amorosos, é fácil perceber porque razão o término da relação poderia complicar relacionamentos adjacentes, como aqueles estabelecidos com amigos ou parentes do parceiro. No entanto, excetuando ambientes mais específicos, isto não se traduz para os ACs.

Adicionalmente, o IM não explora em grande detalhe o conceito do compromisso moral (Johnson et al., 1999), especialmente quando comparado com outros modelos relacionados com o compromisso (Johnson, 1973, 1991). Este conceito trata o sentimento de obrigação ética de permanecer numa relação, e, portanto, deverá ser bastante adequado ao contexto em estudo, dadas as atitudes em relação ao abandono e maus-tratos de animais (Martin et al., 2021). Para além disso, sabemos que a perceção de moralidade e crenças gerais sobre a opinião de agentes externos em relação aos comportamentos de um indivíduo têm influência no processo de tomada de decisão e formulação da intenção de agir de determinada forma (Ajzen, 1985, 1991; Ajzen & Fishbein, 1980; Fishbein & Ajzen, 1975), ideia que vai ao encontro da definição de compromisso como sendo a intenção de permanecer numa relação (Agnew, 2009). No contexto dos ACs, tal como veremos em secções posteriores, será então pertinente explorar a ideia de que um dos investimentos sentidos em relação ao AC é o de que abandonar ou doar o animal sem uma razão plausível será mal visto por agentes externos e poderá levar a consequências em outros campos da vida do indivíduo, como relações pessoais ou profissionais. A ligação entre este conceito e o construto dos investimentos já foi explorada anteriormente tendo por base precisamente o IM (Rodrigues & Lopes, 2015), sendo essa a razão para o incluirmos nesta variável em detrimento das restantes.

Finalmente, a “qualidade das alternativas” também apresenta alguns problemas. Baker e colegas (2016) não reportaram dificuldades na transição do conceito, mas Collisson (2015)

discorda. Collisson (2015) reportou num dos estudos incluídos no seu artigo que a “satisfação” e o “tamanho do investimento” estavam relacionados com o compromisso, mas a “qualidade das alternativas” não o estava. Esta dificuldade sentida por Collisson (2015) deverá ser explicada pelas inerentes diferenças nos contextos que levam, entre outros pontos, a uma interpretação distinta dos conceitos que formam os itens. No contexto das relações amorosas, e dada a prevalência das relações monogâmicas (Schacht & Kramer, 2019), uma pergunta que incluía a ideia de ter “outro” parceiro irá subentender, para uma grande parte dos participantes, que o parceiro atual seria substituído. No caso dos animais, no entanto, isto não se verifica, já que não só é possível, mas comum (Krahn et al., 2015) ter mais do que um animal. Adicionalmente, questões como “As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são atraentes para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.)” também podem levantar questões na medida em que as atividades que realizamos com os nossos ACs não são equivalentes às que podemos realizar com os nossos amigos, pelo que algumas desvantagens dos ACs mencionadas anteriormente eram precisamente o tempo despendido para cuidar do seu AC e as restrições ao estilo de vida (Bonas et al., 2000). No contexto dos parceiros românticos, esta questão tem muito mais peso, já que são vários os cenários em que podemos ter que escolher realizar determinada atividade com amigos ou parceiros românticos. A título de exemplo, imaginemos que vai estreiar um filme muito antecipado e ambos os meus amigos e a minha namorada querem ir vê-lo comigo na noite de estreia, mas não o querem fazer juntos. Aqui, eu estaria numa posição em que teria de escolher uma das opções (ou ficar sozinho), posição essa onde poderíamos remeter facilmente para o conceito de compromisso e dos comportamentos pró-relação. No entanto, dado que o meu AC não pode vir comigo ao cinema, escolher ir ao cinema com os meus amigos ou namorada não indicaria necessariamente um menor compromisso para com ele. Não entrando em cenários de negligência, não é esperado que um indivíduo passe todo o seu tempo livre na companhia do seu AC em detrimento de outras atividades e/ou relações humanas que possa ter.

1.5 Escalas Anteriores

Tal como mencionado atrás, a investigação que se debruça sobre a temática dos ACs tende a focar-se no conceito da vinculação, pelo que as escalas desenvolvidas e utilizadas refletem essa realidade. Assim, que seja de nosso conhecimento, as duas principais escalas que vêm ligar o conceito de compromisso com os ACs são a escala Miller-Rada de compromisso com os animais (Staats et al., 1996) e a adaptação da escala original do IM (Rusbult et al., 1998) para o contexto dos ACs (Baker et al., 2016), sendo esta última a base estrutural para a escala a ser

desenvolvida nesta dissertação. Podemos ainda mencionar a medida *Commitment to Pets*, fruto de um trabalho mais recente (Rauktis et al., 2021), que vem tentar colmatar a falta de investigação feita sobre o compromisso neste contexto. Esta escala, no entanto, baseia-se numa escala sobre a vinculação para com os ACs - a escala de Johnson et al. (1992) e não nos construtos do IM (Rusbult, 1980), pelo que não será considerada como uma base estrutural da escala em desenvolvimento. Ainda assim, é um estudo que vem mostrar que a lacuna existente na temática também foi identificada por outros autores, cimentando a relevância deste tipo de trabalho.

A escala de Baker e colegas (2016), tal como descrito em mais detalhe na secção do método do Estudo 2, será uma das duas grandes bases para a escala em desenvolvimento. O antecedente da nossa escala é, obviamente, a escala original do IM (IMS; Rusbult et al., 1998), e serão feitos todos os esforços para manter intactas as ideias do modelo originalmente proposto pela autora (Rusbult, 1980). O Estudo 1, tal como veremos mais à frente, irá partir precisamente da versão traduzida (Rodrigues & Lopes, 2013) da IMS original (Rusbult et al., 1998) nesta primeira tentativa de adaptação da escala ao contexto dos ACs.

É ainda importante fazer referência ao anteriormente mencionado artigo de Collisson (2015), onde o autor utiliza, ainda que fruto de uma adaptação pouco formal, uma versão da IMS (Rusbult et al., 1998) adaptada ao contexto dos ACs, sendo esta, tanto quanto pudemos encontrar, a primeira tentativa de fazer algo desta natureza.

Ainda que não estejam diretamente relacionadas com os conceitos a serem tratados nesta dissertação, é ainda importante referir que estas não são as únicas escalas a tratar do tema dos ACs. Escalas como a LAPS (Johnson et al., 1992), a *Pet Attitude Scale* (Templer et al., 1981), a *Companion Animal Bonding Scale* (Poresky et al., 1987), a CCAS (Zasloff, 1996), ou a PAQ (Zilcha-Mano et al., 2011) medem outros conceitos extremamente relevantes para a área, nalguns casos chegando a sobrepor conceitos ou itens com as escalas mais dentro do nosso tema em específico. Dentro destas escalas que tratam dimensões semelhantes, é necessário dar especial destaque à POCS (Oliva & Johnston, 2022), não só pela proximidade de temática, mas também por ter uma data de publicação muito recente, ilustrando bem, uma vez mais, a relevância do tema dos ACs.

1.6 Objetivos do Presente Trabalho e Plano de Estudos

A validação de instrumentos de medida é extremamente importante para a produção de ciência (DeVellis, 2012), já que a utilização de instrumentos de medida que tenham sido estudados e provados como sendo fiáveis garante uma maior qualidade às medidas que utilizamos (Lopes

& Pinto, 2016), oferecendo uma maior confiança em relação às qualidades psicométricas dos itens em uso (Furr & Bacharach, 2014). Ao utilizar uma escala anteriormente validada, podemos contornar as questões que normalmente se põem a questionários usados em qualquer tipo de testagem, como “Será que estamos mesmo a medir o construto que nos propusemos a medir?” (i.e., a validade). A utilização de escalas validadas apresenta, no entanto, complicações logísticas. Nem sempre existem escalas para medir exatamente o que pretendemos, ou as mesmas podem existir unicamente noutra língua ou adaptadas a outra população (Tsang et al., 2017). Para além disso, o processo de construção e/ou validação de uma escala é demorado e bastante específico (Juniper, 2009), o que também poderá demover alguns investigadores da ideia de se proporem a um trabalho desta natureza.

Sendo um país pequeno com uma língua oficial não inglesa, os investigadores portugueses têm muitas vezes que recorrer à tradução literal de escalas em inglês ou à utilização de escalas brasileiras ou espanholas com pequenas alterações, sendo que nenhuma das opções é ideal a nível psicométrico (Juniper, 2009). Assim, o objetivo geral desta dissertação é contribuir, ainda que a um nível pequeno, para um futuro de recolha de dados com uma maior confiança psicométrica em Portugal. Este tipo de trabalho permite não só ajudar investigadores nacionais, mas também, por consequência, a comunidade em geral, já que dados mais fidedignos permitem perceber com mais exatidão os problemas a serem investigados.

Em termos específicos, esta dissertação tem como objetivo a tradução e validação para Português Europeu da escala proposta por Baker e colegas (2016), sendo esta uma adaptação da escala originalmente proposta para o IM (a IMS; Rusbult et al., 1998) para o contexto dos ACs. Visamos ainda manter os conceitos e estrutura originalmente propostos para o modelo em questão (Rusbult, 1980; Rusbult et al., 1998), criando assim uma versão funcional da IMS para este novo paradigma.

CAPÍTULO 2

Estudo 1

O objetivo do Estudo 1 foi o de realizar uma primeira aplicação em Portugal da escala do IM (IMS; Rusbult et al., 1998) ao contexto dos ACs. Neste primeiro estudo, utilizámos a versão portuguesa da IMS (Rodrigues & Lopes, 2013) adaptada de forma direta a este contexto, alterando apenas em todos os itens da escala a palavra “companheiro” para “animal de companhia”. A subsequente análise da estrutura fatorial permitiu-nos perceber que itens estariam a ser problemáticos nesta aplicação do modelo e, conseqüentemente, deveriam ser alvo de um maior trabalho.

2.1 Método

2.1.1 Participantes

O nosso primeiro estudo contou com uma amostra de 834 participantes válidos (ver secção do procedimento), com idades entre 18 e 79 anos. A maioria dos participantes era do sexo feminino (87.3%), licenciada (45.1%), católica (52.5%), estava empregada de forma permanente (59.8%) e vivia num apartamento (56.4%) no momento da recolha. Estes e outros dados sociodemográficos podem ser consultados na Tabela 2.1.

Como se pode observar na Tabela 2.1., é de realçar a discrepância existente no sexo dos participantes, onde as participantes do sexo feminino estão em clara vantagem. No entanto, segundo a literatura (Herzog, 2007), as diferenças entre homens e mulheres referentes às variáveis relevantes para este estudo não tendem a ser acentuadas. Assim sendo, podemos prosseguir para a análise sem que estes valores representem uma limitação.

Os participantes foram selecionados através de um processo de amostragem não probabilístico por conveniência (Taherdoost, 2016). Os únicos requisitos de inclusão no estudo foram: (a) ter pelo menos 18 anos; (b) compreender fluentemente português europeu; e (c) ter atualmente um AC. A participação foi voluntária e não tinha associada nenhum tipo de compensação, nem qualquer tipo de risco esperado.

Para a realização de uma análise fatorial com o número de itens em consideração, a literatura indica que precisaríamos de pelo menos 110 participantes (5 vezes o número de itens), já que contamos com mais de 15 itens na escala total (Hill & Hill, 2000). Como nos foi possível recolher e analisar uma amostra de 834 respostas válidas, este requisito foi assegurado.

Tabela 2.1 - Caracterização sociodemográfica da amostra do Estudo 1

<hr/>	
N = 834	
<hr/>	
Sexo	
Feminino	728 (87.3%)
Masculino	105 (12.6%)
Outro	1 (0.1%)
Nível de Escolaridade	
Inferior ao ensino secundário	23 (2.8%)
Ensino secundário	298 (35.7%)
Bacharelato/Licenciatura	376 (45.1%)
Mestrado/Doutoramento	122 (14.6%)
Outro	15 (1.8%)
Orientação Política	
Extrema esquerda	6 (0.7%)
Esquerda	192 (23.0%)
Centro	95 (11.4%)
Direita	95 (11.4%)
Extrema direita	4 (0.5%)
Sem orientação política	442 (53.0%)
Religião	
Sem religião	291 (34.9%)
Católica	438 (52.5%)
Cristã não católica	63 (7.6%)
Outra	42 (5.0%)
Situação Laboral	
Emprego permanente	499 (59.8%)
Emprego temporário	53 (6.4%)
Trabalhador/a Estudante	31 (3.7%)
Estudante	112 (13.4%)
Desempregado/a	76 (9.1%)
Reformado/a	50 (6.0%)
Doméstico/a	12 (1.4%)
Nível de Rendimento Mensal	
<= 580€	198 (23.7%)
581-999€	261 (31.3%)

<i>N</i> = 834	
1000-1999€	290 (34.8%)
2000-4999€	80 (9.6%)
= > 5000€	5 (0.6%)
Estado Civil	
Solteiro/a sem relação	177 (21.2%)
Solteiro/a numa relação	145 (17.4%)
Solteiro/a numa união de facto	136 (16.3%)
Casado/a	247 (29.6%)
Viúvo/a	14 (1.7%)
Divorciado	114 (13.7%)
Tipo de Habitação	
Apartamento	470 (56.4%)
Moradia	321 (38.5%)
Quinta	29 (3.5%)
Outro	14 (1.7%)
Meio de Habitação	
Meio urbano	489 (58.6%)
Meio suburbano	186 (22.3%)
Meio rural	159 (19.1%)
<i>M (SD)</i>	
Idade	41.76 (13.54)

2.1.2 Instrumentos

Escala do modelo do investimento (IMS).

A escala do modelo do investimento foi proposta originalmente por Rusbult e colegas (1998), sendo validada e encurtada para português posteriormente (Rodrigues & Lopes, 2013). Esta escala, tal como visto anteriormente, propõe-se a medir as variáveis previstas no modelo do Investimento de Compromisso de Rusbult (Rusbult, 1980), ou seja, compromisso, satisfação com a relação, qualidade das alternativas e tamanho do investimento referentes ao relacionamento do participante, tendo cada uma destas uma subescala para a medir diretamente. Para o presente estudo, procedeu-se à adaptação dos itens da escala validada ao contexto em questão através da substituição de todas as instâncias de “companheiro” por “animal de companhia”, fazendo outros pequenos ajustes necessários nos itens. A escala resultante contava

então com o mesmo número de itens que a escala original, distribuídos da mesma forma e pelos mesmos construtos.

A satisfação com a relação foi medida com recurso a cinco itens (e.g., “Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia”). Na versão original da escala validada para português (Rodrigues & Lopes, 2013), esta dimensão apresentava um elevado nível de consistência interna ($\alpha = .91$). De seguida, a qualidade das alternativas foi avaliada através de cinco itens (e.g., “Outros animais de companhia que poderia ter (que não o meu animal de companhia atual) são muito apelativos para mim”). Também esta dimensão contava com um valor de consistência interna bastante satisfatório ($\alpha = .85$). De igual forma, o tamanho do investimento foi também medido com cinco itens (e.g., “Eu investi tanto no relacionamento com o meu animal de companhia que acabaria por perder tudo se este relacionamento terminasse”), apresentando um valor de consistência interna igualmente desejado ($\alpha = .82$). Finalmente, o compromisso foi medido com recurso a sete itens (e.g., “Estou comprometido/a a manter o relacionamento com o meu animal de companhia”), sendo esta a única subescala com itens que carecem de inversão (itens 18 e 19). Tal como anteriormente, o valor de consistência interna observado no compromisso foi bastante elevado ($\alpha = .88$).

Desta forma, a escala do modelo do investimento aplicada aos ACs conta com um total de 22 itens, todos eles cotados numa escala Likert de 1 a 7 consoante o nível de concordância do participante com o item apresentado, onde “1 - Discordo totalmente” e “7 - Concordo totalmente” são os extremos da escala de resposta e os únicos valores com legenda presente em adição ao valor numérico. Adicionalmente, e porque será relevante posteriormente, é de mencionar que todas as subescalas originais do IMS (Rusbult et al., 1998) apresentavam elevados valores de consistência interna, sendo pelo menos “muito bons” segundo Kline (2015).

2.1.3 Procedimento¹

Os dados foram recolhidos através de um questionário online criado no Qualtrics (<https://www.qualtrics.com/>) enviado diretamente aos participantes através de redes sociais (e.g., Facebook) e aplicações de mensagens (e.g., WhatsApp), pedindo que voluntariassem o seu tempo. O consentimento dos participantes foi recolhido através da sua resposta afirmativa após leitura de uma página inicial com as informações relativas ao nosso estudo, possíveis vantagens e riscos individuais associadas à participação (que eram previstos como sendo nulos),

¹ Os dados analisados neste Estudo 1 foram recolhidos em anos transatos no âmbito das dissertações dos colegas João Pedro Varela e Raquel Santos, a quem agradeço pelo trabalho desenvolvido e desejo as maiores felicidades no futuro.

e o compromisso dos investigadores em relação à manutenção de confidencialidade e anonimato das respostas. Depois da obtenção deste consentimento, os participantes responderam a questões sociodemográficas, alguns itens gerais sobre os seus ACs (e.g., “Que tipos de animais já teve?”), e finalmente à escala em análise (ver secção “Instrumentos”). A participação de cada indivíduo demorou, em média, cerca de 10 minutos.

Depois de recolhida a amostra, a subsequente análise estatística foi realizada com recurso ao SPSS (Versão 27). Nesta fase inicial, a amostra obtida diretamente da recolha contava com 1681 participantes. Foi feito um primeiro tratamento da base de dados onde foram retiradas respostas nulas, participantes que não deram o seu consentimento para participar no estudo ou não responderam à IMS na sua totalidade, e outras respostas que se encontrassem demasiado padronizadas ou espelhassem dados pouco lógicos (e.g., responder com pontuações elevadas a vários itens de compromisso, incluindo aqueles codificados de forma inversa, transmitindo uma noção contrária e sem sentido). A amostra final ficou então composta pelos 834 participantes mencionados anteriormente (ver secção Participantes), registando-se assim uma taxa de *dropout* de 50.4%. Ainda que este valor possa parecer bastante elevado, é de lembrar que é maioritariamente composto por respostas que não poderiam ser analisadas de qualquer forma, sendo que as respostas padronizadas e/ou pouco lógicas só compõem cerca de 3% de todos os participantes excluídos da análise. De qualquer forma, a amostra final de 834 continua a ser avaliada como “muito boa” para o tipo de análise a ser realizada (Comrey & Lee, 1992).

Na análise estatística deste estudo foi desenvolvida através de uma análise fatorial exploratória através do método “Principal Axis Factoring”. Fruto de investigação prévia que indica que as variáveis do IM estão correlacionadas entre si (Rusbult et al., 1998; Rodrigues & Lopes, 2015), a análise foi conduzida recorrendo a uma rotação oblíqua (Promax). Foram considerados valores de peso superiores a .40 como sendo adequados no processo de decisão da estrutura fatorial dos dados obtidos.

2.2 Resultados

Na Tabela 2.2, podem ser observadas as análises descritivas dos itens da IMS adaptada, estando incluídos ainda os itens que posteriormente foram retirados durante a análise fatorial. No que toca às distribuições das respostas aos itens em análise, podemos mencionar que, em relação à assimetria, quatro itens (i.e., 8, 9, 11 e 13) apresentaram uma distribuição simétrica, quatro itens (i.e., 7, 10, 12 e 14) apresentaram uma assimetria positiva, e 14 itens (i.e., 1, 2, 3, 4, 5, 6, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22) apresentaram uma assimetria negativa. Adicionalmente, relativamente à curtose, três itens (i.e., 3, 14 e 19) apresentaram uma distribuição mesocúrtica,

nove itens (i.e., 1, 4, 5, 16, 17, 18, 20, 21 e 22) apresentaram uma distribuição leptocúrtica, e 10 itens (i.e., 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 15) apresentaram uma distribuição platicúrtica. Ainda que não sejam problemáticas, as distribuições verificadas, que se encontram algo enviesadas, apontam no sentido de os itens não estarem a desempenhar a sua função da forma desejada.

Tabela 2.2 - *Análise descritiva dos itens da IMS aplicada ao contexto dos ACs - Estudo 1*

Itens	Descritivas						
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>S</i>	<i>SE S</i>	<i>K</i>	<i>SE K</i>
1) Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.	834	6.71	0.75	-3.60	.09	16.14	.17
2) O relacionamento com o meu animal de companhia é muito melhor do que os relacionamentos de outras pessoas com os seus animais de companhia.	834	4.95	1.78	-0.63	.09	-0.40	.17
3) O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de intimidade, companhia / companheirismo, etc.	834	5.22	1.85	-0.83	.09	-0.31	.17
4) O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal para mim.	834	5.98	1.40	-1.53	.09	2.03	.17
5) O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.	834	6.61	0.88	-2.77	.09	8.93	.17
6) Outros animais de companhia que poderia ter (que não o meu animal de companhia atual) são muito apelativos para mim.	834	4.57	2.05	-0.38	.09	-1.06	.17
7) Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem, pois encontraria outro animal com o qual me poderia relacionar.	834	3.43	2.07	0.31	.09	-1.14	.17
8) Consigo encontrar alternativas ao relacionamento como meu animal de companhia que são próximas do que eu considero ser ideal para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	834	3.98	2.06	0.00	.09	-1.20	.17

Itens	Descritivas						
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>S</i>	<i>SE S</i>	<i>K</i>	<i>SE K</i>
9) As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são atraentes para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	834	3.81	2.00	0.06	.09	-1.13	.17
10) As minhas necessidades de intimidade, companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.	834	2.56	1.66	0.77	.09	-0.42	.17
11) Eu investi tanto no relacionamento com o meu animal de companhia que acabaria por perder tudo se este relacionamento terminasse.	834	3.70	2.05	0.13	.09	-1.23	.17
12) Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia tudo isto caso o este relacionamento terminasse.	834	3.24	1.99	0.49	.09	-0.93	.17
13) Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia. uma vez que fiz grandes investimentos nele.	834	3.98	2.16	-0.04	.09	-1.36	.17
14) Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (p.e., os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia)	834	2.57	1.90	0.97	.09	-0.30	.17
15) Em comparação com outras pessoas que conheço, eu investi bastante no relacionamento com o meu animal de companhia	834	4.30	2.00	-0.22	.09	-1.08	.17
16) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure por muito tempo	834	6.79	0.71	-4.37	.09	21.54	.17
17) Estou comprometido/a a manter o relacionamento com o meu animal de companhia	834	6.76	0.78	-4.10	.09	19.35	.17

Itens	Descritivas						
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>S</i>	<i>SE S</i>	<i>K</i>	<i>SE K</i>
18) Não ficaria muito aborrecido se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo (R)	834	6.61	1.21	-3.59	.09	12.48	.17
19) Durante o próximo ano, é provável que venha a ter outros animais de companhia para além do que tenho atualmente (R)	834	5.60	1.92	-1.24	.09	0.28	.17
20) Sinto-me muito apegado ao relacionamento que tenho com o meu animal de companhia	834	6.31	1.23	-2.09	.09	4.28	.17
21) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure para sempre	834	6.32	1.33	-2.21	.09	4.50	.17
22) Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos).	834	6.57	1.05	-2.95	.09	9.14	.17

Nota: (R) indica que o item foi codificado de forma inversa. S assimetria, SE S erro padrão da assimetria, K curtose, SE K erro padrão da curtose

2.2.1. Análise fatorial

Para analisar a estrutura fatorial subjacente aos nossos dados, realizámos quatro análises exploratórias utilizando as especificações mencionadas anteriormente. A primeira análise, onde não forçámos o número de fatores, mostrou uma estrutura de cinco fatores a explicar 56.72% da variância total ($KMO = .86$). Olhando para a matriz padrão desta análise, descartámos três itens (6, 18 e 19) por não terem um valor de peso superior a .40 em nenhum fator e refizemos a análise fatorial. A segunda análise manteve a estrutura a cinco fatores, passando agora a explicar 62.79% da variância total ($KMO = .85$).

Como o objetivo desta dissertação passa por adaptar a IMS e respetivo modelo base ao contexto dos ACs, conduzimos uma nova análise, desta vez voltando a utilizar todos os itens, mas forçando uma estrutura de quatro fatores (i.e., a estrutura original da IMS; Rusbult et al., 1998). Esta terceira análise revelou uma estrutura que indicava explicar 51.16% da variância total ($KMO = .86$). Inspeccionando a matriz padrão desta análise, removemos quatro itens (2, 6, 18 e 19) por não terem um valor de peso superior a .40 em nenhum fator e refizemos a análise fatorial. A quarta e última análise, ainda forçando à extração de quatro fatores, revelou uma

estrutura capaz de explicar 58.78% da variância total (KMO = .85). Na Tabela 2.3 podem ser consultados os valores relativos aos pesos de cada item em cada um dos fatores presentes na matriz padrão desta última análise, bem como os valores próprios (*eigenvalues*) e alfas de Cronbach dos fatores finais.

Tabela 2.3 - Análise fatorial exploratória da IMS (estrutura final do Estudo 1)

Itens	Fator				Correlações Item-Fator Corrigidas
	Compromisso	Investimentos	Satisfação	Alternativas	
1) Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.	.19	-.16	.51	.05	.43
3) O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de intimidade, companhia / companheirismo, etc.	-.05	.25	.54	.01	.54
4) O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal para mim.	-.10	.05	.81	.03	.65
5) O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.	.27	-.08	.65	.03	.61
7) Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem. pois encontraria outro animal com o qual me poderia relacionar.	-.12	.02	.16	.42	.39
8) Consigo encontrar alternativas ao relacionamento como meu animal de companhia que são próximas do que eu considero ser ideal para mim (por exemplo. passar tempo com amigos. estar sozinho/a. etc.).	.07	.01	-.05	.77	.56
9) As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são atraentes para mim (por exemplo. passar tempo com amigos. estar sozinho/a. etc.).	.07	.02	.10	.78	.56
10) As minhas necessidades de intimidade. companhia. etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.	-.10	.07	.11	.49	.46
11) Eu investi tanto no relacionamento com o meu animal de companhia que	.02	.72	-.02	-.01	.61

Itens	Fator				Correlações Item-Fator Corrigidas
	Compromisso	Investimentos	Satisfação	Alternativas	
acabaria por perder tudo se este relacionamento terminasse.					
12) Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas. etc.) e eu perderia tudo isto caso o este relacionamento terminasse.	-.04	.79	-.04	-.00	.65
13) Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia. uma vez que fiz grandes investimentos nele.	.11	.66	-.03	.07	.60
14) Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (p.e., os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia)	-.10	.62	.00	.06	.52
15) Em comparação com outras pessoas que conheço. eu investi bastante no relacionamento com o meu animal de companhia	.10	.50	.11	-.02	.52
16) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure por muito tempo	.84	-.07	-.02	.02	.68
17) Estou comprometido/a a manter o relacionamento com o meu animal de companhia	.63	-.10	.17	.08	.57
20) Sinto-me muito apegado ao relacionamento que tenho com o meu animal de companhia	.50	.14	.13	-.12	.59
21) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure para sempre	.57	.17	-.01	-.09	.60
22) Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo (por exemplo. imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos).	.82	.03	-.16	-.02	.67
<i>Eigenvalue</i>	5.11	2.21	2.06	1.20	-
Alpha de Cronbach	.81	.80	.72	.70	-

Nota: Os valores a negrito representam o valor de peso mais alto para o item e, conseqüentemente, em que fator foi incluído. Os números apresentados antes de cada item referem-se à ordem em que estes itens foram apresentados ao participante durante o Estudo 2.

Finalmente, foram construídas novas variáveis fazendo a média dos valores dos itens inseridos em cada um dos respetivos fatores. As correlações inter-fatores, bem como a média e o desvio-padrão, estão presentes na Tabela 2.4. Na sua maioria, as correlações verificadas apresentavam todas valores superiores a .3, tendo então um tamanho de efeito pelo menos médio (Cohen, 1992). Especial destaque para a correlação entre a Satisfação e o Compromisso, que apresentou o maior valor ($r = .54$), tendo ainda um tamanho de efeito grande (Cohen, 1992). Em contrapartida, as correlações estabelecidas entre a qualidade das alternativas e as restantes dimensões deixam um pouco a desejar, apresentando uma única correlação significativa (Compromisso, $r = .16$), sendo essa de tamanho de efeito baixo (Cohen, 1992).

Tabela 2.4 - Estatísticas descritivas e correlações inter-fatores do Estudo 1

	<i>M (SD)</i>	Correlações			
		1	2	3	4
1. Compromisso	6.55 (0.79)	-			
2. Investimentos	3.56 (1.50)	.37**	-		
3. Satisfação	6.13 (0.95)	.54**	.42**	-	
4. Alternativas	3.45 (1.42)	-.13**	-.02	-.04	-

** $p < .010$

2.3 Discussão

Neste primeiro estudo tínhamos como objetivo realizar uma primeira aplicação de uma versão da IMS ao contexto dos ACs em Portugal, esperando que a subsequente análise fatorial nos permitisse dar um primeiro passo na obtenção de uma adaptação dos conceitos propostos por Rusbult no seu IM.

Olhando para esta primeira aplicação da escala como a análise exploratória que é, podemos ver que este primeiro passo na validação da IMS para o contexto desejado obtém um balanço positivo. Seria ambicioso esperar que uma tradução direta dos conceitos originalmente propostos para relações amorosas, funcionasse no contexto das relações homem-animal de companhia. Assim, identificar possíveis áreas a afinar em versões futuras deste novo tipo de IMS deve ser visto como o principal objetivo desta análise.

Tendo como base a aplicação clássica do IM (Rusbult, 1980, 1983), a estrutura proposta pela análise fatorial não diverge muito daquela que foi proposta inicialmente para a IMS (Rusbult et al., 1998). Com cinco fatores, apenas mais um que a estrutura originalmente proposta, vemos que os itens e conceitos propostos no IMS para serem aplicados a relações

amorosas não estão a ter uma tradução demasiado atribulada para este novo contexto. Todos os itens referentes ao tamanho do investimento, por exemplo, ficaram colocados no mesmo fator, sem que nenhum outro item lá estivesse. Ainda que tenhamos cortado alguns itens na análise deste primeiro estudo, não deixa de ser um bom começo o facto de os itens estarem a organizar-se minimamente como previsto pelo modelo original, indicando que é possível criar, com algum trabalho adicional, uma escala que simultaneamente mantém a estrutura da IM e acede às especificidades deste novo contexto, descurando aquelas que não transitam logicamente do contexto amoroso. Assim, ainda que a estrutura final a quatro fatores tenha sido funcional, visto que a primeira estrutura proposta era composta por cinco fatores, será do nosso interesse tentar desenvolver outra análise fatorial após o mencionado afinamento da escala, tal como vamos ver posteriormente.

Outro ponto positivo a retirar desta primeira análise são as correlações significativas entre cada uma das três componentes predictoras e a variável chave deste modelo, o compromisso. Dado que a IMS tem como raciocínio base o modelo que pressupõe estas relações, encontrar estas correlações significativas com o sentido desejado para cada uma das variáveis é uma grande conquista numa altura tão precoce do nosso trabalho. Ainda assim, as correlações verificadas foram algo baixas e, entre algumas variáveis que não o compromisso, não significativas, sendo mais um ponto a favor da condução de um novo estudo.

A grande limitação desta primeira escala proposta foi o conceito da “Qualidade das Alternativas”. Na primeira estrutura proposta, os itens desta componente não foram colocados no mesmo fator, obtendo-se uma divisão de dois itens por dois fatores isolados e um quinto item que não foi colocado em nenhum dos cinco fatores propostos. Esta divisão anómala só foi observada nesta componente, sendo que todas as restantes viram os seus itens agrupados ou excluídos. A dificuldade sentida com esta componente deverá estar associada à complexidade da aplicação do conceito para o contexto dos ACs. A ideia de “substituir” ou “arranjar outro” animal de companhia é substancialmente mais difícil de traduzir do que o conceito de estar “satisfeito”, já que falar em “arranjar outro/a” parceiro/a amoroso/a” tende a remeter, tal como anteriormente mencionado, para a ideia de trocar o parceiro por outro, dada a prevalência das relações monogâmicas (Schacht & Kramer, 2019), o que não se espelha no contexto dos ACs, onde é bastante normativo ter mais que um AC. Adicionalmente, a ideia de “substituir” um AC levanta a questão adicional dos diferentes tipos de opções de ACs, não estando restrito a uma única espécie, o que, obviamente, não é o caso nos parceiros amorosos e não foi previsto pelo IM. Finalmente, e como vimos anteriormente, muitos indivíduos com ACs consideram-nos

parte da sua família (do Vale et al., 2021; Irvine & Cilia, 2017), o que igualmente complica a ideia de arranjar “alternativas” para o mesmo.

Outras limitações que podemos ainda mencionar são os valores de consistência interna de cada fator e os valores de dispersão obtidos para cada item. Os valores de consistência interna que foram obtidos para cada fator, ainda que não sejam inaceitáveis pelos limiares estabelecidos pela literatura (Kline, 2015), não estão, na sua maioria, ao nível do que tem sido reportado em outras aplicações do modelo (Rusbult & Farrell, 1983; Rusbult et al., 1998; Rodrigues & Lopes, 2013). Adicionalmente, alguns dos itens em análise apresentaram valores de dispersão pouco desejáveis (ver Tabela 2.2), existindo casos onde o desvio-padrão se aproximou do valor da média, indicando uma grande variabilidade de dados. Para além disso, tal como visto anteriormente, as distribuições dos itens também se revelaram muitas vezes enviesadas, o que também não é ideal. Ainda que não nos seja possível abordar estas limitações diretamente, estas dão-nos uma razão adicional para proceder a uma análise exploratória adicional, numa tentativa de, entre outros objetivos, colmatar estas complicações com os nossos dados e desenvolver uma escala melhor adaptada ao contexto desejado.

Assim, fruto de todos os pontos mencionados, achámos necessário seguir para uma segunda análise, passando agora por um diferente e mais rigoroso processo de análise da validade de conteúdo, recorrendo a outra versão da IMS (Baker et al., 2016) e a um processo de entrevistas com peritos, tentando desta forma garantir uma maior qualidade dos itens ainda antes de proceder à análise fatorial, ou seja, garantir a validade de conteúdo e de construto, conceitos a serem vistos em maior detalhe no próximo estudo.

CAPÍTULO 3

Estudo 2

No Estudo 2 continuámos com o trabalho desenvolvido, sendo agora baseado nas conclusões passíveis de serem retiradas do Estudo 1 e trabalhando no sentido de colmatar as limitações referentes ao mesmo estudo (ver Discussão do Estudo 1).

Tal como irá ser descrito em maior detalhe nas próximas secções, no Estudo 2 optámos por uma metodologia distinta daquela da adotada no Estudo 1, partindo agora de uma escala já adaptada ao contexto dos ACs (Baker et al., 2016). Todos os processos referentes aos procedimentos a que a escala foi submetida estão descritos de seguida. Para chegar a um instrumento validado, iremos realizar estudos de validade à nossa escala, mais especificamente às suas validades de conteúdo e de construto.

A validade de um instrumento é um conceito antigo e basilar na construção e utilização dos mesmos (Sireci, 1998). De entre os vários conceitos que poderíamos mencionar, as ideias de validade de conteúdo e de construto são as mais importantes de definir no contexto desta dissertação. A ideia de validade de conteúdo surgiu em 1954 em documentação publicada pela APA sobre boas práticas na construção e aplicação de testes (APA, 1954), e consiste na análise de representatividade dos itens de um instrumento em todas as especificidades do conceito que se propõe a medir (Salkind, 2010). Esta definição tem vindo a ser criticada ao longo do tempo pela sua proximidade a outros conceitos (Fitzpatrick, 1983), nomeadamente à validade de construto (Loevinger, 1957). Argumentar a favor de qualquer uma destas escolas de pensamento está fora do âmbito desta dissertação.

A validade de construto é o nível com que um instrumento mede de forma correta (sem erro) o conceito que se propõe a medir (O'Leary-Kelly & Vokurka, 1998). Esta definição aproxima-se da ideia de validade de conteúdo na medida em que é tida como precedente da validade de construto (O'Leary-Kelly & Vokurka, 1998). Ainda que também tenha as suas reservas, o conceito de validade de construto continua a ser bastante importante e utilizado em psicologia (Stone, 2019), principalmente no desenvolvimento de instrumentos.

É ainda importante mencionar que alguns autores consideram o conceito de validade como sendo um todo único, pelo que falar de conceitos distintos dentro desta ideia não seria aconselhado (ver Bandalos, 2018). Tal como mencionado para a validade de conteúdo, resolver este debate está para lá do âmbito desta dissertação, pelo que nos limitámos a utilizar a

terminologia estabelecida pela literatura que, ainda que discutida, permite ao leitor perceber as ideias que queremos transmitir.

3.1 Método

3.1.1 Trabalho desenvolvido na escala

Ainda que a escala obtida no Estudo 1 não seja completamente insatisfatória, é-nos possível desenvolver mais trabalho numa tentativa de que esta fique mais funcional do que está neste momento. Para isto, ao contrário do que foi feito no primeiro estudo com a adaptação direta da IMS portuguesa (Rodrigues & Lopes, 2013) ao contexto dos ACs, neste segundo estudo partimos da escala proposta por Baker e colegas (2016), que já está adaptada ao contexto desejado, e tratámos de a traduzir e validar para português europeu.

Antes de procedermos à tradução, foi-nos possível identificar desde logo algumas diferenças que podem ter sido determinantes nas dificuldades sentidas durante a primeira adaptação. De entre outras pequenas nuances, a grande diferença está no uso do termo “*instead*” (em vez de) nos itens referentes à troca do AC, isto é, os itens respeitantes à dimensão de qualidade das alternativas. Tal como mencionado anteriormente, falar de “arranjar outro/a” no campo das relações amorosas será normalmente suficiente para transmitir a ideia de que estamos a terminar o relacionamento atual e a integrar outro. No entanto, como este atalho de comunicação não se traduz de forma tão eficaz para o contexto dos ACs, Baker e colegas (2016) introduziram explicitamente esta ideia de substituir o animal em detrimento de manter o item o mais fiel possível à escala original, tentando assim diminuir o risco de se criar este equívoco no momento da resposta. Um exemplo prático desta alteração foi a adaptação do item “*It is likely that I will date someone other than my partner within the next year*” (É provável que vá namorar com alguém que não o meu parceiro no próximo ano) para “*It is likely that I will get a new pet to replace (Pet name) within the next year*” (É provável que vá arranjar um novo AC para substituir o (Nome do AC) no próximo ano), onde a ideia de substituir (e não apenas arranjar um novo) é muito mais explícita.

3.1.2 Tradução e retroversão

O nosso trabalho iniciou-se então com a tradução da escala proposta por Baker et al (2016), depois de termos tido acesso à mesma através do contacto direto com o autor. A escala foi traduzida pela equipa de investigação e, ainda que não tenham mantido exatamente a sua estrutura frásica, os itens mantiveram a sua ideia específica. Durante este processo, tivemos em especial atenção a tradução dos conceitos e especificações que tomámos como mais relevantes

na aplicação da escala, como a inclusão da ideia da “substituição” anteriormente mencionada. Este cuidado prende-se com o objetivo geral de um trabalho de tradução e validação de manter os conceitos contidos no instrumento tendo em mente as especificações de cada uma das culturas (Reichenheim & Moraes, 2007).

Após termos a primeira versão da tradução do instrumento, e seguindo as indicações delineadas por Brislin (1986), pedimos a um indivíduo bilíngue (nasceu em Portugal, tirou o curso e trabalha no Reino Unido) externo à investigação que procedesse à retroversão da escala. Comparando a escala original com esta retroversão, podemos ver que ainda que as palavras utilizadas não sejam as mesmas, os conceitos que os itens tinham por base foram mantidos em todas as versões. A comparação entre a IMS original (Rusbult et al., 1998), a versão proposta por Baker e colegas (2016), a tradução desta versão já aplicada ao contexto dos ACs e a retroversão da tradução proposta podem ser consultadas no Anexo A.

Finalmente, Sperber e colegas (1994) mencionam que um problema que pode ser encontrado no processo de tradução de instrumentos é a falta de conhecimento dos tradutores sobre o tópico a ser tratado pela escala, o que poderá levar a perdas de especificidades relevantes que são descartadas por leitores leigos. Ainda que no momento da tradução já tivéssemos algum conhecimento em relação à área dos ACs, será de esperar que, sendo formados em psicologia, não tenhamos um conhecimento extremamente aprofundado sobre a mesma. No entanto, Sperber e colegas (1994) mencionam ainda que pedir aos especialistas para fazerem a tradução da escala pode levar a outros problemas, principalmente nos processos de retroversão. Assim, numa tentativa de colmatar ambas as limitações, procedemos à condução de entrevistas com peritos em diversas áreas relevantes para o instrumento, tentando assim obter mais informações em relação não só aos itens desta versão já traduzida da IMS, mas também da aplicação do modelo geral em relação aos ACs. Este procedimento permite-nos então garantir a validade de conteúdo do instrumento, já que ao recorrer a peritos da temática e adaptarmos os nossos itens com base no seu feedback garantimos que a nossa escala está a tratar de todas as especificidades (ou pelo menos as mais relevantes, já que foram aqueles que os peritos mais facilmente se lembraram durante as entrevistas) do conceito no paradigma em avaliação. Sendo este um trabalho de validação de instrumento, e com base nos conceitos visitados no início deste estudo, podemos perceber que garantir esta validade de conteúdo é imperativo para que possamos mais tarde garantir a validade de construto e, então, chegar a um instrumento final psicometricamente válido.

3.1.3 Entrevistas com peritos.

Foram conduzidas cinco entrevistas com seis peritos distintos (a seu pedido, os peritos 4 e 5 realizaram a entrevista em conjunto). Eram na sua maioria profissionais e investigadores da área do bem-estar e comportamento animal, com a exceção do perito 1 que foi entrevistado pelos seus conhecimentos referentes ao IM e às suas componentes em específico (ver Anexo B para mais especificações sobre os peritos e um resumo das principais respostas relativas a cada componente do IM). Os peritos foram convidados para as entrevistas através do contacto direto utilizando endereços de e-mail disponíveis *online*, ou através do contacto com associações ligadas à temática. Os peritos tinham, dentro do possível, liberdade para escolher a data e moldes em que a entrevista se iria desenvolver, sendo que por norma estas foram realizadas remotamente (com exceção apenas do perito 2). As entrevistas foram conduzidas entre Dezembro de 2021 e Fevereiro de 2022. As entrevistas foram semiestruturadas, seguindo um guião previamente desenvolvido pela equipa de investigação (ver Anexo C para guião completo), e seguiam minimamente o mesmo raciocínio lógico: era obtido consentimento para a participação na entrevista e gravação da mesma e era atribuído um código ao perito para facilitar a sua participação numa parte posterior e a análise da sua entrevista. De seguida, eram explicados os objetivos gerais do trabalho em desenvolvimento e apresentado o esquema original do IM (adaptado de Rusbult et al., 1998). Eram então apresentadas, sequencialmente, cada uma das definições das diferentes componentes do IM (ver Anexo D), sendo que em cada uma delas o perito era convidado a falar um pouco sobre se achava que aquela definição se aplicaria ao contexto dos ACs e como definiria aquela ideia nesse mesmo contexto. Depois de passar pelas quatro definições, a versão traduzida da escala de Baker e colegas (2016) era apresentada² e pedia-se a cada perito que avaliasse cada um dos itens no que diz respeito à sua relevância (de “1 - Nada Relevante” a “7 - Muito Relevante”) para o contexto em questão. De seguida, cada perito voltou a avaliar cada um dos itens, tendo agora que decidir se manteria, retiraria ou reescreveria cada um deles. Era então perguntado a cada perito o que iria alterar em cada um dos itens que indicou necessitarem de algum tipo de modificação. Por fim, perguntava-se ao perito se sentia que havia algum outro item que achasse relevante acrescentar ao instrumento, bem como se tinha qualquer outro comentário ou observação. As entrevistas culminaram então em cerca de cinco horas e 40 minutos de material áudio para analisar, aos quais se somavam os dados recolhidos através dos questionários. Depois de recolhidos todos

² É de notar que, para as entrevistas que foram conduzidas remotamente, a apresentação da escala e subsequente recolha do parecer dos peritos foi feita recorrendo ao Qualtrics (<https://www.qualtrics.com/>).

estes pareceres, foi realizada uma análise para fundamentar a alteração dos itens da escala e introdução de novos itens, estando os principais resultados resumidos na Tabela 3.1.

Tabela 3.1 - Avaliações dos peritos em relação à versão traduzida da escala de Baker et al. (2016)

	Descritivas			
	<i>M (SD)</i>	Ficar	Sair	Reescrever
Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.	6.67 (0.82)	5	0	1
O relacionamento com o meu animal de companhia é muito melhor do que os relacionamentos de outras pessoas com os seus animais de companhia.	4.33 (2.34)	2	2	2
O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal.	6.33 (1.21)	3	0	3
O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.	6.50 (0.84)	3	0	3
O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de companhia / companheirismo, etc.	7.00 (0.00)	6	0	0
Outros animais de companhia que poderia ter (substituindo o meu animal de companhia atual) são muito apelativos para mim.	4.33 (2.66)	2	2	2
Consigo encontrar alternativas ao relacionamento como meu animal de companhia que são próximas do que eu considero ser ideal para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	4.83 (2.23)	4	1	1
Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem, pois encontraria outro animal.	5.67 (1.97)	3	1	2
As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são atraentes para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	5.00 (2.76)	4	1	1
As minhas necessidades de companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um	5.50 (1.76)	4	1	1

	Descritivas			
	<i>M (SD)</i>	Ficar	Sair	Reescrever
relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.				
Eu investi muito no relacionamento com o meu animal de companhia e acabaria por perder isso tudo se este relacionamento terminasse.	6.17 (0.75)	4	0	2
Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia tudo isto caso este relacionamento terminasse.	6.33 (0.82)	4	0	2
Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia - como se tivesse que fazer muito por ele.	5.17 (1.72)	2	0	4
Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (p.e., os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia)	4.83 (2.99)	3	1	2
Em comparação com outras pessoas que conheço, eu investi bastante no relacionamento com o meu animal de companhia	6.00 (1.26)	5	1	0
Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure por muito tempo	6.83 (0.41)	6	0	0
Estou comprometido/a a manter o relacionamento com o meu animal de companhia	6.33 (0.82)	5	0	1
Não ficaria muito aborrecido se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo	6.33 (1.21)	3	0	3
Durante o próximo ano, é provável que venha a substituir o animal de companhia que tenho atualmente.	3.67 (2.07)	2	1	3
Sinto-me muito apegado ao relacionamento que tenho com o meu animal de companhia	6.50 (0.84)	4	0	2

	Descritivas			
	<i>M (SD)</i>	Ficar	Sair	Reescrever
Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure para sempre	6.33 (1.21)	4	0	2
Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos).	6.33 (0.82)	4	0	2

Olhando para estes valores (que irão ser explorados em mais detalhe na próxima secção), podemos ver que os itens foram na sua grande maioria considerados como sendo relevantes para a escala em construção, sendo que mesmo o item com um valor inferior ao ponto médio da escala (“Durante o próximo ano, é provável que venha a substituir o animal de companhia que tenho atualmente.”) arrecadou por parte dos peritos mais pontos no sentido de ser reescrito do que necessariamente retirado desde logo. Estes resultados suportam a metodologia de incluir todos os itens numa fase inicial na análise fatorial exploratória.

3.1.4 Alterações à escala e desenvolvimento dos novos itens.

Recolhidos os pareceres dos peritos entrevistados, foi-nos possível avançar para a remoção, alteração e adição de itens a esta nova versão da IMS.

Seguindo pela ordem mencionada, é-nos possível identificar que nenhum item foi considerado pela maioria de peritos como merecedor de ser retirado da escala nesta fase inicial. Isto indica-nos que os tópicos tratados pelos itens não têm uma tradução tão debilitada para este contexto que justifique tal procedimento. Adicionalmente, testar o maior número de itens da escala original também será do nosso interesse, pelo que este resultado é bastante positivo.

Em termos de alterações propostas, os peritos produziram uma quantidade considerável de propostas de alteração. Dos 22 itens originalmente utilizados por Baker e colegas (2016), 13 sofreram alterações com base no conteúdo das entrevistas realizadas, sendo que outro item viria a sofrer alterações posteriormente ainda com base nestas entrevistas (ver Estudo 3). Na sua maioria, as modificações aplicadas aos itens consistiram na adição ou remoção de algumas partes específicas, existindo ainda casos onde as palavras utilizadas foram alteradas para melhor se adaptarem ao contexto dos ACs (e.g. alternativas “atrativas” passaram a alternativas “apelativas”). Em duas instâncias, foi-nos sugerido desdobrar itens para tentar aceder a duas dimensões diferentes que os peritos tomavam como estando a ser acedidas, erroneamente, em

conjunto (e.g., “Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (por exemplo, os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia)” e “Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais fáceis se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (por exemplo, mais tempo para estar com os meus/minhas filhos/filhas, etc.)”). Na Tabela 3.2 encontram-se, na ordem pela qual foram apresentados aos participantes neste Estudo 2, todos os itens que foram alterados com base no conteúdo das entrevistas, bem como os itens que lhes deram origem.

Tabela 3.2 - Itens originais (Baker et al., 2016) e itens alterados

Itens originais	Itens alterados
O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de companhia / companheirismo, etc."	O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades gerais de companhia/companheirismo, etc.
Outros animais de companhia que poderia ter (substituindo o meu animal de companhia atual) são muito apelativos para mim.	Outros tipos ou espécies de animais de companhia (por exemplo, gato, cão, ave) que poderia ter (substituindo o meu animal de companhia atual) são muito apelativos para mim.
Consigo encontrar alternativas ao relacionamento como meu animal de companhia que são próximas do que eu considero ser ideal para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	Consigo encontrar alternativas ao relacionamento como meu animal de companhia que igualam ou ultrapassam o que considero ser ideal para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).
As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são atraentes para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são apelativas para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).
As minhas necessidades de companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.	As minhas necessidades de intimidade, companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.
Eu investi muito no relacionamento com o meu animal de companhia e acabaria por perder isso tudo se este relacionamento terminasse.	Eu investi muito no relacionamento com o meu animal de companhia e acabaria por perder quase tudo se este relacionamento terminasse.

Itens originais	Itens alterados
Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia tudo isto caso o este relacionamento terminasse.	Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia quase tudo caso este relacionamento terminasse.
Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia - como se tivesse que fazer muito por ele.	Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia porque faço muito por ele.
Não ficaria muito aborrecido se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo.	Não ficaria muito afetado se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo.
Durante o próximo ano, é provável que venha a substituir o animal de companhia que tenho atualmente.	Durante o próximo ano, poderei considerar substituir o animal de companhia que tenho atualmente.
Sinto-me muito apegado ao relacionamento que tenho com o meu animal de companhia.	Sinto-me muito comprometido com o relacionamento que tenho com o meu animal de companhia.
Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure para sempre.	Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure o máximo possível.
Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos).	Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo, dentro do expectável para a sua espécie (por exemplo, imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos).

Finalmente, as entrevistas conduzidas levaram ainda à introdução de 16 itens na escala original, sendo que 13 foram construídos de raiz, dois resultaram dos desdobramentos mencionados anteriormente, e um foi adaptado da escala de compromisso aos ACs de Miller-Rada (Staats et al., 1996). Os novos itens, bem como as dimensões nos quais foram inseridos, encontram-se listados na Tabela 3.3.

Sendo construídos com base em feedback não-estruturado, alguns dos novos itens foram propostos pelos peritos sem estarem diretamente associados a uma das dimensões originalmente propostas por Rusbult (1980). Ainda que tenha existido da nossa parte um trabalho no sentido de os inserir nessas dimensões, seria possível colocar alguns destes em mais do que uma delas,

dado o seu nível de especificidade e inerência ao contexto dos ACs. Assim, e como vamos ver nas primeiras análises realizadas (i.e., análises fatoriais exploratórias por dimensão), estes itens foram incluídos nas análises das dimensões que possivelmente iriam integrar, deixando então ao critério da análise fatorial de indicar o fator mais adequado (se algum) para cada um deles.

Tabela 3.3 - Itens novos e dimensões em que se inserem

Novo Item	Dimensão do IM em que se insere
Com base nas minhas experiências anteriores (outros animais, animais de amigos, etc.), o relacionamento com o meu animal de companhia corresponde às minhas expectativas	Satisfação
O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de companhia/companheirismo, etc. com animais (1)	Satisfação
Se o meu animal de companhia precisasse que eu fizesse um grande investimento monetário, teria que abdicar dele (2)	Satisfação / Investimento
O meu animal de companhia tem mais custos associados (monetários, restrições no meu estilo de vida, etc.) do que benefícios que eu tiro da minha relação com ele	Satisfação / Investimento
Neste momento, deixar de ter o meu animal de companhia seria a melhor alternativa para mim	Alternativas
Substituir o meu animal de companhia por outro seria uma boa opção para mim	Alternativas
No que diz respeito ao meu animal de companhia, não existem, à minha volta, melhores opções do que estar comigo	Alternativas
Se precisasse de abdicar do meu animal de companhia, conseguiria encontrar opções em que ele ficaria tão bem ou melhor do que comigo	Alternativas
Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais fáceis se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (por exemplo, mais tempo para estar com os meus/minhas filhos/filhas, etc.) (1)	Investimentos
Abdicar do meu animal de companhia, a meu ver, seria moralmente incorreto	Investimentos
Deixar de ter o meu animal de companhia seria mal visto pelas pessoas à minha volta (amigos, família, colegas, etc.)	Investimentos

Novo Item	Dimensão do IM em que se insere
Já tenho atividades planejadas para realizar com o meu animal de companhia a curto-médio prazo.	Investimentos
Se abdicasse do meu animal de companhia, iria perder dinheiro que investi nele	Investimentos
Já pensei seriamente em abdicar do meu animal de companhia	Compromisso
Sempre que o meu animal de companhia precisa de algo, não hesito em providenciar	Compromisso
De uma forma geral, tento responder sempre às necessidades específicas do meu animal de companhia (por exemplo, se for cão, leva-lo à rua a passear; se for gato, limpar a caixa de areia, etc.)	Compromisso
<p>(1) Itens que foram construídos tendo por base o desdobramento de itens da escala original, criando então dois itens semelhantes por cada desdobramento</p> <p>(2) Item adaptado da escala de compromisso aos ACs de Miller-Rada (Staats et al., 1996)</p>	

3.1.5 Participantes

O nosso segundo estudo contou com uma amostra de 248 participantes válidos (ver secção do procedimento), com idades entre 18 e 88 anos. A maioria dos participantes era do sexo feminino (57.7%), licenciada (44.0%), não religiosa (53.6%), estava empregada de forma permanente (55.2%) e vivia em um apartamento (64.9%) no momento da recolha. Estes e outros dados sociodemográficos podem ser consultados na Tabela 3.4.

Os participantes foram selecionados através de um processo de amostragem não probabilístico por conveniência (Taherdoost, 2016). Os únicos requisitos de inclusão no estudo foram: (a) ter pelo menos 18 anos; (b) compreender fluentemente português europeu; e (c) ter atualmente um AC. A participação foi voluntária e não tinha associada nenhum tipo de compensação, nem qualquer tipo de risco esperado.

Para a realização de uma análise fatorial com o número de itens em consideração, a literatura indica que precisaríamos de pelo menos 190 participantes (5 vezes o número de itens), já que contamos com mais de 15 itens em consideração (Hill & Hill, 2000). Como nos foi possível recolher e analisar uma amostra de 248 respostas válidas, este requisito foi assegurado.

Tabela 3.4 - Caracterização sociodemográfica da amostra do Estudo 2

<hr/>	
<i>N</i> = 248	
<hr/>	
Sexo	
Feminino	143 (57.7%)
Masculino	105 (42.3%)
Nível de Escolaridade	
Inferior ao ensino secundário	5 (2.0%)
Ensino secundário	74 (29.8%)
Bacharelato/Licenciatura	109 (44.0%)
Mestrado/Doutoramento	57 (23.0%)
Outro	3 (1.2%)
Orientação Política	
Extrema esquerda	5 (2.0%)
Esquerda	64 (25.8%)
Centro	75 (30.2%)
Direita	44 (17.7%)
Extrema direita	2 (0.8%)
Sem orientação política	58 (23.4%)
Religião	
Sem religião	133 (53.6%)
Católica	103 (41.5%)
Cristã não católica	8 (3.2%)
Outra	4 (1.6%)
Situação Laboral	
Emprego permanente	137 (55.2%)
Emprego temporário	21 (8.5%)
Trabalhador/a Estudante	17 (6.9%)
Estudante	50 (20.2%)
Desempregado/a	11 (4.4%)
Reformado/a	11 (4.4%)
Doméstico/a	1 (0.4%)
Nível de Rendimento Mensal	
<= 580€	65 (26.2%)
581-999€	44 (17.7%)
1000-1999€	108 (43.5%)

<i>N</i> = 248	
2000-4999€	30 (12.1%)
= > 5000€	1 (0.4%)
Estado Civil	
Solteiro/a sem relação	65 (26.2%)
Solteiro/a numa relação	67 (27.0%)
Solteiro/a numa união de facto	30 (12.1%)
Casado/a	68 (27.4%)
Viúvo/a	4 (1.6%)
Divorciado	14 (5.7%)
Tipo de Habitação	
Apartamento	161 (64.9%)
Morada	79 (31.9%)
Quinta	7 (2.8%)
Outro	1 (0.4%)
Meio de Habitação	
Meio urbano	141 (56.9%)
Meio suburbano	86 (34.7%)
Meio rural	21 (8.5%)
<i>M (SD)</i>	
Idade	36.58 (14.35)

3.1.6 Instrumentos

Escala do modelo do investimento (IMS).

A escala do modelo do investimento foi proposta originalmente por Rusbult e colegas (1998). Esta escala, tal como visto anteriormente, propõe-se a medir as variáveis do compromisso, satisfação com a relação, qualidade das alternativas e tamanho do investimento referentes ao relacionamento do participante, tendo cada uma destas uma subescala para a medir diretamente. Para o presente estudo, procedeu-se à tradução e polimento dos itens da escala proposta por Baker e colegas (2016), através do processo descrito anteriormente (ver Alterações à escala e desenvolvimento dos novos itens).

A satisfação com a relação foi medida com recurso a sete itens, cinco itens da escala original aplicada aos ACs (Baker et al., 2016) (e.g. “Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia”) e dois itens novos (e.g. “O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de companhia/companheirismo, etc. com

animais.”). Na versão original da escala aplicada aos ACs, esta medida apresentava um elevado nível de consistência interna ($\alpha = .90$). De seguida, a qualidade das alternativas foi avaliada através de nove itens, cinco itens da escala original aplicada aos ACs (Baker et al., 2016) (e.g. “Outros animais de companhia que poderia ter (substituindo o meu animal de companhia atual) são muito apelativos para mim.”) e quatro novos itens (e.g. “Substituir o meu animal de companhia por outro seria uma boa opção para mim.”). Na versão original da escala aplicada aos ACs, também esta variável contava com um valor de consistência interna bastante satisfatório ($\alpha = .84$). De igual forma, o tamanho do investimento foi medido com 10 itens, cinco itens da escala original aplicada aos ACs (Baker et al., 2016) (e.g. “Eu investi muito no relacionamento com o meu animal de companhia e acabaria por perder isso tudo se este relacionamento terminasse”) e cinco itens novos (e.g. “Se abdicasse do meu animal de companhia, iria perder dinheiro que investi nele.”). Na versão original da escala aplicada aos ACs, esta variável apresentava um valor de consistência interna igualmente desejável ($\alpha = .84$). Finalmente, o compromisso foi medido com recurso a 10 itens, sete itens da escala original aplicada aos ACs (Baker et al., 2016) (e.g. “Estou comprometido/a a manter o relacionamento com o meu animal de companhia”) e três itens novos (e.g. “Sempre que o meu animal de companhia precisa de algo, não hesito em providenciar.”). Tal como anteriormente, o valor de consistência interna observado no compromisso foi bastante elevado ($\alpha = .82$).

Adicionalmente, e com base no conteúdo das entrevistas, foram ainda criados dois itens (e.g. “Se o meu animal de companhia precisasse que eu fizesse um grande investimento monetário, teria que abdicar dele.” Item invertido) que foram testados nas análises das dimensões da satisfação com a relação e do tamanho do investimento, já que não foi clara qual seria a interpretação dos participantes em relação aos itens e, conseqüentemente, em dimensão seriam incluídos. Ao incluir estes itens em ambas as análises fatoriais exploratórias, é-nos possível perceber em que componente é que estes se inseriam melhor a nível estatístico (se em alguma).

Desta forma, esta nova versão da escala do modelo do investimento aplicada aos ACs conta com um total de 38 itens (22 itens baseados na escala utilizada por Baker e colegas (2016) e 16 itens novos), todos eles cotados numa escala Likert de 1 a 7 consoante o nível de concordância do participante com o item apresentado, onde “1 - Discordo totalmente” e “7 - Concordo totalmente” são os extremos da escala de resposta e os únicos valores com legenda presente em adição ao valor numérico. Adicionalmente, tal como na versão da IMS utilizada no Estudo 1 (Rodrigues & Lopes, 2013), é de mencionar que todas as subescalas originais (Baker et al.,

2016) apresentavam elevados valores de consistência interna, sendo pelo menos “muito bons” segundo Kline (2015).

3.1.7 Procedimento

Os dados foram recolhidos através de um questionário online criado no Qualtrics (<https://www.qualtrics.com/>), enviado diretamente aos participantes através de redes sociais (e.g., Facebook) e aplicações de mensagens (e.g., WhatsApp), pedindo que voluntariassem o seu tempo. O consentimento dos participantes foi recolhido através da sua resposta afirmativa após leitura de uma página inicial com as informações relativas ao nosso estudo, possíveis vantagens e riscos individuais associadas à participação (que eram previstos como sendo nulos), e o compromisso dos investigadores em relação à manutenção de confidencialidade e anonimato das respostas. Depois da obtenção deste consentimento, os participantes responderam a questões sociodemográficas, alguns itens gerais sobre os seus ACs (e.g., “Que tipos de animais já teve?”), e finalmente à escala em análise (ver secção “Instrumentos”). A participação de cada indivíduo demorou em média 13 minutos.

Depois de recolhida a amostra, a subsequente análise estatística foi realizada com recurso ao SPSS (Versão 27). Nesta fase inicial, a amostra obtida diretamente da recolha contava com 402 participantes. Foi feito um primeiro tratamento da base de dados onde foram retiradas respostas nulas, participantes que não deram o seu consentimento para participar no estudo ou não responderam à IMS na sua totalidade, e outras respostas que se encontrassem demasiado padronizadas ou espelhassem dados pouco lógicos (e.g., responder com pontuações elevadas a vários itens de compromisso, incluindo aqueles codificados de forma inversa, transmitindo uma noção contrária e sem sentido). A amostra final era então composta pelos 248 participantes mencionados anteriormente (ver secção Participantes), registando assim uma taxa de *dropout* de 38.3%, composta maioritariamente por participantes que não responderam à escala na sua totalidade. A amostra final de 248 é avaliada como pelo menos “razoável” para o tipo de análise a ser realizada (Comrey & Lee, 1992), respeitando ainda os limiares propostos por Hill & Hill (2000).

Na análise estatística deste estudo foi desenvolvida uma análise fatorial exploratória através do método “*Principal Axis Factoring*”. Fruto de investigação prévia que indica que as variáveis do IM estão correlacionadas entre si (Rusbult et al., 1998; Rodrigues & Lopes, 2015), a análise foi conduzida recorrendo a uma rotação oblíqua (Promax). Foram considerados valores de peso fatorial superiores a .40 como sendo adequados no processo de decisão da estrutura fatorial dos dados obtidos.

3.2 Resultados

Na Tabela 3.5 podem ser observadas as análises descritivas dos itens desta versão da IMS, estando incluídos ainda os itens que posteriormente foram retirados durante a análise fatorial. Uma vez mais, uma grande quantidade de itens apresentou distribuições assimétricas. Dada a temática e os sentimentos normalmente fortes em relação ao seu AC, estas distribuições não deixam de fazer sentido. No entanto, poderemos estar perante um efeito de teto (Everitt & Skrondal, 2010), já que indivíduos com boas relações com os seus ACs estarão propensos a avaliar itens de forma muito acentuada. Este ponto será explorado na secção da discussão geral.

Tabela 3.5 - Análise descritiva dos itens da versão da IMS aplicada - Estudo 2

Itens	Descritivas						
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>S</i>	<i>SE S</i>	<i>K</i>	<i>SE K</i>
1) Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.	248	6.53	0.78	-1.77	.16	2.89	.31
2) O relacionamento com o meu animal de companhia é muito melhor do que os relacionamentos de outras pessoas com os seus animais de companhia.	248	4.90	1.48	-0.55	.16	0.07	.31
3) Com base nas minhas experiências anteriores (outros animais, animais de amigos, etc.), o relacionamento com o meu animal de companhia corresponde às minhas expectativas.	248	6.20	1.09	-1.54	.16	2.23	.31
4) Se o meu animal de companhia precisasse que eu fizesse um grande investimento monetário, teria que abdicar dele. (R)	248	6.09	1.56	-1.88	.16	2.76	.31
5) O meu animal de companhia tem mais custos associados (monetários, restrições no meu estilo de vida, etc.) do que benefícios que eu tiro da minha relação com ele. (R)	248	6.41	1.15	-2.64	.16	7.63	.31
6) O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de companhia/companheirismo, etc. com animais.	248	6.13	1.16	-1.56	.16	2.50	.31

Itens	Descritivas						
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>S</i>	<i>SE S</i>	<i>K</i>	<i>SE K</i>
7) O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades gerais de companhia/companheirismo, etc.	248	4.75	1.85	-0.48	.16	-0.78	.31
8) O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal.	248	5.83	1.36	-1.55	.16	2.45	.31
9) O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.	248	6.33	0.98	-1.52	.16	1.64	.31
10) Substituindo o meu animal de companhia atual, outros tipos ou espécies de animais de companhia que poderia ter (por exemplo, gato, cão, ave) são muito apelativos para mim.	248	3.07	1.84	0.51	.16	-0.88	.31
11) Neste momento, deixar de ter o meu animal de companhia seria a melhor alternativa para mim.	248	1.31	0.90	3.94	.16	17.61	.31
12) Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem, pois encontraria outro animal.	248	2.41	1.67	1.02	.16	0.12	.31
13) Substituir o meu animal de companhia por outro seria uma boa opção para mim.	248	1.36	0.99	3.63	.16	14.62	.31
14) Consigo encontrar alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia que igualam ou ultrapassam o que considero ser ideal para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	248	3.66	1.97	0.20	.16	-1.10	.31
15) As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são apelativas para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	248	3.92	1.87	-0.10	.16	-1.09	.31
16) As minhas necessidades de companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento com outro	248	2.25	1.54	1.44	.16	1.67	.31

Itens	Descritivas						
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>S</i>	<i>SE S</i>	<i>K</i>	<i>SE K</i>
animal de companhia que não o meu.							
17) No que diz respeito ao meu animal de companhia, não existem, à minha volta, melhores opções do que ele estar comigo. (R)	248	2.87	1.91	0.76	.16	-0.58	.31
18) Se precisasse de abdicar do meu animal de companhia, conseguiria encontrar opções em que ele ficaria tão bem ou melhor do que comigo.	248	3.39	2.03	0.40	.16	-1.14	.31
19) Eu investi muito no relacionamento com o meu animal de companhia e acabaria por perder quase tudo se este relacionamento terminasse.	248	4.13	2.04	-0.05	.16	-1.28	.31
20) Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia quase tudo caso este relacionamento terminasse.	248	3.23	1.94	0.57	.16	-0.79	.31
21) Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia porque faço muito por ele.	248	5.06	1.61	-0.65	.16	-0.23	.31
22) Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (por exemplo, os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia).	248	2.59	1.75	0.89	.16	-0.26	.31
23) Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais fáceis se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (por exemplo, mais tempo para estar com os meus/minhas filhos/filhas, etc.). (R)	248	6.22	1.34	-1.91	.16	3.11	.31

Itens	Descritivas						
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>S</i>	<i>SE S</i>	<i>K</i>	<i>SE K</i>
24) A meu ver, abdicar do meu animal de companhia seria moralmente incorreto.	248	6.47	1.17	-2.86	.16	8.77	.31
25) Deixar de ter o meu animal de companhia seria mal visto pelas pessoas à minha volta (amigos, família, colegas, etc.).	248	4.11	2.09	-0.10	.16	-1.23	.31
26) Já tenho atividades planeadas para realizar com o meu animal de companhia a curto-médio prazo.	248	3.94	2.01	0.05	.16	-1.18	.31
27) Em comparação com outras pessoas que conheço, eu investi bastante no relacionamento com o meu animal de companhia.	248	4.46	1.71	-0.20	.16	-0.65	.31
28) Se abdicasse do meu animal de companhia, iria perder dinheiro que investi nele.	248	2.00	1.63	1.61	.16	1.54	.31
29) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure por muito tempo.	248	6.72	0.75	-3.87	.16	19.39	.31
30) Já pensei seriamente em abdicar do meu animal de companhia. (R)	248	6.71	0.94	-4.18	.16	18.74	.31
31) Estou comprometido/a em manter o relacionamento com o meu animal de companhia.	248	6.67	0.77	-3.17	.16	13.76	.31
32) Não ficaria muito afetado se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo. (R)	248	6.49	1.12	-2.87	.16	8.90	.31
33) Durante o próximo ano, poderei considerar substituir o animal de companhia que tenho atualmente. (R)	248	6.91	0.46	-6.67	.16	49.23	.31
34) Sinto-me muito comprometido com o relacionamento que tenho com o meu animal de companhia.	248	6.08	1.47	-1.91	.16	3.30	.31
35) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure o máximo possível.	248	6.75	0.70	-3.96	.16	21.49	.31

Itens	Descritivas						
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>S</i>	<i>SE S</i>	<i>K</i>	<i>SE K</i>
36) Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo, dentro do expectável para a sua espécie (por exemplo, imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos).	248	6.71	0.72	-3.09	.16	11.06	.31
37) Sempre que o meu animal de companhia precisa de algo, não hesito em providenciar.	248	6.48	0.86	-1.62	.16	1.87	.31
38) De uma forma geral, tento responder sempre às necessidades específicas do meu animal de companhia (por exemplo, se for cão, levá-lo à rua a passear; se for gato, limpar a caixa de areia, etc.).	248	6.53	0.79	-1.88	.16	3.59	.31

Nota: Assimetria: seis itens (i.e., 14, 15, 19, 25, 26 e 27) apresentaram uma distribuição simétrica, 10 itens (i.e., 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 20, 22, 28) apresentaram uma assimetria positiva, e 22 itens (i.e., 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 21, 23, 24, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38) apresentaram uma assimetria negativa; Curtose: cinco itens (i.e., 2, 12, 17, 21, 22) apresentaram uma distribuição mesocúrtica, 23 itens (i.e., 1, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 11, 13, 16, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38) apresentaram uma distribuição leptocúrtica, e 10 itens (i.e., 7, 10, 14, 15, 18, 19, 20, 25, 26, 27) apresentaram uma distribuição platicúrtica.

(R) indica que o item foi codificado de forma inversa. S assimetria, SE S erro padrão da assimetria, K curtose, SE K erro padrão da curtose

3.2.1 Análise fatorial

Dado o elevado número de itens aplicados no Estudo 2, a subsequente análise fatorial foi segmentada e conduzida recorrendo a uma análise fatorial exploratória por dimensão, estratégia semelhante à utilizada no trabalho de construção da IMS original em situações onde as análises fatoriais reportaram resultados mais peculiares (Rusbult et al., 1998). Durante a análise, foram considerados como problemáticos itens que não apresentassem um valor de peso igual ou superior a .4 em nenhum dos fatores ou que apresentassem valores superiores a .4 em mais que um fator. Nestes casos, foram exploradas outras estruturas fatoriais sem incluir os mesmos.

Assim, e empregando a ordem originalmente utilizada no IM, a análise fatorial realizada com os itens referente à dimensão da satisfação com a relação apresentou uma estrutura

composta por dois fatores, explicando 57.65% da variância total (KMO = .85). Depois de retirados os itens problemáticos (4 e 5), a dimensão da satisfação com a relação apresentava uma estrutura com apenas um fator (não forçado), explicando 53.20% da variância total (KMO = .86).

Na dimensão de qualidade das alternativas, a primeira análise fatorial revelou uma estrutura com três fatores, explicando 55.79% da variância total (KMO = .70). Retirados os itens problemáticos (10, 17 e 18), a estrutura continuava a apresentar dois fatores, sendo necessário forçar uma estrutura de apenas um fator. Essa estrutura revelou-se estatisticamente viável, explicando 43.74% da variância total (KMO = .70). A busca da estrutura fatorial desejada complicou-se nesta dimensão, tal como havia sido esperado com base nas especificações já mencionadas no que à tradução deste conceito para o contexto das relações humano-AC. Ainda assim, a estrutura final deste fator, ainda que forçada, é estatisticamente viável, o que confere ao nosso trabalho a confiança psicométrica desejada.

Em relação à dimensão do tamanho do investimento, a primeira estrutura sugerida pela análise contava com três fatores, explicando 54.04% da variância total (KMO = .80). Tal como na dimensão da qualidade das alternativas, a dificuldade sentida nesta análise era expectável, não só por ser uma dimensão com uma tradução mais desafiante a este contexto, mas também porque os novos itens criados compreendiam uma grande variedade de temáticas (e.g., itens de moralidade e planos futuros com o AC). Assim, depois de retirados os itens problemáticos (4, 5, 23, 24, 25 e 28), a dimensão do tamanho dos investimentos apresentava uma estrutura com apenas um fator (não forçado), explicando 52.62% da variância total (KMO = .82).

No que toca à dimensão de compromisso, a primeira estrutura apresentada contava com dois fatores, explicando 53.48% da variância total (KMO = .84). Retirando os itens problemáticos (37 e 38) e repetindo a análise, obtivemos para esta dimensão uma estrutura de apenas um fator (não forçado), explicando 46% da variância total (KMO = .83).

A informação estatística referente a estas análises segmentadas (pesos de matriz de padrão, valores próprios e valores de consistência interna) está presente para consulta na Tabela 3.6.

Tabela 3.6 - Análise fatorial exploratória da IMS por dimensão (estrutura dos fatores antes da análise geral)

Itens	Fator				Correlações Item-Fator Corrigidas
	Compromisso	Investimentos	Satisfação	Alternativas	
1) Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.			.71		.60
2) O relacionamento com o meu animal de companhia é muito melhor do que os relacionamentos de outras pessoas com os seus animais de companhia.			.40		.39
3) Com base nas minhas experiências anteriores (outros animais, animais de amigos, etc.), o relacionamento com o meu animal de companhia corresponde às minhas expectativas.			.75		.61
6) O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de companhia/companheirismo, etc. com animais.			.71		.63
7) O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades gerais de companhia/companheirismo, etc.			.50		.48
8) O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal para mim.			.79		.73
9) O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.			.80		.71
11) Neste momento, deixar de ter o meu animal de companhia seria a melhor alternativa para mim.				.48	.38
12) Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem, pois encontraria outro animal.				.65	.53
13) Substituir o meu animal de companhia por outro seria uma boa opção para mim.				.51	.40
14) Consigo encontrar alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia que igualam ou ultrapassam o que considero ser ideal para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).				.65	.57
15) As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são apelativas para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.)				.63	.56
16) As minhas necessidades de companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas				.50	.42

Itens	Fator				Correlações Item-Fator Corrigidas
	Compromisso	Investimentos	Satisfação	Alternativas	
através de um relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.					
19) Eu investi muito no relacionamento com o meu animal de companhia e acabaria por perder quase tudo se este relacionamento terminasse.		.60			.53
20) Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia quase tudo caso este relacionamento terminasse.		.82			.72
21) Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia porque faço muito por ele.		.72			.64
22) Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (por exemplo, os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia).		.51			.47
26) Já tenho atividades planeadas para realizar com o meu animal de companhia a curto-médio prazo.		.63			.55
27) Em comparação com outras pessoas que conheço, eu investi bastante no relacionamento com o meu animal de companhia.		.65			.58
29) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure por muito tempo.	.71				.61
30) Já pensei seriamente em abdicar do meu animal de companhia. (R)	.54				.46
31) Estou comprometido/a em manter o relacionamento com o meu animal de companhia.	.77				.68
32) Não ficaria muito afetado se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo. (R)	.52				.48
33) Durante o próximo ano, poderei considerar substituir o animal de companhia que tenho atualmente. (R)	.49				.44
34) Sinto-me muito comprometido com o relacionamento que tenho com o meu animal de companhia.	.50				.46
35) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure o máximo possível.	.73				.63
36) Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de	.65				.55

Itens	Fator				Correlações Item-Fator Corrigidas
	Compromisso	Investimentos	Satisfação	Alternativas	
companhia tenha um futuro a longo termo, dentro do expectável para a sua espécie (por exemplo, imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos).					
<i>Eigenvalue</i>	3.68	3.16	3.72	2.63	-
Alpha de <i>Cronbach</i>	.79	.81	.81	.73	-

Nota: Estão sumarizadas nesta tabela as estruturas finais das análises fatoriais realizadas para cada uma das dimensões, tal como descrito no corpo de texto, não tendo sido omitidos valores de peso como pode parecer inicialmente. Os números apresentados antes de cada item referem-se à ordem em que estes itens foram apresentados ao participante durante o Estudo 2.

(R) indica que o item foi codificado de forma inversa

Os itens não retirados durante as análises foram então incluídos numa nova análise exploratória, à semelhança do que foi feito no desenvolvimento da IMS original (Rusbult et al., 1998). A primeira análise, na qual não foi forçado um número específico de fatores, revelou uma estrutura fatorial com seis fatores, capazes de explicar 60.63% da variância total (KMO = .85). Foram então retirados três itens (2, 7 e 11) por apresentarem valores de peso inferiores a .4 em todos os fatores (2 e 7) ou superiores a .4 em pelo menos dois fatores (11). A subsequente análise revelou uma estrutura a quatro fatores, desta vez forçados, capazes de explicar 54.38% da variância total (KMO = .85). Na Tabela 3.7 podem ser consultados os valores relativos aos pesos de cada item em cada um dos fatores presentes na matriz padrão da última análise descrita, bem como os valores próprios e *alphas* de *Cronbach* dos fatores finais.

Tabela 3.7 - Análise fatorial exploratória da IMS (estrutura final do Estudo 2)

Itens	Fator				Correlações Item-Fator Corrigidas
	Compromisso	Investimentos	Satisfação	Alternativas	
1) Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.	-.05	-.02	.81	.07	.67
3) Com base nas minhas experiências anteriores (outros animais, animais de amigos, etc.), o relacionamento com o meu animal de companhia corresponde às minhas expectativas.	-.10	-.04	.94	.15	.71
6) O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de	.08	-.01	.61	-.12	.65

Itens	Fator				Correlações Item-Fator Corrigidas
	Compromisso	Investimentos	Satisfação	Alternativas	
companhia/companheirismo, etc. com animais.					
8) O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal para mim.	-03	.10	.69	-.08	.68
9) O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.	.23	.07	.59	-.12	.74
12) Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem, pois encontraria outro animal.	-.08	.10	.00	.64	.52
13) Substituir o meu animal de companhia por outro seria uma boa opção para mim.	-.15	.30	-.08	.48	.35
14) Consigo encontrar alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia que igualam ou ultrapassam o que considero ser ideal para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	.08	-.09	.07	.74	.59
15) As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são apelativas para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.)	.17	-.14	.14	.73	.58
16) As minhas necessidades de companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.	-.01	.09	-.05	.51	.40
19) Eu investi muito no relacionamento com o meu animal de companhia e acabaria por perder quase tudo se este relacionamento terminasse	.08	.61	-.05	-.01	.53
20) Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia quase tudo caso este relacionamento terminasse.	-.03	.86	-.02	.09	.72
21) Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia porque faço muito por ele.	.04	.60	.06	-.22	.64
22) Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (por exemplo, os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia).	-.06	.66	-.07	.18	.47
26) Já tenho atividades planeadas para realizar com o meu animal de companhia a curto-médio prazo.	.03	.58	.06	.00	.55
27) Em comparação com outras pessoas que conheço, eu investi bastante no	-.05	.59	.12	-.01	.58

Itens	Fator				Correlações Item-Fator Corrigidas
	Compromisso	Investimentos	Satisfação	Alternativas	
relacionamento com o meu animal de companhia.					
29) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure por muito tempo.	.80	-.04	-.08	.08	.61
30) Já pensei seriamente em abdicar do meu animal de companhia. (R)	.56	-.15	.05	-.04	.46
31) Estou comprometido/a em manter o relacionamento com o meu animal de companhia.	.80	.01	.00	.07	.68
32) Não ficaria muito afetado se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo. (R)	.43	.16	-.01	-.14	.47
33) Durante o próximo ano, poderei considerar substituir o animal de companhia que tenho atualmente. (R)	.53	-.11	-.01	.01	.44
34) Sinto-me muito comprometido com o relacionamento que tenho com o meu animal de companhia.	.43	.12	-.02	-.10	.46
35) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure o máximo possível.	.74	.10	-.03	.04	.63
36) Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo, dentro do expectável para a sua espécie (por exemplo, imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos).	.63	.08	-.02	.02	.55
<i>Eigenvalue</i>	6.75	2.77	1.85	1.69	-
Alpha de <i>Cronbach</i>	.79	.81	.86	.72	-

Nota: Os valores a negrito representam o valor de peso mais alto para o item e, conseqüentemente, em que fator foi incluído. Os números apresentados antes de cada item referem-se à ordem em que estes itens foram apresentados ao participante durante o Estudo 2.

(R) indica que o item foi codificado de forma inversa

Os itens retirados durante as análises anteriormente descritas foram então analisados em conjunto numa tentativa de perceber se estariam a formar outros fatores, mas inspecionando os resultados estatísticos foi possível perceber que não era o caso³.

³ Não se detalham aqui estas análises por fugirem ao tema principal do presente estudo. Contudo, informações acerca destas análises estão disponíveis sob pedido ao autor.

Finalmente, foram construídas novas variáveis fazendo a média dos valores dos itens inseridos em cada um dos respectivos fatores. As correlações inter-fatores, bem como a sua média e desvio-padrão, estão presentes na Tabela 3.8. Todas as correlações encontram-se pelo menos acima de .3, apresentando assim um tamanho do efeito médio (Cohen, 1992). Esta é uma melhoria em relação ao Estudo 1. A correlação entre a Satisfação e o Compromisso continua a ser a mais forte ($r = .52$), apresentando um tamanho do efeito grande (Cohen, 1992).

Tabela 3.8 - Estatísticas descritivas e correlações inter-fatores do Estudo 2

	<i>M (SD)</i>	Correlações			
		1	2	3	4
1. Compromisso	6.63 (0.58)	-			
2. Investimentos	3.90 (1.33)	.32**	-		
3. Satisfação	6.20 (0.87)	.52**	.35**	-	
4. Alternativas	2.72 (1.13)	-.30**	-.35**	-.32**	-

** $p < .010$

3.3 Discussão

Neste segundo estudo tínhamos como objetivo proceder à tradução e aperfeiçoamento da versão da IMS adaptada aos ACs, proposta por Baker e colegas (2016), para o contexto português.

Recorrendo aos processos adequados de tradução e de validação de conteúdo junto de peritos na temática, podemos argumentar com confiança que as traduções e alterações realizadas nos itens originais, bem como os itens que foram criados de raiz durante este trabalho, são adequadas. A nossa análise estatística vem corroborar esta ideia, retirando itens que não se adequaram a este contexto, mas sendo capaz de agrupar os restantes nas dimensões originalmente propostas (Rusbult, 1980).

Este segundo estudo divergiu da metodologia empregada por Baker e colegas (2016), na medida em que procedemos à análise de conteúdo e criação de novos itens (i.e., validação de conteúdo), em detrimento de uma adaptação literal dos itens da IMS, que já havia sido tentada no Estudo 1. Ainda que isto possa resultar numa escala não tão fiel à IMS original, achamos que ter itens mais adaptados à realidade dos ACs será o desejado, mesmo que isso sacrifique, por exemplo, o número original de itens por condição. Adicionalmente, a escala proposta

mantém a estrutura desejada (Rusbult, 1980), o que seria a principal preocupação na criação de uma nova versão da IMS.

No que toca a pontos positivos, o presente estudo conta com importantes distinções em relação ao Estudo 1 e outras vantagens mais gerais. Em comparação com o Estudo 1, podemos apontar como principal melhoria o facto de todas as dimensões se encontrarem agora significativamente correlacionadas (ver Tabela 3.8), o que não acontecia no nosso primeiro estudo. De forma mais geral, todo o processo de validação da tradução e construção de novos itens e/ou melhores itens recorrendo às entrevistas com peritos é pioneiro em relação a esta escala, principalmente se nos focarmos nos trabalhos realizados sobre esta temática em específico. Os itens resultantes deste processo vão estar melhor adaptados a um paradigma (ACs) que os autores originais (Rusbult et al., 1998) não podiam prever que a sua escala se iria propor a medir (já que o IM foi proposto para ser aplicado a relações entre humanos). A introdução dos novos itens na escala vem mostrar que este trabalho foi fundamental na melhor adaptação da IMS ao contexto do ACs. Este estudo vem então fazer a primeira metade (sendo a segunda desenvolvida no Estudo 3) de um processo muito mais meticuloso de adaptação da IMS a um novo contexto, garantindo assim uma maior qualidade psicométrica nas recolhas que vierem a utilizar o nosso instrumento.

Ainda que os resultados do Estudo 2 sejam satisfatórios, este não está desprovido de limitações. Primeiramente, a amostra utilizada foi substancialmente mais pequena que a utilizada no Estudo 1, o que poderá não só complicar a comparação entre os mesmos, mas também dificultar as análises estatísticas realizadas neste estudo. Outra limitação foi a utilização da versão incorreta do item 8, onde foi utilizada a sua versão não alterada (“O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal”). Dada a semelhança entre os mesmos (ao item alterado só acresce “para mim” no final), procedemos à inclusão da versão alterada no Estudo 3, para que este item não deixe de espelhar as sugestões dos peritos em relação ao mesmo. Adicionalmente, os valores de consistência interna verificados, ainda que estatisticamente aceitáveis, não são os desejados, principalmente quando um dos objetivos de avançar para lá do Estudo 1 era precisamente melhorar os valores de consistência interna observados nesse estudo. Os valores mais baixos observados neste Estudo 2 podem dever-se a uma possível heterogeneidade de conceitos dos itens (Tavakol & Dennick, 2011), o que será expectável numa escala com itens novos e a ser adaptada a um novo contexto. Finalmente, uma limitação que carece de nova menção foi a dificuldade do SPSS em delinear uma estrutura desejável da nossa escala numa fase inicial da análise. Esta dificuldade originou as análises segmentadas das dimensões do IM que, ainda que não extremamente

problemática, tencionámos colmatar com a análise final conjunta. Nessa análise não nos foi possível resolver o problema da necessidade de forçar a estrutura fatorial a quatro fatores, o que era desejado como seguimento ao Estudo 1 (ver discussão do Estudo 1). A origem desta limitação continuou a ser a dimensão da qualidade das alternativas, que vê consistentemente os seus itens divididos em dois fatores. Este fenómeno deu-se tanto na análise segmentada como na análise geral final. Ainda que esta problemática esteja identificada e seja intrínseca à dificuldade de tradução desta dimensão para o contexto dos ACs, tencionamos colmatar esta lacuna com a realização do Estudo 3, onde esperamos que a análise realizada confirme a estrutura original do IMS (Rusbult, 1980).

Assim, numa tentativa de mitigar estas limitações, e utilizando agora a escala resultante deste Estudo 2, passámos ao Estudo 3 onde procedemos a uma nova recolha de dados e à análise fatorial confirmatória, com o objetivo de confirmar, de forma mais definitiva, a adequação dos novos itens à escala e o ajuste desta à estrutura do modelo original (Rusbult, 1980).

CAPÍTULO 4

Estudo 3

Uma vez obtida a nova versão da IMS e realizadas as análises que apontam no sentido de esta manter a estrutura original (Rusbult, 1980), chegamos àquele que é o último estudo desta dissertação. Neste Estudo 3, e depois de recolher uma nova amostra, passaremos pelo processo de confirmação da adequação desta nossa versão da IMS (Rusbult et al., 1998) à estrutura proposta no modelo original (Rusbult, 1980), através da realização de uma análise fatorial confirmatória. Com o objetivo de garantir ao nosso instrumento a maior confiança psicométrica possível, iremos ainda recorrer a processos adicionais de obtenção de características psicométricas da escala final proposta.

Um dos métodos frequentemente utilizados com esta finalidade é a busca de validade concorrente, que é um tipo de validade relativa a um critério (Miller & Lovler, 2016). Esta metodologia consiste na comparação dos valores obtidos pelo instrumento em desenvolvimento com aqueles que são obtidos por instrumentos pré-existentes e com os quais esperaríamos encontrar, teoricamente, associações com as nossas dimensões. Assim sendo, se esta validade estiver presente, os resultados de um instrumento permitem prever os resultados noutros instrumentos que meçam o conceito utilizado como critério. No presente caso, iremos utilizar duas dimensões distintas para este propósito.

Em primeiro lugar, recorreremos à CCAS (Zasloff, 1996), que mede a vinculação do indivíduo ao seu AC, através da medição do conforto proveniente do AC. Tal como vimos anteriormente (ver Animais de companhia e Escalas Anteriores), o conceito da vinculação é muito estudado no contexto dos ACs, sendo regularmente associada com os efeitos positivos que estes podem trazer (Garrity et al., 1989). A vinculação tem vindo a ser associada ao compromisso desde cedo, sendo que Rusbult & Buunk (1993) incluíam a ideia de sentimentos de vinculação na sua definição de compromisso. Mesmo na literatura específica da psicometria no contexto dos ACs encontramos exemplos desta ligação. A já mencionada escala de Miller-Rada de compromisso com os animais (Staats et al., 1996) passou por um processo semelhante àquele a que nos estamos a propor, ao utilizar uma segunda escala que visava medir a vinculação dos participantes ao seu AC para garantir algum tipo de validade relativa a um critério quanto à sua escala de compromisso. É importante mencionar que poderíamos tomar os resultados relativos a esta dimensão como atestando validade convergente e não concorrente, já que os conceitos de vinculação (ou conforto proveniente do AC) e compromisso podem convergir. No

entanto, e como esperamos que elevados níveis de compromisso permitam prever níveis de maior conforto proveniente do AC, iremos continuar a tratar de validade concorrente por questões de coerência psicométrica.

De seguida, iremos utilizar uma questão anteriormente empregada por Jacobetty e colegas (2019), na qual os participantes deviam indicar com que frequência consideram o seu AC “um peso ou um fardo” na sua vida. No mesmo estudo em que recorreram a esta questão, Jacobetty e colegas (2019) concluem que os indivíduos com opiniões mais pragmáticas em relação ao abdicar de ACs estão mais propensos a considerar ACs como pesos ou fardos, estando estas duas variáveis correlacionadas ($p < .05$). O conceito clássico do compromisso vai precisamente no sentido oposto, argumentando que quanto maior o compromisso, maior será a probabilidade da relação persistir (Agnew, 2009; Rusbult et al., 1998). De forma lógica, então, decorre que quanto maior for o compromisso de um indivíduo ao seu AC, menos propenso este estará de o considerar um peso ou fardo. Dados estes precedentes, podemos incluir com confiança a análise desta dimensão em conjunto com o compromisso medido pela nossa IMS, na tentativa de lhe garantir também alguma validade de critério.

Adicionalmente, iremos ainda testar a sensibilidade da escala, para garantir que esta é utilizada no futuro já com as salvaguardas necessárias em relação às diferenças que podem surgir nos dados recolhidos com base nos diferentes participantes que compõem a amostra. Para estas análises, iremos utilizar variáveis como o sexo do participante, a espécie do AC, e duração da relação com o mesmo, todas elas recolhidas em conjunto com o restante questionário.

4.1 Método

4.1.1 Participantes

O nosso segundo estudo contou com uma amostra de 236 participantes válidos (ver secção do procedimento), com idades entre 20 e 69 anos. A maioria dos participantes era do sexo feminino (77.5%), licenciada (48.7%), católica (58.1%), estava empregada de forma permanente (72.0%) e vivia num apartamento (72.5%) no momento da recolha. Estes e outros dados sociodemográficos podem ser consultados na Tabela 4.1.

É de realçar a discrepância existente no sexo dos participantes, onde as participantes do sexo feminino estão em clara vantagem. No entanto, segundo a literatura (Herzog, 2007), as diferenças entre homens e mulheres referentes às variáveis relevantes para este estudo não tendem a ser acentuadas. Assim sendo, podemos prosseguir para a análise sem que estes valores representem uma limitação.

Os participantes foram selecionados através de um processo de amostragem não probabilístico por conveniência (Taherdoost, 2016). Os únicos requisitos de inclusão no estudo foram: (a) ter pelo menos 18 anos; (b) compreender fluentemente português europeu; e (c) ter atualmente um AC. A participação foi voluntária e não tinha associada nenhum tipo de compensação, nem qualquer tipo de risco esperado.

Para a realização de uma análise fatorial com o número de itens em consideração, a literatura indica que precisaríamos de pelo menos 120 participantes (5 vezes o número de itens), já que contamos com mais de 15 itens em consideração (Hill & Hill, 2000). Como nos foi possível recolher e analisar uma amostra de 236 respostas válidas, este requisito foi assegurado.

Tabela 4.1 - Caracterização sociodemográfica da amostra do Estudo 3

	<i>N</i> = 834
Sexo	
Feminino	183 (77.5%)
Masculino	53 (22.5%)
Nível de Escolaridade	
Inferior ao ensino secundário	4 (1.7%)
Ensino secundário	69 (29.2%)
Bacharelato/Licenciatura	115 (48.7%)
Mestrado/Doutoramento	47 (19.9%)
Outro	1 (0.4%)
Orientação Política	
Extrema esquerda	1 (0.4%)
Esquerda	71 (30.1%)
Centro	44 (18.6%)
Direita	45 (19.1%)
Extrema direita	2 (0.8%)
Sem orientação política	73 (30.9%)
Religião	
Sem religião	78 (33.1%)
Católica	137 (58.1%)
Cristã não católica	14 (5.9%)
Outra	7 (3.0%)
Situação Laboral	

<i>N</i> = 834	
Emprego permanente	170 (72.0%)
Emprego temporário	14 (5.9%)
Trabalhador/a Estudante	6 (2.5%)
Estudante	32 (13.6%)
Desempregado/a	4 (1.7%)
Reformado/a	7 (3.0%)
Doméstico/a	3 (1.3%)
Nível de Rendimento Mensal	
< = 580€	27 (11.4%)
581-999€	64 (27.1%)
1000-1999€	105 (44.5%)
2000-4999€	34 (14.4%)
= > 5000€	6 (2.5%)
Estado Civil	
Solteiro/a sem relação	52 (22.0%)
Solteiro/a numa relação	37 (15.7%)
Solteiro/a numa união de facto	33 (14.0%)
Casado/a	94 (39.8%)
Viúvo/a	1 (0.4%)
Divorciado	19 (8.1%)
Tipo de Habitação	
Apartamento	171 (72.5%)
Morada	62 (26.3%)
Quinta	3 (1.3%)
Meio de Habitação	
Meio urbano	171 (72.5%)
Meio suburbano	47 (19.9%)
Meio rural	18 (7.6%)
<i>M (SD)</i>	
Idade	40.41 (12.92)

4.1.2 Instrumentos

Escala do modelo do investimento (IMS)

A escala do modelo do investimento foi proposta originalmente por Rusbult e colegas (1998). Esta escala, tal como visto anteriormente, propõe-se a medir as variáveis do compromisso, satisfação com a relação, qualidade das alternativas e tamanho do investimento referentes ao relacionamento do participante, tendo cada uma destas uma subescala para a medir diretamente. No presente estudo, utilizámos a versão da IMS resultante do Estudo 2, com dois pequenos ajustes: (a) a escala foi reordenada para que os itens surgissem na mesma ordem que na versão original da IMS (Rusbult et al., 1998). Dentro de cada dimensão, e quando existiam, os itens criados e introduzidos nos processos realizados no Estudo 2 foram colocados depois daqueles que haviam sido baseados em itens da escala original (e.g., o item 6 deste estudo foi criado durante o Estudo 2. Na ordenação do instrumento, como este era o único item completamente novo a ser introduzido na dimensão da satisfação com a relação, foi colocado depois dos restantes itens da satisfação com a relação e antes dos itens referentes à qualidade das alternativas); (b) o item 2 (item 8 no Estudo 2) foi aplicado no estudo dois na sua forma original de forma errónea. Depois das entrevistas, este item deveria ter sido alterado para “O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal para mim.”. Como os itens são bastante semelhantes em ambas as suas formas (única diferença é a adição da passagem “para mim” no final), optamos por fazer a correção antes do Estudo 3, pelo que a versão atual do item é a versão alterada com base nos pareceres dos peritos.

Passando então às subescalas da IMS, a dimensão da satisfação com a relação foi medida com recurso a cinco itens (e.g., “O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.”). No Estudo 2, esta subescala revelou um valor de consistência interna elevado ($\alpha = .86$). A qualidade das alternativas foi medida através de cinco itens (e.g., “Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem, pois encontraria outro animal.”). No Estudo 2, esta subescala revelou um valor de consistência interna dentro do desejável ($\alpha = .72$). A dimensão do tamanho do investimento foi medida recorrendo a seis itens (e.g., “Em comparação com outras pessoas que conheço, eu investi bastante no relacionamento com o meu animal de companhia.”). No Estudo 2, esta subescala revelou um valor de consistência interna elevado ($\alpha = .81$). Finalmente, a dimensão de compromisso foi medida através de oito itens (e.g., “Sinto-me muito comprometido com o relacionamento que tenho com o meu animal de companhia.”). No Estudo 2, esta subescala revelou um valor de consistência interna bastante satisfatória ($\alpha = .79$).

Desta forma, esta nova versão da escala do modelo do investimento aplicada aos ACs conta com um total de 24 itens, todos eles cotados numa escala Likert de 1 a 7 consoante o nível de concordância do participante com o item apresentado, onde “1 - Discordo totalmente” e “7 - Concordo totalmente” são os extremos da escala de resposta e os únicos valores com legenda presente em adição ao valor numérico.

Escala do conforto proveniente de ACs (CCAS) (Zasloff, 1996)

A Escala do conforto proveniente de ACs visa medir a vinculação em termos de conforto percebido (Zasloff, 1996) e foi aplicada para possibilitar as já mencionadas análises referentes à validade de critério. A versão final desta escala conta com 11 itens (e.g., “O meu animal de companhia é fonte de estabilidade na minha vida”), sendo que o valor de consistência interna reportado foi elevado ($\alpha = .85$). Originalmente cotados em apenas quatro pontos, os itens foram alterados para uma escala de Likert de sete pontos (de 1 - Discordo totalmente a 7 - Concordo totalmente) para manter consistência com a IMS aplicada. Tal como nessa escala, só os extremos apresentavam a legenda para além dos valores.

Questões referentes ao AC

Adicionalmente, os participantes responderam a questões referentes a um AC em específico, possibilitando assim algumas análises de sensibilidade da escala. Estas questões foram adaptadas de investigação anterior (Jacobetty et al., 2019) e incluíam tópicos como a duração da relação com o AC e espécie do mesmo. É necessário destacar a questão referente ao nível de concordância com a frase “O seu animal de companhia é, para si, um peso ou um fardo?” (de 1 - Nunca a 7 - Sempre), que foi extremamente relevante na investigação de Jacobetti e colegas (2019) e nos será muito útil nos já mencionados processos de exploração da validade de critério da nossa IMS.

4.1.3 Procedimento

Os dados foram recolhidos através de um questionário online criado no Qualtrics (<https://www.qualtrics.com/>) enviado⁴ diretamente aos participantes através de redes sociais (e.g., Facebook) e aplicações de mensagens (e.g., WhatsApp), pedindo que voluntariassem o seu tempo. O consentimento dos participantes foi recolhido através da sua resposta afirmativa após leitura de uma página inicial com as informações relativas ao nosso estudo, possíveis vantagens e riscos individuais associadas à participação (que eram previstos como sendo nulos), e o compromisso dos investigadores em relação à manutenção de confidencialidade e

⁴ Durante a recolha de dados do Estudo 3, foi-nos possível contar com a estudante Rita Santos nos processos de partilha e angariação de participantes, a quem agradeço pela ajuda prestada.

anonimato das respostas. Depois da obtenção deste consentimento, os participantes responderam a questões sociodemográficas e alguns itens gerais sobre os seus ACs (e.g., “Que tipos de animais já teve?”). De seguida, era pedido aos participantes que se concentrassem em apenas um dos seus ACs e respondessem a algumas questões em relação ao mesmo (e.g., “Há quanto tempo, aproximadamente, tem este animal de companhia? (em anos e meses)”). Estes dados serão utilizados para medir a sensibilidade da escala. Finalmente, eram apresentadas aos participantes a versão da IMS resultante do Estudo 2 e a escala CCAS (Zasloff, 1996) (ver secção “Instrumentos”). Esta última foi aplicada com o objetivo de que os dados recolhidos conferissem à nossa versão da IMS uma maior validade convergente. A participação de cada indivíduo demorou em média 16 minutos.

Depois de recolhida a amostra, procedemos à limpeza da base de dados resultante. Nesta fase inicial, a amostra obtida diretamente da recolha contava com 484 participantes. Foi feito um primeiro tratamento da base de dados onde foram retiradas respostas nulas, participantes que não deram o seu consentimento para participar no estudo ou não responderam à IMS na sua totalidade, e outras respostas que se encontrassem demasiado padronizadas, extremas, ou espelhassem dados pouco lógicos (e.g., responder com pontuações elevadas a vários itens de compromisso, incluindo aqueles codificados de forma inversa, transmitindo uma noção contrária e sem sentido). A amostra final era então composta pelos 236 participantes mencionados anteriormente (ver secção Participantes), registando assim uma taxa de *dropout* de 51.24%. Como a vasta maioria dos participantes não considerados era composta por participantes que não responderam à escala na sua totalidade (81.9%), não nos é possível comparar os dois grupos (retirados e mantidos) em relação a possíveis diferenças no que toca às dimensões em análise. A amostra final de 236 é avaliada como pelo menos “razoável” para o tipo de análise a ser realizada (Comrey & Lee, 1992), respeitando ainda os limiares propostos por Hill & Hill (2000).

A subsequente análise estatística foi realizada com recurso ao mPlus (Muthen & Muthen, 2012), utilizando o estimador *maximum likelihood robust* (MLR) (Yuan & Bentler, 2000) durante a mesma. Analisámos, ainda, coeficientes de ajustamento do modelo (relativos e absolutos, e.g., CFI e RMSEA) para garantir uma maior validade estatística às nossas conclusões. Baseámos estas análises nos limiares propostos pela literatura (i.e., SRMR abaixo de .10-.08, RMSEA abaixo de .08-.05, e índices de CFI e TLI acima de .90-.95) (Cole, 1987; Bentler, 1990; Hu & Bentler, 1999; Pestana & Gageiro, 2020, Schumacker & Lomax, 2010). Adicionalmente, utilizámos o SPSS (Versão 27) para complementar as análises de sensibilidade da escala.

4.2 Resultados

Estão presentes na Tabela 4.2 as análises descritivas dos itens desta versão da IMS, estando incluídos ainda os itens que posteriormente foram retirados durante a análise. Uma vez mais, as distribuições verificadas para cada um dos itens revelaram-se assimétricas, apontando uma vez mais para a presença de um efeito de teto (Everitt & Skrondal, 2010). Ainda assim, na sua grande maioria, os valores médios foram ao encontro do que seria esperado. A grande exceção passível de ser mencionada foram os valores obtidos para o item 6, que não só obteve uma concordância média bastante alta para um item de uma dimensão que é caracterizada pelos valores mais baixos da IMS, como obteve um desvio-padrão de 1.86 numa escala de sete pontos, relevando assim uma elevada dispersão de respostas. Resultados descritivos como este criaram desde logo a expectativa de que a componente da qualidade das alternativas poderia ser a mais problemática nas análises deste Estudo 3.

Posteriormente, e já com os fatores construídos, testámos ainda se cada uma das dimensões se diferenciava significativamente do ponto médio da escala, bem como se estas diferenças se verificavam nos sentidos previstos pela literatura. Estes resultados podem ser consultados na próxima subsecção.

Tabela 4.2 - Análise descritiva dos itens da versão da IMS aplicada - Estudo 3

Itens	Descritivas						
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>S</i>	<i>SE S</i>	<i>K</i>	<i>SE K</i>
1) Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.	236	6.66	0.77	-2.51	.16	6.20	.32
2) O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal para mim.	236	6.14	1.16	-1.56	.16	2.17	.32
3) O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.	236	6.61	0.77	-2.07	.16	3.80	.32
4) O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de companhia/companheirismo, etc. com animais.	236	6.36	1.02	-1.81	.16	3.24	.32
5) Com base nas minhas experiências anteriores (outros animais, animais de amigos, etc.), o relacionamento com o	236	6.35	1.05	-1.81	.16	2.84	.32

Itens	Descritivas						
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>S</i>	<i>SE S</i>	<i>K</i>	<i>SE K</i>
meu animal de companhia corresponde às minhas expectativas.							
6) Consigo encontrar alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia que igualem ou ultrapassam o que considero ser ideal para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	236	4.89	1.86	-0.61	.16	-0.58	.32
7) Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem, pois encontraria outro animal.	236	2.95	1.87	0.55	.16	-0.89	.32
8) As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são apelativas para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.)	236	4.13	1.95	-0.23	.16	-1.01	.32
9) Substituir o meu animal de companhia por outro seria uma boa opção para mim.	236	1.21	0.67	3.93	.16	16.23	.32
10) As minhas necessidades de companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.	236	1.66	1.16	1.83	.16	2.59	.32
11) Eu investi muito no relacionamento com o meu animal de companhia e acabaria por perder quase tudo se este relacionamento terminasse.	236	4.31	1.97	-0.13	.16	-1.10	.32
12) Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia quase tudo caso este relacionamento terminasse.	236	3.25	1.99	0.48	.16	-0.97	.32
13) Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia porque faço muito por ele.	236	4.93	1.86	-0.58	.16	-0.71	.32
14) Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (por exemplo, os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia).	236	2.46	1.85	1.13	.16	0.18	.32
15) Em comparação com outras pessoas que conheço, eu investi bastante no	236	4.22	1.89	-0.13	.16	-0.99	.32

Itens	Descritivas						
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>S</i>	<i>SE S</i>	<i>K</i>	<i>SE K</i>
relacionamento com o meu animal de companhia.							
16) Já tenho atividades planeadas para realizar com o meu animal de companhia a curto-médio prazo.	236	3.68	1.98	0.20	.16	-1.07	.32
17) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure por muito tempo.	236	6.82	0.57	-3.46	.16	11.72	.32
18) Estou comprometido/a em manter o relacionamento com o meu animal de companhia.	236	6.81	0.57	-3.58	.16	14.83	.32
19) Não ficaria muito afetado se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo. (R)	236	6.74	0.83	-4.07	.16	17.50	.32
20) Durante o próximo ano, poderei considerar substituir o animal de companhia que tenho atualmente. (R)	236	6.92	0.37	-5.84	.16	37.58	.32
21) Sinto-me muito comprometido com o relacionamento que tenho com o meu animal de companhia.	236	6.37	1.24	-2.31	.16	5.29	.32
22) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure o máximo possível.	236	6.89	0.45	-4.67	.16	23.57	.32
23) Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo, dentro do expectável para a sua espécie (por exemplo, imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos).	236	6.75	0.67	-2.91	.16	7.82	.32
24) Já pensei seriamente em abdicar do meu animal de companhia. (R)	236	6.87	0.64	-5.90	.16	36.88	.32

Nota: Assimetria: quatro itens (i.e., 8, 11, 15 e 16) apresentaram uma distribuição simétrica, cinco itens (i.e., 7, 9, 10, 12 e 14) apresentaram uma assimetria positiva, e 15 itens (i.e., 1, 2, 3, 4, 5, 6, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24) apresentaram uma assimetria negativa; Curtose: dois itens (i.e., 6 e 14) apresentaram uma distribuição mesocúrtica, 15 itens (i.e., 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24) apresentaram uma distribuição leptocúrtica, e sete itens (i.e., 7, 8, 11, 12, 13, 15 e 16) apresentaram uma distribuição platicúrtica.

(R) indica que o item foi codificado de forma inversa. S assimetria, SE S erro padrão da assimetria, K curtose, SE K erro padrão da curtose

4.2.1 Análise fatorial confirmatória

Na primeira análise realizada foram incluídos todos os 24 itens da nova versão da IMS. Os resultados da mesma indicaram que a os itens 6 (qualidade das alternativas) e 24 (compromisso) seriam possivelmente problemáticos para o modelo em análise. O item 6 não se apresentou significativo ($p = .088$) e o item 24 apresentava-se perto de não o ser também, complicando ainda a análise nas suas relações com os restantes itens da escala. Adicionalmente, os valores obtidos para os coeficientes de ajustamento também se mostraram insatisfatórios, sendo que a grande maioria dos valores obtidos não se encontrava dentro dos limiares propostos pela literatura, $\chi^2(246) = 455.88$, $\chi^2/df = 1.85$, CFI= .86, TLI= .84, SMSR= .07 e RMSEA= .06 [.05, .07]. Assim sendo, decidimos descartar estes itens e repetir a análise. A remoção de itens neste tipo de análise é discutida, mas análises baseadas em análises fatoriais confirmatórias que utilizam métodos semelhantes a estes numa vertente mais exploratória têm vindo a ser indicadas como viáveis, se não até preferíveis (Marsh et al., 2014).

A nossa escala passou então a incorporar 22 itens, que foram integrados numa nova análise fatorial confirmatória, onde também correlacionámos os erros dos itens 11 e 12 e dos itens 12 e 16. Esta correção foi proposta pelo mPlus durante a primeira análise e deveu-se à proximidade semântica dos itens (e.g., “12 - Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia quase tudo caso este relacionamento terminasse.” e “16 - Já tenho atividades planeadas para realizar com o meu animal de companhia a curto-médio prazo.”). O ajustamento dos nossos dados ao modelo original (Rusbult, 1980) foi, na sua maioria, bastante satisfatório. De uma forma geral, os pesos verificados estavam dentro dos limiares anteriormente aceites nesta dissertação (acima de .40). Ainda que tenham existido três exceções (itens 9, 19 e 21), todas elas contavam com valores de significância bastante elevados ($p < .010$), pelo que mantivemos os itens associados na nossa análise. Na Figura 4.1 está disponível o diagrama representativo do modelo, incluindo todos os itens mantidos na análise, com os respetivos pesos e erros associados, pelo que outros valores possivelmente de interesse estarão lá disponíveis.

Com base nos limiares propostos pela literatura para os coeficientes de ajustamento utilizados, os valores obtidos na análise apontam no sentido dos nossos dados se ajustarem bem ao modelo original (Rusbult, 1980), $\chi^2(201) = 320.81$, $\chi^2/df = 1.60$, CFI= .91, TLI= .90, SMSR= .07 e RMSEA= .05 [.04, .06]. Este é um resultado muito positivo do nosso trabalho, já que os nossos dados apontam assim no sentido da manutenção da estrutura original do IM ao paradigma dos ACs.

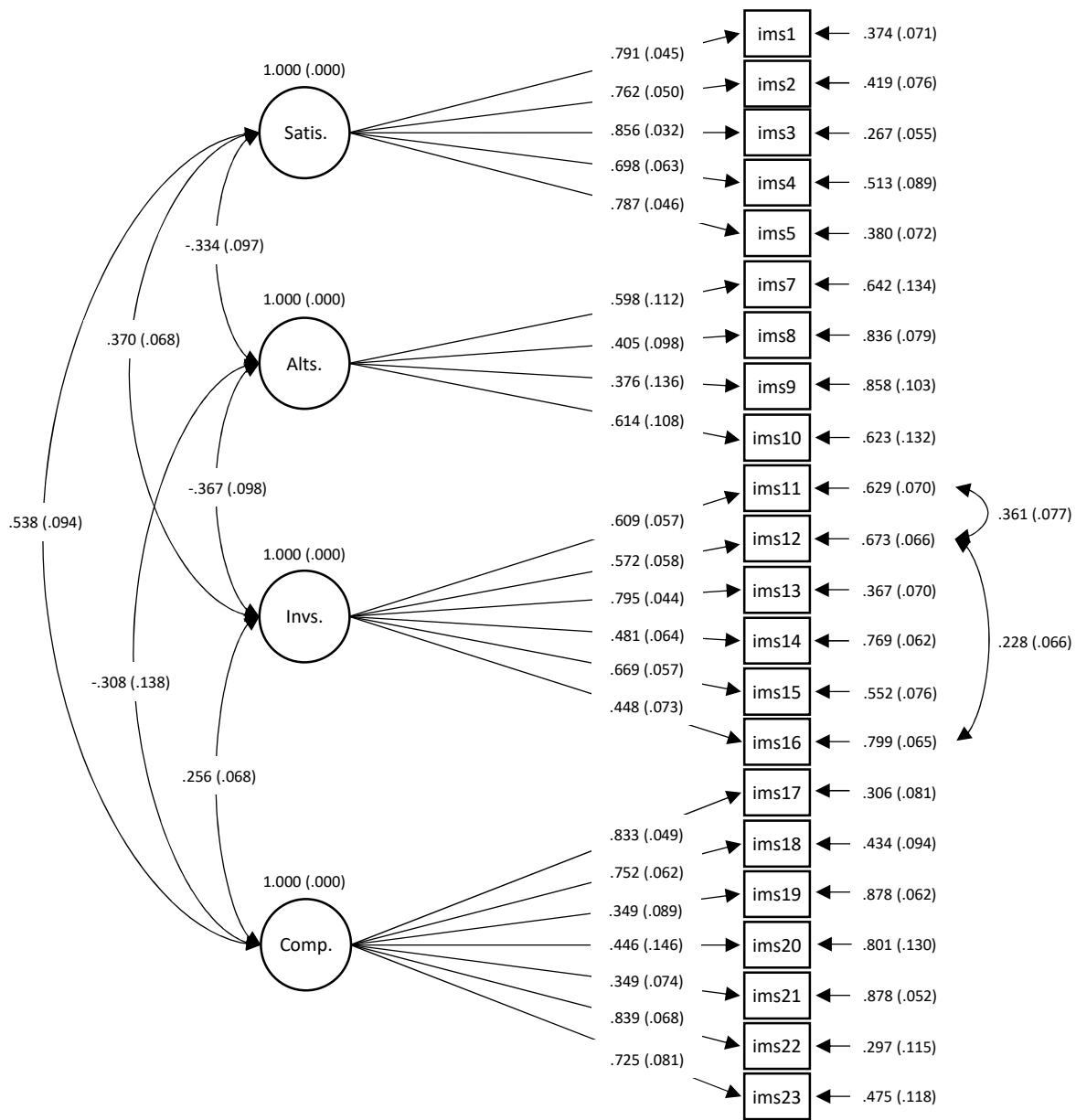


Figura 4.1: Representação esquemática do modelo em análise com os valores relevantes (coeficientes ajustados)

Para proceder às análises de consistência interna de cada uma das dimensões, utilizámos o omega de McDonald (ω) (McDonald, 1999). As dimensões da satisfação com a relação (.88), do tamanho do investimento (.79), e do compromisso (.73) não apresentaram problemas, reportando valores no mínimo aceitáveis. No entanto, a dimensão da qualidade das alternativas apresentou um valor de consistência interna bastante baixo (.56). Ainda que esta dimensão tenha sido a mais problemática durante todo o processo de adaptação da IMS ao contexto dos ACs, este valor não deixou de ser uma surpresa, tendo em conta que nos estudos anteriores os valores de consistência interna estiveram sempre dentro dos limiares estabelecidos pela

literatura (Kline, 2015). Implicações e possíveis explicações desta baixa consistência interna são discutidas brevemente na secção da Discussão deste Estudo 3 e de forma mais extensa na secção da Discussão Geral.

Os valores obtidos para cada fator foram ainda comparados com o ponto médio da escala (4) através de um teste *t* para uma amostra. Todos os fatores apresentaram valores significativamente diferentes do ponto intermédio. As dimensões da satisfação com a relação ($t(235) = 47.00, p < .001, 95\% \text{ CI } [2.32, 2.53]$) e do compromisso ($t(235) = 94.91, p < .001, 95\% \text{ CI } [2.70, 2.81]$) apresentaram valores significativamente acima do ponto intermédio da escala. Em contrapartida, a qualidade das alternativas ($t(235) = -23.79, p < .001, 95\% \text{ CI } [-1.64, -1.39]$) e o tamanho do investimento ($t(235) = -2.17, p = .031, 95\% \text{ CI } [-0.37, -0.02]$) apresentaram valores significativamente abaixo do ponto intermédio da escala. Com exceção da dimensão do tamanho do investimento (que normalmente apresenta valores acima do ponto médio da escala), todos estes resultados vão ao encontro do que seria esperado com base na literatura (Baker et al., 2016; Rusbult et al., 1998).

4.2.2 Sensibilidade da escala

Tal como havia sido mencionado anteriormente, sendo este o último estudo da dissertação, não quisemos deixar de analisar a sensibilidade da escala em relação às diferenças sociodemográficas que caracterizavam os participantes desta amostra. Para as variáveis para as quais foi possível traçar correlações (idade e duração da relação) com as dimensões do IM, os valores referentes a estas relações são apresentados na Tabela 4.3. Surpreendentemente, a duração da relação não aparenta estar correlacionada com nenhuma das componentes do modelo, o que vai contra à ideia de que o tempo em si seria um investimento (Rusbult, 1980) na relação entre humano e AC. A idade, em contrapartida, mostrou-se correlacionada com a dimensão do tamanho do investimento, apresentando uma correlação negativa (ver Tabela 4.3).

Tabela 4.3 - Correlações - Estudo 3

	<i>M</i> (<i>SD</i>)	Correlações							
		1	2	3	4	5	6	7	8
1. Compromisso	6.76 (0.45)	-							
2. Investimentos	3.81 (1.36)	.26***	-						
3. Satisfação	6.42 (0.79)	.54***	.37***	-					

	<i>M (SD)</i>	Correlações							
		1	2	3	4	5	6	7	8
4. Alternativas	2.49 (0.98)	-.31*	-.37***	-.33**	-				
5. Idade	40.41 (12.92)	-.02	-.13*	-.05	.09	-			
6. Duração da Relação	78.72 (52.87)	-.03	-.06	-.01	-.03	.08	-		
7. Conforto proveniente do AC	5.93 (1.03)	.39***	.54***	.61***	-.34***	-.17*	.03	-	
8. Fardo / Peso	1.48 (0.72)	-.19*	-.10	-.32***	.12	-.11	-.05	-.25**	-

Nota: a Idade foi codificada em anos, enquanto que a Duração da Relação foi codificada em meses

* $p < .050$, ** $p < .010$, *** $p < .001$

As restantes variáveis utilizadas nestas análises de sensibilidade não poderiam ser utilizadas em correlações lineares (dada a sua natureza), pelo que realizámos os testes adequados a cada uma delas (ANOVA e teste t para amostras independentes). Todos os outputs brutos relevantes referentes a estas análises podem ser consultados no Anexo E. É importante lembrar antes de apresentar quaisquer dados estatísticos que a dimensão da qualidade das alternativas apresentou um valor de consistência interna problemático ($\omega = .56$), pelo que os resultados de análises referentes a esta análise devem ser interpretados com alguma cautela.

Começando pela escolaridade, foram retirados os participantes que reportaram ter menos que o ensino secundário ($n=4$) ou outro tipo de ensino para além dos especificados ($n=1$) durante a condução da ANOVA. Este tratamento deveu-se à evidente falta de participantes nesses grupos e consequente discrepância para com os outros grupos. A ANOVA revelou então uma diferença significativa na dimensão do tamanho do investimento ($F(2, 228) = 4.11, p = .018$), sendo a única dimensão onde a escolaridade pareceu ter um efeito principal. Comparações *post hoc* recorrendo ao teste de *Bonferroni* revelaram o ensino secundário como sendo o grupo discrepante, sendo significativamente diferente do grupo com mestrado/doutoramento ($p = .034$) e estando no limiar de significância em relação a ser significativamente diferente do grupo com bacharelato/licenciatura ($p = .050, 95\% \text{ CI } [0.001, 0.993]$). Em ambos os casos, o grupo com ensino superior reportou valores médios mais altos nesta variável. Estas diferenças poderão dever-se a uma hipotética instrumentalização dos ACs do ponto de vista dos indivíduos com mais escolaridade, mas mais investigação será necessária se quisermos explicar este efeito em específico.

Em relação às análises sobre o nível de rendimento, foram retirados os participantes que reportaram ter um rendimento mensal líquido superior a 5000€ (n=4) durante a condução da ANOVA. Este tratamento deveu-se à evidente falta de participantes nesse grupo e consequente discrepância para com os outros grupos. Adicionalmente, este nível de rendimentos é algo incomum neste tipo de amostras, pelo que a sua remoção não irá influenciar a nossa análise em relação à sua validade externa. A ANOVA revelou então diferenças significativas em três dimensões distintas: a satisfação com a relação ($F(3, 226) = 3.37, p = .019$), a qualidade das alternativas ($F(3, 226) = 3.90, p = .010$) e o tamanho do investimento ($F(3, 226) = 3.70, p = .013$). Comparações *post hoc* recorrendo ao teste de *Bonferroni* revelaram uma diferença significativa entre o segundo grupo de rendimento (581-999€) e o quarto (2000-4999€) para a satisfação com a relação ($p = .016$), onde o segundo grupo de rendimento obteve um valor significativamente mais alto. Para a qualidade das alternativas, a diferença significativa encontrada estava novamente entre o segundo grupo (581-999€) e o quarto (2000-4999€) ($p = .044$), sendo que desta vez o quarto grupo obteve o valor significativamente superior. No tamanho do investimento, a diferença significativa encontrada esteve entre o primeiro grupo ($\leq 580€$) e o quarto (2000-4999€) ($p = .006$), onde o primeiro grupo obteve um valor significativamente mais alto. Estes resultados parecem indicar que as dimensões da IMS não são completamente independentes do nível de rendimento. Dados todos os custos associados à manutenção de um AC, os resultados associados ao tamanho do investimento espelham a realidade social, já que o mesmo valor absoluto de investimento será percebido de forma diferente consoante o seu peso relativo ao poder de compra do indivíduo. Já os resultados relativos à satisfação com a relação e qualidade das alternativas poderão uma vez mais estar relacionados com a hipotética maior instrumentalização dos ACs por parte dos indivíduos com maiores rendimentos, já que sabem que têm facilmente ao seu dispor uma eventual substituição de AC caso assim desejarem.

Nas análises em relação ao tipo de AC, só nos foi possível comparar os participantes que mencionaram ter cães ou gatos, já que o número de participantes com outro tipo de AC era reduzido e/ou não discriminavam qual o seu AC. Não foram encontradas diferenças significativas entre as espécies para as dimensões da satisfação com a relação, qualidade das alternativas e compromisso ($p > .529$). No entanto, a dimensão do tamanho do investimento revelou-se significativamente diferente entre as espécies, com os canídeos a obterem um valor significativamente superior ($t(211) = 2.767, p = .006, 95\% \text{ CI } [0.14, 0.86]$). Este resultado pode ser explicado pela quantidade de investimentos associados ao cuidado de um cão (e.g., passeá-lo, dar-lhe banho) que não existem no caso dos gatos.

Finalmente, comparámos ainda as respostas entre participantes de sexos diferentes. Encontrámos diferenças significativas para as dimensões da satisfação com a relação ($t(234) = -2.817, p = .005, 95\% \text{ CI } [-0.53, -0.10]$) e da qualidade das alternativas ($t(234) = 3.474, p = .001, 95\% \text{ CI } [0.22, 0.81]$), o que vai contra o que seria esperado segundo a literatura (Herzog, 2007). As mulheres reportaram, em média, valores mais altos de satisfação com a relação, enquanto que os homens obtiveram valores médios mais altos na dimensão das alternativas. Estas diferenças poderão ser possivelmente explicadas com as diferenças reportadas entre as personalidades típicas entre sexos (Weisberg et al., 2011), mas seria necessário realizar um trabalho mais específico que incluísse a aplicação de um instrumento de personalidade e contasse com uma amostra mais equilibrada.

4.2.3 Validade relativa a um critério

A validade relativa a um critério foi assegurada através da análise das correlações entre as dimensões em análise e duas das variáveis que a literatura prevê como estando relacionadas com o conceito de compromisso (conforto proveniente do AC e considerar o AC um peso/fardo). É importante realçar que estas análises permitem-nos perceber que determinados resultados nas nossas dimensões serão capazes de prever resultados em instrumentos que medem conceitos que são próximos às dimensões do IM, sendo esse o objetivo quando falamos de validade relativa a um critério. As correlações verificadas podem ser consultadas na Tabela 4.3 e foram, na sua maioria, bastante satisfatórias.

Sobre as análises relativas às dimensões da IMS com o conforto proveniente do AC (CCAS; Zasloff, 1996), para a qual obtivemos um valor bastante elevado de consistência interna ($\omega = .91$), todas as correlações se revelaram significativas e no sentido previsto. Por exemplo, a dimensão da qualidade das alternativas foi a única que apresentou um sentido negativo nas correlações com o conforto proveniente do AC, o que faz sentido com base no que seria esperado de forma lógica e com base na literatura (quanto maior o meu conforto proveniente do AC, menor a probabilidade de ver a qualidade das alternativas a ter o meu AC atual como sendo de qualidade). Assim sendo, as dimensões desta nova IMS parecem ser capazes de prever os resultados desta escala do conforto proveniente do AC. Estes resultados são bastante positivos dada a centralidade da variável da vinculação (que o autor original – Zasloff, 1996 – indica podermos equivaler aos dados obtidos pela sua escala) no estudo dos ACs (Garrity et al., 1989) e as relações anteriormente mencionadas entre estas variáveis (Rusbult & Buunk, 1993).

Em relação à percepção do AC como um peso/fardo (Jacobetty et al., 2019), só as dimensões da satisfação com a relação e do compromisso se mostraram significativamente correlacionadas com esta variável. Ainda que este resultado não seja necessariamente positivo, a importância deste conceito do peso/fardo no estudo dos ACs não é tão acentuada como no caso da vinculação, pelo que não é extremamente problemático que nem todas as correlações tenham sido significativas. A falta de significância nas correlações pode dever-se à maior dificuldade de tradução destes conceitos para o contexto dos ACs, bem como, no caso da qualidade das alternativas, as limitações estatísticas sentidas durante as análises deste Estudo 3 referentes a este fator. No caso do tamanho do investimento, a heterogeneidade dos tipos de investimentos (e.g., intrínsecos e extrínsecos) propostos no modelo original (Rusbult, 1980) poderá estar a complicar a leitura e apreciação dos itens à luz deste novo contexto, já que alguns destes tipos de investimento poderão não ser de aplicação tão linear no caso dos ACs. Mesmo com estes valores não tão desejáveis, a verdade é que metade das componentes da nossa IMS não deixaram de conseguir prever os resultados desta escala sobre a percepção do AC como um peso/fardo (Jacobetty et al., 2019), pelo que não deixa de garantir de forma adicional validade relativa a um critério.

É ainda necessário destacar a componente da satisfação com a relação, que apresentou valores de correlação bastante satisfatórios com o conforto proveniente do AC ($r = .61$) e com a percepção do AC como o peso/fardo ($r = -.32$). A grande capacidade de previsão desta dimensão neste tipo de variáveis não é uma surpresa, já que tende a ser a variável preditora com mais influência no compromisso nas aplicações do IM (Tran et al., 2019).

4.3 Discussão

Neste Estudo 3 tínhamos como objetivo a confirmação do ajustamento da escala resultante do Estudo 2 à estrutura original proposta no IM (Rusbult, 1980) e na IMS (Rusbult et al., 1998). Adicionalmente, pretendíamos encontrar possíveis sensibilidades da escala em relação a variáveis demográficas dos participantes e assegurar alguma validade relativa a um critério através da CCAS (Zasloff, 1996) e da questão colocada em relação ao AC ser um peso/fardo (Jacobetty et al., 2019).

De uma forma geral, os resultados foram satisfatórios. Os coeficientes de ajustamento mostraram-se dentro dos limiares desejados e todas as dimensões da nossa IMS continuaram correlacionadas entre si nesta nova amostra, apresentando sempre os sentidos esperados. As análises referentes à sensibilidade da escala foram também positivas, ainda que nem todas as dimensões da IMS se tenham revelado indiferentes às componentes demográficas da amostra.

Não obstante esta observação, nenhuma variável demográfica revelou um efeito em todas as dimensões do modelo, o que nos indica que cada componente está suscetível a diferentes tipos de características dos participantes, não sendo a escala como um todo a apresentar dificuldades com determinada característica demográfica.

A validade relativa a um critério também foi em grande parte garantida, podendo ver que todas as dimensões da nossa escala conseguiram prever os resultados de pelo menos uma das escalas dos construtos utilizados para garantir esta validade relativa a um critério. Todas as dimensões se revelaram significativamente correlacionadas (metodologia utilizada) com a dimensão do conforto proveniente do AC nos sentidos desejados. Dado que segundo o autor original (Zasloff, 1996) podemos equivaler os dados obtidos pela sua escala com o conceito de vinculação, estes resultados são bastante positivos. Idealmente, as nossas dimensões teriam estado igualmente significativamente correlacionadas com a perceção do AC como um peso/fardo. Ainda que este não tenha sido o caso, duas das quatro variáveis reportaram correlações significativas, sendo que as duas que não o fizeram foram as duas dimensões que tomávamos como possivelmente mais problemáticas ainda antes de iniciar a dissertação (i.e., qualidade das alternativas e tamanho do investimento). Tal como indicado anteriormente, o facto destas duas dimensões não aparentarem ser capazes de prever os resultados da perceção do AC como um peso/fardo poderá dever-se à dificuldade da tradução dos mesmos para o contexto dos ACs. Visto que a dimensão do tamanho do investimento não se revelou particularmente desafiante nos restantes trabalhos desta dissertação (ao contrário do que era esperado), é possível que a heterogeneidade de investimentos (intrínsecos e extrínsecos, tangíveis e intangíveis, passados e planeados) se tenha tornado particularmente desafiante quando chegou a altura de prever resultados de uma escala que mede uma variável como a da perceção do AC como um peso/fardo, já que esta remete logicamente para questões relacionadas precisamente com a quantidade e importância dada a diferentes investimentos por cada um.

É de realçar que estes resultados devem ser interpretados tendo em consideração o baixo valor de consistência interna da componente da qualidade das alternativas ($\omega = .56$). Este valor não deixa ele próprio de ser uma surpresa, já que os mesmos itens inicialmente utilizados no Estudo 3 tenham obtido um valor de consistência interna mais satisfatório no Estudo 2 ($\alpha = .72$). Diferenças entre amostras ou até mesmo a reordenação dos itens são possíveis explicações para este fenómeno. Ainda assim, tal como será argumentado posteriormente, este valor indica-nos uma necessidade de desenvolver mais trabalho nesta dimensão e obriga a um maior cuidado na interpretação dos valores obtidos por parte desta subescala.

No que toca a limitações deste terceiro estudo, a maior e mais carente de atenção é o já mencionado baixo valor de consistência interna na dimensão da qualidade das alternativas. Adicionalmente, a retirada de itens nesta fase do processo de validação, ainda que não seja problemática ou inédita (Marsh et al., 2014), não é ideal, principalmente tendo em consideração que a escala utilizada foi em tudo igual à escala final do Estudo 2, onde esta parecia obter valores psicométricos no mínimo aceitáveis para todas as subescalas. As já mencionadas correlações não significativas são também uma limitação deste terceiro estudo, onde esperávamos que todas as componentes do IM estivessem correlacionadas com as componentes utilizadas para garantir a validade relativa a um critério. Ainda que os resultados não sejam de todo desanimadores e que a escala esteja funcional, mais investigação (nomeadamente uma nova aplicação desta escala) terá que ser desenvolvida com o objetivo de a aprimorar ainda mais. Finalmente, as sensibilidades sentidas por algumas das subescalas em relação às condições demográficas dos participantes não são particularmente desejáveis, representando uma limitação. No entanto, e tal como vimos anteriormente, nenhuma variável demográfica teve um efeito significativo em todas as dimensões do modelo, o que assegura alguma robustez da nossa escala e aponta para uma necessidade de trabalhar algumas das subescalas em específico, não uma dificuldade geral de adaptação da IMS ao contexto dos ACs.

Na próxima seção (Discussão Geral) entraremos em maior detalhe nas limitações gerais de todo o trabalho desenvolvido ao longo desta dissertação, os principais pontos fortes do nosso trabalho, possíveis oportunidades futuras de continuação de desenvolvimento de investigação nesta área e conclusões gerais (i.e., não restritas a nenhum dos estudos especificamente).

CAPÍTULO 5

Discussão Geral

Nesta dissertação tínhamos como objetivo a tradução e validação da *Investment Model Scale* (IMS) (Rusbult et al., 1998) para o contexto dos animais de companhia (ACs) em Portugal. Para tal, recorreremos a diferentes metodologias e conduzimos três estudos distintos e sequenciais. No Estudo 1, partindo da versão portuguesa da IMS (Rodrigues & Lopes, 2013), adaptamos os itens da escala de forma a espelharem este novo contexto. Ao obter dados psicométricos com margem para melhoria e persistirem possíveis problemas de validade de conteúdo, avançámos para o Estudo 2. Neste estudo, em detrimento da versão anteriormente utilizada, utilizámos como base a versão estrangeira da IMS já adaptada aos ACs (Baker et al., 2016). Depois de passado o processo de tradução (Reichenheim & Moraes, 2007), passamos a escala resultante por um processo de avaliação por peritos relevantes ao instrumento. Com base nestas entrevistas, a escala foi alvo de alterações aos itens já incluídos e de adição de novos itens. A mesma foi então aplicada e os seus dados analisados. No Estudo 3, a escala resultante do Estudo 2 foi então aplicada a uma nova amostra e os dados resultantes analisados de forma a confirmar a estrutura do modelo base da IMS (Rusbult, 1980).

De uma forma geral, e ainda que não estejam desprovidos de ressalvas, os resultados obtidos foram bastante positivos, principalmente se tivermos em conta a progressão da adequação do instrumento ao longo dos nossos estudos. Conseguimos obter uma nova versão da escala proposta por Baker e colegas (2016), tratada e melhorada por ter sido submetida ao processo de avaliação de peritos, que se encontra validada para a língua e população portuguesa. Assim sendo, ao obter este instrumento de 22 itens (cinco para a satisfação com a relação, quatro para a qualidade das alternativas, seis para o tamanho do investimento e sete para o compromisso), o principal objetivo do trabalho desenvolvido foi alcançado. A versão final da IMS que propomos com esta dissertação (já com a numeração corrigida) pode ser encontrada no Anexo F. Nos estudos em que a escala resultante desta dissertação foi desenvolvida de forma mais direta (Estudos 2 e 3), as quatro dimensões do modelo original revelaram-se sempre significativamente correlacionadas com as restantes nos sentidos esperados, o que também representa um ponto extremamente relevante. A melhoria destas correlações entre os Estudos 1 e 2, bem como a introdução bem-sucedida de novos itens, indicam adicionalmente que a condução dos Estudos 2 e 3 foi adequada.

O nosso trabalho vem fazer um contributo extremamente relevante à literatura existente. Tal como havia sido mencionado anteriormente, não existe atualmente, tanto quanto pudemos apurar, nenhum instrumento validado para Português que vise medir o compromisso de um indivíduo em relação ao seu AC. Mesmo que olhemos de forma mais abrangente para a investigação existente, a variável mais estudada no contexto dos ACs é a da vinculação (Peacock et al., 2012), remetendo o compromisso a um estatuto mais secundário, fenómeno observado na investigação estrangeira, não meramente no trabalho de investigadores portugueses. Olhando especificamente para as aplicações do IM ao contexto dos ACs, voltamos a verificar a mencionada baixa frequência de publicações, tornando saliente novamente o conceito da vinculação ou outro instrumento. Rauktis e colegas (2021) argumentam que esta realidade se deve ainda à possível inadequação dos construtos originalmente propostos na IMS (Rusbult et al., 1998) ao contexto dos ACs, já que os itens propostos na versão da IMS para os ACs (Baker et al., 2016) foram adaptados de forma literal (à semelhança da metodologia por nós empregada no Estudo 1), não existindo então garantia da presença de validade de construto. Esta foi uma limitação que quisemos desde logo colmatar no nosso trabalho, dando origem à primeira avaliação de peritos da IMS neste contexto, sendo este um grande ponto forte da presente dissertação. Este processo adicional permitiu-nos garantir desde logo a validade de conteúdo da escala, permitindo uma discussão dos resultados e limitações encontradas com uma base muito mais segura, em detrimento de cenários onde teríamos que questionar se os problemas encontrados se prendiam com a falta de validade de conteúdo (à semelhança do que ocorreu no Estudo 1).

Ainda a título de comparação com o trabalho de Baker e colegas (2016), é necessário mencionar a discrepância entre as dificuldades associadas à aplicação da IMS aos ACs. Depois da adaptação literal dos itens, o estudo original obteve valores de consistência interna bastante satisfatórios ($\alpha > .82$), o que não se verificou na nossa análise. Estes nossos resultados foram ainda corroborados pela subsequente análise fatorial exploratória que voltou a indicar problemas com alguns dos itens em análise. Existem algumas possíveis explicações para esta ocorrência. Primeiramente, a adaptação dos itens realizada por Baker e colegas (2016) foi realizada de uma forma menos literal que a adaptação por nós realizada no Estudo 1. Ao tentar manter os nossos itens o mais fiéis possível à IMS original (Rusbult et al., 1998), demos origem aos possíveis problemas de validade de conteúdo mencionados na discussão do Estudo 1 (arranjar “outro” AC) que podem ter influenciado a avaliação dos itens por parte dos participantes e, conseqüentemente, afetado as nossas análises. Baker e colegas (2016) optaram por abordar esta dificuldade na mudança de contexto através da introdução do termo

“substituir” nos itens, tornando um pouco mais claro que o AC atual estaria a ser trocado por outro, não a arranjar um “companheiro/a”. Adicionalmente, diferenças entre amostras podem também ter originado a discrepância nos valores de consistência interna dos dois estudos, não só em termos de contexto (americano e português), como também em termos de dimensão (184 e 834). De qualquer modo, estas diferenças indicam que, ainda que o nosso instrumento tenha sido validado e esteja funcional, poderá ser útil desenvolver mais trabalho sobre o mesmo. Oportunidades de melhorias e investigação futura serão propostas numa subsecção posterior.

É importante relembrar que, tal como foi mencionado na revisão de literatura, o trabalho desenvolvido por Baker e colegas (2016) não foi um de validação de escala, mas sim de aplicação de um modelo clássico a um novo contexto. Não obstante possíveis limitações que o trabalho desenvolvido por estes autores tenha a nível psicométrico, foi um importante passo na aplicação do conceito de compromisso e do IM aos ACs, sendo a grande base do nosso Estudo 2 e, conseqüentemente, do Estudo 3 e resultante escala.

Adicionalmente, e como último ponto de contacto com o trabalho de Baker e colegas (2016), o nosso trabalho vem ainda juntar-se à investigação que aponta para a possibilidade de aplicar o conceito do compromisso neste contexto dos AC (e.g., Staats et al., 1996), bem como ao trabalho desenvolvido no sentido de aplicar especificamente o IM a este contexto (Baker et al., 2016; Collisson, 2015). Ao obtermos correlações significativas e nos sentidos esperados entre todas as variáveis do IM, os nossos dados apontam na direção de que medir estas variáveis neste tipo de contexto parece funcionar minimamente como no modelo original, ainda que sejam necessários alguns ajustes antes da sua aplicação. Ainda assim, à luz de alguns dados psicométricos obtidos durante o Estudo 3, iremos posteriormente apresentar alguma discussão sobre se todas as variáveis do IM têm um lugar lógico neste novo paradigma dos ACs.

Para além de ser mais um argumento a favor da utilização deste modelo no contexto em análise, o nosso trabalho conta ainda com outras aplicações. Na vertente de investigação, o instrumento resultante desta dissertação poderá ser utilizado em qualquer projeto que necessite de medir e utilizar o compromisso dos indivíduos como parte do seu modelo. De igual forma, as subescalas propostas podem ser utilizadas de forma isolada se o projeto assim o necessitar. À data de escrita desta dissertação, o nosso instrumento é a única versão da IMS validada para este contexto e idioma, sendo a única internacionalmente (para o contexto dos ACs) a passar pelo processo mais cuidado de adaptação (e.g., entrevistas com peritos). Esta realidade confere ao nosso instrumento um estatuto especial e uma desejabilidade superior, o que deverá munir futuros investigadores de um maior poderio argumentativo em relação aos dados recolhidos.

Saindo do mundo acadêmico, o nosso instrumento não deixa de ter aplicações. Dado o papel fundamental do compromisso na persistência da relação e probabilidade desta se prolongar no tempo (Agnew, 2009), identificar possíveis baixos valores desta variável poderá auxiliar na prevenção de situações de maus-tratos e/ou abandono. Qualquer uma das subescalas pode ainda ser utilizada de forma isolada em diferentes contextos (e.g., utilizar a escala da satisfação com a relação como seguimento depois da recém adoção de um animal), criando então diversas possíveis combinações passíveis de serem aplicadas aos mais variados contextos. No caso de aplicações práticas do nosso instrumento, é imperativo mencionar que este não deve ser a singular base teórica de qualquer tipo de decisão, devendo sempre ser acompanhado de outros métodos e/ou escalas para garantir uma tomada de decisão consciente.

Finalmente, é importante realçar, tal como será visto na próxima subseção, que o nosso trabalho e consequente instrumento não são perfeitos, tendo limitações associadas à sua construção e futuras utilizações. Especial cuidado deverá ser empregue nas aplicações e conclusões retiradas através do mesmo (particularmente de algumas das subescalas).

5.1 Limitações

A presente dissertação, à semelhança de qualquer outro estudo, conta com algumas limitações. A maior limitação do trabalho de adaptação deste instrumento a este contexto é, sem dúvida, a componente da qualidade das alternativas. Durante todas as nossas análises, a componente da qualidade das alternativas revelou-se sempre a mais problemática, sendo que no Estudo 3 os valores psicométricos obtidos foram bastante pouco satisfatórios. Para além das implicações em termos teóricos da falta de ajustamento desta dimensão (é uma componente importante do IM), estes resultados podem pôr em causa a utilização do nosso instrumento, ou pelo menos da subescala referente à qualidade das alternativas. Existem algumas formas de proceder em relação a esta dimensão. Primeiramente, os resultados obtidos no Estudo 3 podem dever-se à análise de dados provenientes de uma amostra pouco normativa, já que os dados recolhidos no Estudo 2, recorrendo aos mesmos itens, não reportaram valores tão baixos de consistência interna. Um argumento a favor desta linha de pensamento é o facto do intervalo de confiança para o ômega de McDonald (ω) incluir valores já aceitáveis no seu limite superior ([.41,.70]), indicando que a possibilidade de obter valores distintos com uma amostra diferente.

Outra possível solução passaria pela total remoção desta dimensão nas aplicações do IM aos ACs. Vários peritos mencionaram que esta dimensão tinha uma tradução mais atribulada (se possível sequer) para o contexto dos ACs, já que as alternativas disponíveis para uma relação amorosa ou organização paternal não funcionariam da mesma forma que as alternativas a

considerar para um AC. Foi mencionado repetidamente que a alternativa mais lógica neste contexto seria a de ficar sozinho, uma ideia que, ainda que prevista pelo modelo original (Agnew, 2009; Rusbult et al., 2006), não se encontra discriminada de forma isolada em nenhum item, sendo incluída em itens que mencionam exemplos de alternativas à “relação atual”. Para além disto, os peritos mencionaram que a escala não se encontrava preparada para medir intenções de trocar o AC por um animal de outra espécie, não sendo o AC em específico a representar um problema, mas sim as características inerentes à espécie (e.g., ter que passear um cão pode ser uma condicionante para um indivíduo com problemas motores, por muito bem-comportado que o seu cão seja). No entanto, as nossas tentativas de incluir itens que mencionassem meramente o ato de abdicar do animal (em detrimento de o substituir) ou estas questões sobre as especificidades da espécie do AC obtiveram valores psicométricos insatisfatórios, levando à remoção dos mesmos ainda durante o Estudo 2. Nesse seguimento, poderá fazer sentido simplesmente remover esta dimensão nas aplicações do IM a este contexto, o que também foi sugerido por alguns dos peritos. Mesmo com a remoção desta componente, a restante IMS deverá estar funcional e aplicável, dadas as análises isoladas realizadas no Estudo 2 e os valores psicométricos reportados no Estudo 3. Ainda assim, mais investigação terá que ser desenvolvida sobre as implicações de remover uma componente inteira do modelo e os seus efeitos na qualidade dos dados obtidos pela IMS.

Outra possível limitação que deve ser mencionada prende-se com a remoção de itens na condução da análise fatorial confirmatória. Ainda que esta metodologia não seja inédita, sendo inclusivamente suportada pela literatura (Marsh et al., 2014), não deixa de ser preferível que o modelo seja confirmado pela análise sem ter que recorrer a remoções adicionais. Sendo a remoção de itens neste tipo de análises um ponto discutível, esta poderá ser uma limitação com diversos níveis de relevância para o leitor e futuro aplicador da escala. Para cobrir os casos em que a mesma seja significativa, esta limitação encontra-se aqui destacada.

Adicionalmente, a distribuição do sexo dos participantes nos nossos estudos é uma possível limitação. A literatura indica que não são expectáveis diferenças de grande magnitude entre os sexos no tipo de variáveis que nos propusemos a medir com o nosso instrumento (Herzog, 2007). No entanto, ao medir a sensibilidade da escala, encontrámos diferenças significativas entre os sexos para duas das quatro componentes da IMS. Para além de alertar para um ponto a ter em consideração em aplicações futuras do instrumento, este dado complica a análise das diferenças entre sexos em si, dada a elevada discrepância de quantidade de participantes pertencentes a cada grupo em análise. Assim sendo, o nosso instrumento apresenta uma

aparente sensibilidade ao sexo do participante, ponto esse que deve ser trabalho em projetos de investigação no futuro.

Finalmente, tendo em conta o processo de amostragem, a especificidade da população em análise, e o intervalo restrito de tempo para desenvolver múltiplos estudos, não nos é possível garantir que as nossas amostras sejam representativas da população geral portuguesa. Esta realidade é espelhada nas discrepâncias sentidas entre as percentagens relativas ao meio de habitação dos participantes, onde o meio urbano compunha sempre mais 50% de qualquer uma das amostras. Esta limitação, tal como veremos mais à frente, pode ser colmatada com uma aplicação adicional do instrumento numa amostra resultante de um processo de amostragem extremamente cuidadoso que vise manter as especificidades da nossa população.

5.2 Investigação Futura

É ainda imperativo indicar que o trabalho a desenvolver sobre esta escala não se encontra concluído. Assim sendo, é-nos possível indicar desde já possíveis trajetórias a explorar no futuro. A necessidade mais imediata é a de explorar em mais detalhe a componente da qualidade das alternativas, quer na IMS, quer em aplicações do IM a este contexto. Nesse sentido, desenvolver trabalho especificamente sobre esta subescala será extremamente relevante, principalmente se voltar a incluir o processo de avaliação por peritos (que, idealmente, seriam distintos dos peritos incluídos nesta dissertação). Este trabalho poderá levar à construção de itens melhor adaptados ao contexto dos ACs ou à conclusão de que esta dimensão não deverá ser incluída em aplicações do IM neste contexto. Qualquer um destes desfechos leva a uma progressão do que sabemos sobre esta temática, as suas componentes, e como podemos medi-las corretamente.

Outra possibilidade de desenvolvimento adicional do instrumento seria aplicá-lo a uma amostra maior e mais representativa da população portuguesa, já que essa foi uma das limitações do nosso trabalho. Ao passar por este processo, esta versão da IMS teria garantida uma qualidade psicométrica ainda maior, possivelmente auxiliando ainda na resolução de outras limitações do nosso trabalho (como as dificuldades com a componente da qualidade das alternativas).

Adicionalmente, tal como mencionado anteriormente, será necessário explorar em mais detalhe as especificidades de cada uma das subescalas e as suas relações com outras variáveis teóricas e com as variáveis sociodemográficas dos participantes. Conseguir conduzir com mais conforto as análises de comparação entre estas diferentes dimensões e características irá garantir à escala um nível de precisão em relação à validade e sensibilidade do nosso instrumento ainda

maior do que aquilo que já tem neste momento. A título de exemplo (de entre uma infinidade de outras alternativas), aplicar diretamente a escala de Miller-Rada (Staats et al., 1996) a uma população com diferentes tipos de animais (para além de cães e gatos) e uma distribuição mais equilibrada em relação ao sexo dos participantes permitiria tirar conclusões muito mais seguras em relação a esta nova versão da IMS.

Outra ideia que poderá fazer sentido desenvolver no futuro é a alteração da escala em que os itens estão a ser avaliados. Ao longo do nosso trabalho, foi recorrente existir uma aglomeração de respostas nos extremos da escala. Estes dados não são surpreendentes, dada a usual elevada importância atribuída aos ACs pelas suas famílias (do Vale et al., 2021). Ainda assim, estas distribuições parecem indicar a presença de um efeito de teto (Everitt & Skrondal, 2010), pelo que poderemos estar a perder informação à qual conseguiríamos aceder com uma escala de resposta maior para cada um dos itens. Assim sendo, no futuro, poderá ser benéfico aplicar uma escala de resposta com, por exemplo, nove pontos em vez de sete, ou adicionar legendas a cada um dos possíveis valores de resposta, numa tentativa de assim perceber se o problema persiste independentemente da escala disponível.

Finalmente, e sendo uma ideia que inicialmente fazia parte dos objetivos do nosso trabalho, será importante desenvolver uma versão reduzida do nosso instrumento, à semelhança do que foi feito na validação do IMS para Português (Rodrigues & Lopes, 2013). Na eventualidade de ser desenvolvida mais investigação no sentido de melhor compreender o ajustamento da qualidade das alternativas ao contexto dos ACs, a melhor opção será partir do instrumento que já espelhe as conclusões desse hipotético projeto. Caso contrário, partir do nosso funcional e validado instrumento é uma opção bastante satisfatória.

Conclusão

O compromisso é utilizado há mais de 40 anos como um dos conceitos basilares na explicação da longevidade de qualquer relação. Depois de diversas aplicações aos mais variados contextos, vimos deixar mais um contributo a pesar do lado da aplicação deste conceito aos nossos companheiros domésticos de outras espécies. O IM é ainda hoje um modelo extremamente atual com variáveis que, com maior ou menor sucesso, se parecem aplicar aos ACs. Acreditamos que o instrumento por nós desenvolvido, ainda que não se encontre desprovido de reservas, é um importante contributo para a área e para a temática, e que irá permitir estudar a variável do compromisso de uma forma muito mais fidedigna daqui em diante. Fazemos um pouco nossos todos os resultados que vierem a provir de aplicações deste instrumento, primando em saber que nos foi possível contribuir com um grande impacto para uma matéria de extrema importância como é a dos ACs. Que este trabalho seja um ponto importante no desenvolvimento de outros instrumentos que visam medir estas variáveis num contexto tão atual, e na investigação geral sobre a temática. Se ajudarmos uns quantos investigadores a perceber mais sobre este tema, quantos animais teremos ajudado como uns míseros itens numa escala?

Fontes

Diário do Governo (Portuguese Government Official Gazette) - I Série 277. Animais e coisas móveis perdidas [First Series 277. Animals and lost mobile things] - n.º 274/1966, Artigo 1323.º, de 25 de Novembro [n.º 274/1966, Article 1323, 25th of November].

Diário da República (Portuguese Official Gazette) - I Série A. Morte e maus tratos de animal de companhia [First Series A. Killing and abusing company animals] - n.º 63/1995, Artigo 387.º, de 15 de Março [n.º 63/1995, Article 387, 15th of March].

Diário da República (Portuguese Official Gazette) - I Série A. Abandono de animais de companhia [First Series A. Abandonment of Company Animals] - n.º 63/1995, Artigo 388.º, de 15 de Março [n.º 63/1995, Article 388, 15th of March].

Diário da República (Portuguese Official Gazette) - I Série A. Aprovada, para ratificação, a Convenção Europeia para a Protecção dos Animais de Companhia [First Series A. Approved, for ratification, the European Convention for Company Animals' Protection] - n.º 86/1993, Decreto n.º 13/93, de 13 de Abril [n.º 86/1993, Decree n.º 13/93, 13th of April].

Diário da República (Portuguese Official Gazette) - I Série A. Aprova o Programa Nacional de Luta e Vigilância Epidemiológica da Raiva Animal e Outras Zoonoses (PNLVERAZ) e estabelece as regras relativas à posse e detenção, comércio, exposições e entrada em território nacional de animais susceptíveis à raiva [First Series A. Approves the National Program for the epidemiologic fighting and vigilance of Animal rabies and other animal borne diseases, as well as establish the rules regarding the ownership, commerce, exhibitions and entry into the country of animals prone to rabies] - n.º 290/2003, Decreto-Lei n.º 314/2003, de 17 de Dezembro [n.º 290/2003, Decree n.º 314/2003, 17 of December].

Referências Bibliográficas

- Agnew, C. R. (2009). Commitment, theories and typologies. In H. T. Reis & S. K. Sprecher (Eds.), *Encyclopedia of human relationships* (pp. 245–248). Sage. <http://doi.org/10.4135/9781412958479.n83>
- Agnew, C. R., & Vanderdrift, L. E. (2018). Commitment processes in personal relationships. In A. L. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 437–448). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781316417867.034>
- Ajzen, I. (1985). From intentions to actions: A theory of planned behavior. In J. Kuhl & J. Beckman (Eds.), *Action control - From cognition to behavior* (pp. 11-39). Springer.
- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50(2), 179-211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)
- Ajzen, I., & Fishbein, M. (1980). *Understanding attitudes and predicting social behavior*. Prentice-Hall.
- Altman, I., & Taylor, D. A. (1973). *Social penetration: The development of interpersonal relationships*. Holt, Rinehart & Winston.
- American Psychological Association, Committee on Test Standards. (1954). Technical recommendations for psychological tests and diagnostic techniques. *Psychological Bulletin*, 52 (2, Suppl.).
- Amiot, C. E., & Bastian, B. (2015). Toward a psychology of human–animal relations. *Psychological Bulletin*, 141(1), 6–47. <https://doi.org/10.1037/a0038147>
- Arkes, H. R., & Blumer, C. (1985). The psychology of sunk cost. *Organizational behavior and human decision processes*, 35(1), 124-140. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(85\)90049-4](https://doi.org/10.1016/0749-5978(85)90049-4)
- Aronson, E., & Linder, D. (1965). Gain and loss of esteem as determinants of interpersonal attractiveness. *Journal of experimental social psychology*, 1(2), 156-171. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(65\)90043-0](https://doi.org/10.1016/0022-1031(65)90043-0)
- Arriaga, X. B., & Agnew, C. R. (2001). Being committed: Affective, cognitive, and conative components of relationship commitment. *Personality and social psychology bulletin*, 27(9), 1190-1203. <https://doi.org/10.1177/0146167201279011>
- Arriaga, X. B., & Rusbult, C. E. (1998). Standing in my partner's shoes: Partner perspective taking and reactions to accommodative dilemmas. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 24(9), 927-948. <https://doi.org/10.1177/0146167298249002>

- Baker, Z. G., Petit, W. E., & Brown, C. M. (2016). An investigation of the Rusbult investment model of commitment in relationships with pets. *Anthrozoös*, 29(2), 193-204. <https://doi.org/10.1080/08927936.2015.1092732>
- Bandalos, D. L. (2018). *Measurement theory and applications for the social sciences*. Guilford Publications.
- Becker, H. S. (1960). Notes on the concept of commitment. *American Journal of Sociology*, 66(1), 32-40.
- Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indexes in structural models. *Psychological bulletin*, 107(2), 238-246. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.107.2.238>
- Berscheid, E. S., & Regan, P. C. (2005). *The psychology of interpersonal relationships*. Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9781315663074>
- Bonas, S., McNicholas, J., & Collis, G. M. (2000). Pets in the network of family relationships: An empirical study. In A. L. Podberscek, E. S. Paul, & J. A. Serpell (Eds.), *Companion animals and us: Exploring the relationships between people and pets* (pp. 209–236). Cambridge University Press
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment* (2nd ed.). Penguin.
- Brickman, P., Dunkel-Schetter, C., & Abbey, A. (1987). The development of commitment. In P. Brickman (Ed.), *Commitment, conflict, and caring* (pp. 145–221). Prentice-Hall.
- Brislin, R.W. (1986). The wording and translation of research instruments. In W. Lonner & J. Berry (Eds.), *Field methods in cross-cultural research* (pp. 137-164). Sage.
- Bryant, B. K. (1990). The richness of the child-pet relationship: A consideration of both benefits and costs of pets to children. *Anthrozoös*, 3(4), 253-261. <https://doi.org/10.2752/089279390787057469>
- Budge, R. C., Spicer, J., Jones, B., & George, R. S. (1998). Health correlates of compatibility and attachment in human-companion animal relationships. *Society & Animals*, 6(3), 219-234.
- Cain, A. O. (1985). Pets as family members. *Marriage & Family Review*, 8(3-4), 5-10. <https://doi.org/10.1177/019394502320555386>
- Carlisle-Frank, P., & Frank, J. M. (2006). Owners, guardians, and owner-guardians: Differing relationships with pets. *Anthrozoös*, 19(3), 225-242. <https://doi.org/10.2752/089279306785415574>
- Cho, S., Dydynski, J. M., & Kang, C. (2020). Universality and specificity of the kindchenschema: A cross-cultural study on cute rectangles. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/aca0000338>

- Chomel, B. B. (1992). Zoonoses of house pets other than dogs, cats and birds. *The Pediatric infectious disease journal*, 11(6), 479-487. <https://doi.org/10.1097/00006454-199206000-00011>
- Chur-Hansen, A., Stern, C., & Winefield, H. (2010). Commentary: Gaps in the evidence about companion animals and human health: Some suggestions for progress. *International Journal of Evidence-Based Healthcare*, 8(3), 140-146. <https://doi.org/10.1111/j.1744-1609.2010.00176.x>
- Cohen, J. (1992). A power primer. *Psychological bulletin*, 112(1), 155-159. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.112.1.155>
- Cohen, S. P. (2002). Can pets function as family members?. *Western Journal of Nursing Research*, 24(6), 621-638. <https://doi.org/10.1177/019394502320555386>
- Cole, D. A. (1987). Utility of confirmatory factor analysis in test validation research. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 55(4), 584– 594. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.55.4.584>
- Collisson, B. (2015). Farewell to Fido: pet owners' commitment and relinquishment of companion animals. *American Journal of Applied Psychology*, 3(2), 27-33. <https://doi.org/10.12691/ajap-3-2-1>
- Comrey, A. L., & Lee, H. B. (1992). *A first course in factor analysis* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Crawford, E. K., Worsham, N. L., & Swinehart, E. R. (2006). Benefits derived from companion animals, and the use of the term “attachment”. *Anthrozoös*, 19(2), 98-112. <https://doi.org/10.2752/089279390787057829>
- DeMello, M. (2012). *Animals and society*. Columbia University Press.
- DeVellis, R. F. (2012). *Scale development: Theory and applications*. Sage Publications.
- do Vale, B., Lopes, A. P., Fontes, M., Silvestre, M., Cardoso, L., & Coelho, A. C. (2021). A Cross-Sectional Study of Knowledge on Ownership, Zoonoses and Practices among Pet Owners in Northern Portugal. *Animals*, 11(12), 3543. <https://doi.org/10.3390/ani11123543>
- Dwyer, F. R., Schurr, P. H., & Oh, S. (1987). Developing Buyer-Seller Relationships. *Journal of Marketing*, 51(2), 11–27. <https://doi.org/10.2307/1251126>
- Eddy, T. J. (2003). What is a pet?. *Anthrozoös*, 16(2), 98-105. <https://doi.org/10.2752/089279303786992224>
- Everitt, B. S., & Skrondal, A. (2010). *The Cambridge dictionary of statistics*. Cambridge University Press.
- Festinger, L. (1957). *A theory of cognitive dissonance*. Stanford university press.

- Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2006). Relationship satisfaction. In A. L. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 579–594). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781316417867.033>
- Finkel, E. J., Simpson, J. A., & Eastwick, P. W. (2017). The psychology of close relationships: Fourteen core principles. *Annual Review of Psychology*, *68*, 383-411. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010416-044038>
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). *Belief, attitude, intention, and behavior: An introduction to theory and research*. Addison-Wesley.
- Fitzpatrick, A. R. (1983). The Meaning of Content Validity. *Applied Psychological Measurement*, *7*(1), 3–13. <https://doi.org/10.1177/014662168300700102>
- Fox, R. (2006). Animal behaviours, post-human lives: Everyday negotiations of the animal–human divide in pet-keeping. *Social & Cultural Geography*, *7*(4), 525-537. <https://doi.org/10.1080/14649360600825679>
- Furr, R. M., & Bacharach, V. R. (2014). *Psychometrics: An introduction* (2^a ed.). Sage Publications.
- Garrity, T. F., Stallones, L. F., Marx, M. B., & Johnson, T. P. (1989). Pet ownership and attachment as supportive factors in the health of the elderly. *Anthrozoös*, *3*(1), 35-44. <https://doi.org/10.2752/089279390787057829>
- Gates, M. C., Walker, J., Zito, S., & Dale, A. (2019). Cross-sectional survey of pet ownership, veterinary service utilisation, and pet-related expenditures in New Zealand. *New Zealand veterinary journal*, *67*(6), 306-314. <https://doi.org/10.1080/00480169.2019.1645626>
- Golle, J., Lisibach, S., Mast, F. W., & Lobmaier, J. S. (2013). Sweet puppies and cute babies: Perceptual adaptation to babyfacedness transfers across species. *PloS one*, *8*(3), e58248. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0058248>
- Goodfriend, W., & Agnew, C. R. (2008). Sunken costs and desired plans: Examining different types of investments in close relationships. *Personality and social psychology Bulletin*, *34*(12), 1639-1652. <https://doi.org/10.1177/0146167208323743>
- Graham, J. M., Diebels, K. J., & Barnow, Z. B. (2011). The reliability of relationship satisfaction: A reliability generalization meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, *25*(1), 39. <https://doi.org/10.1037/a0022441>
- Gray, P. B., Volsche, S. L., Garcia, J. R., & Fisher, H. E. (2015). The roles of pet dogs and cats in human courtship and dating. *Anthrozoös*, *28*(4), 673-683. <https://doi.org/10.1080/08927936.2015.1064216>

- Gudmundsson, E. (2009). Guidelines for translating and adapting psychological instruments. *Nordic Psychology*, *61*(2), 29-45. <https://doi.org/10.1027/1901-2276.61.2.29>
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships: Attachment processes in adulthood* (Vol. 5, pp. 151–177). Jessica Kingsley.
- Herzog, H. A. (2007). Gender differences in human–animal interactions: A review. *Anthrozoös*, *20*(1), 7-21. <https://doi.org/10.2752/089279307780216687>
- Heyman, R. E., Sayers, S. L., & Bellack, A. S. (1994). Global marital satisfaction versus marital adjustment: An empirical comparison of three measures. *Journal of Family Psychology*, *8*(4), 432. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.8.4.432>
- Hill, M. M., & Hill, A. (2000). *Investigação por Questionário*. Edições Sílabo.
- Hodgson, K., Barton, L., Darling, M., Antao, V., Kim, F. A., & Monavvari, A. (2015). Pets' impact on your patients' health: leveraging benefits and mitigating risk. *The Journal of the American Board of Family Medicine*, *28*(4), 526-534. <https://doi.org/10.3122/jabfm.2015.04.140254>
- Holt-Lunstad, J., Smith, T. B., & Layton, J. B. (2010). Social relationships and mortality risk: a meta-analytic review. *PLoS medicine*, *7*(7), e1000316. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000316>
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, *6*, 1-55. <https://doi.org/10.1080/10705519909540118>
- Irvine, L., & Cilia, L. (2017). More-than-human families: Pets, people, and practices in multispecies households. *Sociology Compass*, *11*(2), e12455. <https://doi.org/10.1111/soc4.12455>
- Jacobetty, R., Lopes, D., Fatjó, J., Bowen, J., & Rodrigues, D. L. (2019). Psychological correlates of attitudes toward pet relinquishment and of actual pet relinquishment: the role of pragmatism and obligation. *Animals*, *10*(1), 63. <https://doi.org/10.3390/ani10010063>
- Jacobson, N. S. (1985). The role of observation measures in marital therapy outcome research. *Behavioral Assessment*, *7*, 287 – 308
- Johnson, M. P. (1973). Commitment: A conceptual structure and empirical application. *Sociological Quarterly*, *14*(3), 395-406. <https://doi.org/10.1111/j.1533-8525.1973.tb00868.x>
- Johnson, M. P. (1991). Commitment to personal relationships. In W. H. Jones & D. W. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* (pp. 117–143). Jessica Kingsley.

- Johnson, M. P., Caughlin, J. P., & Huston, T. L. (1999). The tripartite nature of marital commitment: Personal, moral, and structural reasons to stay married. *Journal of Marriage and the Family*, 160-177. <https://doi.org/10.2307/353891>
- Johnson, T. P., Garrity, T. F., & Stallones, L. (1992). Psychometric evaluation of the Lexington attachment to pets scale (LAPS). *Anthrozoös*, 5(3), 160-175. <https://doi.org/10.2752/089279392787011395>
- Juniper, E. (2009). Validated questionnaires should not be modified. *European Respiratory Journal*, 34(5), 1015-1017. <https://doi.org/10.1183/09031936.00110209>
- Kahneman, D. (2011). *Thinking, fast and slow*. Macmillan.
- Kanter, R. M. (1968). Commitment and social organization: A study of commitment mechanisms in utopian communities. *American sociological review*, 499-517.
- Kelley, H. H. (1983). Love and commitment. In H. H. Kelley, E. Berscheid, A. Chnstensen, J. H. Harvey, T. L. Huston, G. Levinger, E. McClintock, L. A. Peplau & D. R. Peterson (Eds.), *Close relationships* (pp. 265-314). W. H. Freeman.
- Kelley, H. H., & Thibaut, J. W. (1978). *Interpersonal relations: A theory of interdependence*. Wiley.
- Kiesler, C. A., & Sakumura, J. (1966). A test of a model for commitment. *Journal of personality and social psychology*, 3(3), 349.
- Kilpatrick, S. D., Bissonette, V. L., & Rusbult, C. E. (2002). Empathic accuracy and accommodative behavior among newly married couples. *Personal Relationships*, 9(4), 369-393. <https://doi.org/10.1111/1475-6811.09402>.
- Kline, R. B. (2015). *Principles and practice of structural equation modeling* (4th Ed.). Guilford publications.
- Krahn, L. E., Tovar, M. D., & Miller, B. (2015). Are pets in the bedroom a problem?. *Mayo Clinic Proceedings*, 90(12), 1663-1665. <https://doi.org/10.1016/j.mayocp.2015.08.012>
- Kurrle, S. E., Day, R., & Cameron, I. D. (2004). The perils of pet ownership: a new fall-injury risk factor. *Medical Journal of Australia*, 181(11-12), 682-683. <https://doi.org/10.5694/j.1326-5377.2004.tb06523.x>
- Le, B., & Agnew, C. R. (2003). Commitment and its theorized determinants: A meta-analysis of the Investment Model. *Personal Relationships*, 10(1), 37-57. <https://doi.org/10.1111/1475-6811.00035>
- Lehmiller, J. J. (2010). Differences in relationship investments between gay and heterosexual men. *Personal Relationships*, 17(1), 81-96. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2010.01254.x>

- Lehmiller, J. J., & Agnew, C. R. (2006). Marginalized relationships: The impact of social disapproval on romantic relationship commitment. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(1), 40-51. <https://doi.org/10.1177/0146167205278710>.
- Lehmiller, J. J., & Agnew, C.R. (2008). Commitment in age-gap heterosexual romantic relationships: A test of evolutionary and socio-cultural predictions. *Psychology of Women Quarterly*, 32(1), 74-82. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2007.00408.x>
- Levinger, G. (1965). Marital cohesiveness and dissolution: An integrative review. *Journal of Marriage and the Family*, 27, 19–28. <https://doi.org/10.2307/349801>
- Levinger, G. (1979). A social exchange view on the dissolution of pair relationships. In R. L. Burgess & T. L. Huston (Eds.), *Social exchange in developing relationships* (pp. 169–193). Academic Press.
- Lima, M. L. (2018). *Nós e os outros*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Loevinger, J. (1957). Objective tests as instruments of psychological theory. *Psychological reports*, 3(3), 635-694. <https://doi.org/10.2466/pr0.1957.3.3.635>
- Lopes, D., & Pinto, I. R. (2016). Conhecer os métodos quantitativos e qualitativos e suas aplicações em ciências sociais e humanas. In M. V. Garrido & M. Prada (Eds.), *Manual de competências académicas* (pp. 281-341). Edições Sílabo.
- Lydon, J. E., Meana, M., Sepinwall, D., Richards, N., & Mayman, S. (1999). The commitment calibration hypothesis: When do people devalue attractive alternatives?. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25(2), 152-161. <https://doi.org/10.1177/0146167299025002002>
- Marsh, H. W., Morin, A. J., Parker, P. D., & Kaur, G. (2014). Exploratory structural equation modeling: An integration of the best features of exploratory and confirmatory factor analysis. *Annual review of clinical psychology*, 10, 85-110. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-032813-153700>
- Martin, A. L., Kelling, A. S., & Mallavarapu, S. (2021). Attitudes Toward Dog Relinquishment as Assessed Through a Survey of University Students. *Anthrozoös*, 34(2), 201-215. <https://doi.org/10.1080/08927936.2021.1885142>
- McConnell, A. R., Brown, C. M., Shoda, T. M., Stayton, L. E., & Martin, C. E. (2011). Friends with benefits: On the positive consequences of pet ownership. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(6), 1239–1252. <https://doi.org/10.1037/a0024506>
- McDonald, R. P. (1999). *Test theory: A unified treatment*. Lawrence Erlbaum.

- McNicholas, J., Gilbey, A., Rennie, A., Ahmedzai, S., Dono, J. A., & Ormerod, E. (2005). Pet ownership and human health: a brief review of evidence and issues. *Bmj*, *331*(7527), 1252-1254. <https://doi.org/10.1136/bmj.331.7527.1252>
- Meyer, J. P., & Allen, N. J. (1991). A three-component conceptualization of organizational commitment. *Human resource management review*, *1*(1), 61-89.
- Michael, J., Sebanz, N., & Knoblich, G. (2016). The sense of commitment: A minimal approach. *Frontiers in psychology*, *6*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01968>
- Michael, J., & Székely, M. (2018). The developmental origins of commitment. *Journal of Social Philosophy*, *49*(1), 106-123. <https://doi.org/10.1111/josp.12220>
- Miller, L. A., & Lovler, R. L. (2016). *Foundations of Psychological Testing: A Practical Approach* (5th ed.). Sage.
- Mueller, M. K. (2014). Is human-animal interaction (HAI) linked to positive youth development? Initial answers. *Applied Developmental Science*, *18*(1), 5-16. <https://doi.org/10.1080/10888691.2014.864205>
- Muthen, L. K., & Muthen, B. O. (2012). *Mplus user's guide* (7th ed.). Muthen & Muthen.
- Noonan, E. (2008). People and pets. *Psychodynamic Practice*, *14*(4), 395-407.
- Odendaal, J. S., & Lehmann, S. M. C. (2000). The role of phenylethylamine during positive human-dog interaction. *Acta Veterinaria Brno*, *69*(3), 183-188. <https://doi.org/10.2754/avb200069030183>
- O'Leary-Kelly, S. W., & Vokurka, R. J. (1998). The empirical assessment of construct validity. *Journal of operations management*, *16*(4), 387-405. [https://doi.org/10.1016/S0272-6963\(98\)00020-5](https://doi.org/10.1016/S0272-6963(98)00020-5)
- Oliva, J. L., & Johnston, K. L. (2022). Development of the Pet Owner Connectedness Scale (POCS). *Anthrozoös*, 1-13. <https://doi.org/10.1080/08927936.2022.2027095>
- Parslow, R. A., & Jorm, A. F. (2003). Pet ownership and risk factors for cardiovascular disease: another look. *Medical Journal of Australia*, *179*(9), 466-468. <https://doi.org/10.5694/j.1326-5377.2003.tb05649.x>
- Parslow, R. A., Jorm, A. F., Christensen, H., Rodgers, B., & Jacomb, P. (2005). Pet ownership and health in older adults: Findings from a survey of 2,551 community-based Australians aged 60–64. *Gerontology*, *51*(1), 40-47. <https://doi.org/10.1159/000081433>
- Peacock, J., Chur-Hansen, A., & Winefield, H. (2012). Mental health implications of human attachment to companion animals. *Journal of clinical psychology*, *68*(3), 292-303. <https://doi.org/10.1002/jclp.20866>

- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2020). *Análise de Dados para Ciências Sociais - A Complementaridade do SPSS* (6th ed.). Sílabo.
- Plaut, M., Zimmerman, E. M., & Goldstein, R. A. (1996). Health hazards to humans associated with domesticated pets. *Annual review of public health, 17*(1), 221-245.
- Poresky, R. H., Hendrix, C., Mosier, J. E., & Samuelson, M. L. (1987). The companion animal bonding scale: Internal reliability and construct validity. *Psychological Reports, 60*(3), 743-746. <https://doi.org/10.2466%2Fpr0.1987.60.3.743>
- Powell, C., & Van Vugt, M. (2003). Genuine giving or selfish sacrifice? The role of commitment and cost level upon willingness to sacrifice. *European Journal of Social Psychology, 33*(3), 403-412. <https://doi.org/10.1002/ejsp.154>
- Prokop, P., & Tunnicliffe, S. D. (2010). Effects of having pets at home on children's attitudes toward popular and unpopular animals. *Anthrozoös, 23*(1), 21-35. <https://doi.org/10.2752/175303710X12627079939107>
- Rauktis, M. E., Hoy-Gerlach, J., Sewall, C. J., Lee, H., & Bickel, L. (2021). Preliminary Findings of a Ten-Item Scale to Assess the Commitment of Low-Income Owners to Their Companion Animals. *Anthrozoös, 34*(1), 109-126. <https://doi.org/10.1080/08927936.2021.1878682>
- Redmalm, D. (2015). Pet grief: when is non-human life grievable?. *The Sociological Review, 63*(1), 19-35. <https://doi.org/10.1111%2F1467-954X.12226>
- Reichers, A. E. (1985). A review and reconceptualization of organizational commitment. *Academy of management review, 10*(3), 465-476. <https://doi.org/10.5465/amr.1985.4278960>
- Reichenheim, M. E., & Moraes, C. L. (2007). Operacionalização de adaptação transcultural de instrumentos de aferição usados em epidemiologia. *Revista de Saúde Pública, 41*, 665-673. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102006005000035>
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2010). Should I stay or should I go? Predicting dating relationship stability from four aspects of commitment. *Journal of family psychology, 24*(5), 543. <https://doi.org/10.1037/a0021008>
- Rodrigues, D. L., Huic, A., Lopes, D., & Kumashiro, M. (2019). Regulatory focus in relationships and conflict resolution strategies. *Personality and Individual Differences, 142*, 116-121. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.01.041>
- Rodrigues, D., & Lopes, D. (2013). The Investment Model Scale (IMS): Further studies on construct validation and development of a shorter version (IMS-S). *The Journal of general psychology, 140*(1), 16-28. <https://doi.org/10.1080/00221309.2012.710276>

- Rodrigues, D., & Lopes, D. (2015). The role of moral commitment within the Investment Model. *International Journal of Psychology, 50*(2), 155-160. <https://doi.org/10.1002/ijop.12088>
- Rosen, L. J., Noach, M. B., Winickoff, J. P., & Hovell, M. F. (2012). Parental smoking cessation to protect young children: a systematic review and meta-analysis. *Pediatrics, 129*(1), 141-152. <https://doi.org/10.1542/peds.2010-3209>
- Rost, D. H., & Hartmann, A. H. (1994). Children and their pets. *Anthrozoös, 7*(4), 242-254.
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of experimental social psychology, 16*(2), 172-186. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(80\)90007-4](https://doi.org/10.1016/0022-1031(80)90007-4)
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of personality and social psychology, 45*(1), 101. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.45.1.101>
- Rusbult, C. E., Agnew, C. R., Arriaga, X. B. (2011). The investment model of commitment processes. In P. A. M. Van Lange, A.W. Kruglanski & E.T. Higgins (Eds.), *Handbook of theories of social psychology* (pp. 218–231). Sage.
- Rusbult, C. E., & Buunk, B. P. (1993). Commitment processes in close relationships: An interdependence analysis. *Journal of social and personal relationships, 10*(2), 175-204. <https://doi.org/10.1177/026540759301000202>
- Rusbult, C. E., Coolsen, M. K., Kirchner, J. L., & Clarke, J. A. (2006). Commitment. In A. L. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 615–635). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511606632.034>
- Rusbult, C. E., Drigotas, S. M., & Verette, J. (1994). The investment model: An interdependence analysis of commitment processes and relationship maintenance phenomena. In D. J. Canary & L. Stafford (Eds.), *Communication and relational maintenance* (pp. 115–139). Academic Press.
- Rusbult, C. E., & Farrell, D. (1983). A longitudinal test of the investment model: The impact on job satisfaction, job commitment, and turnover of variations in rewards, costs, alternatives, and investments. *Journal of applied psychology, 68*(3), 429. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.68.3.429>
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal relationships, 5*(4), 357-387. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x>

- Rusbult, C. E., & Righetti, F. (2009). Investment model. In H. T. Reis & S. Sprecher (Eds.), *Encyclopedia of human relationships* (pp. 927-930). Sage.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American Psychologist*, *55*(1), 68-78. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.68>
- Salkind, N. J. (2010). *Encyclopedia of research design* (Vols. 1-0). SAGE. <https://doi.org/10.4135/9781412961288>
- Schacht, R., & Kramer, K. L. (2019). Are we monogamous? A review of the evolution of pair-bonding in humans and its contemporary variation cross-culturally. *Frontiers in Ecology and Evolution*, *7*, 230. <https://doi.org/10.3389/fevo.2019.00230>
- Schumacker, R. E., & Lomax, R. G. (2010). *A beginner's guide to structural equation modeling* (3rd ed.). Routledge Academic.
- Schwab, D. P. (1980). Construct validity in organizational behavior. In L. L. Cummings & B. M. Staw (Eds.), *Research in organizational behavior* (Vol 2, pp. 3-43). JAI Press.
- Serpell, J. (1996). *In the company of animals: A study of human-animal relationships*. Cambridge University Press.
- Sireci, S. G. (1998). The construct of content validity. *Social indicators research*, *45*(1), 83-117. <https://doi.org/10.1023/A:1006985528729>
- Spencer, S., Decuyper, E., Aerts, S., & De Tavernier, J. (2006). History and ethics of keeping pets: Comparison with farm animals. *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, *19*(1), 17-25. <https://doi.org/10.1007/s10806-005-4379-8>
- Sperber, A. D., Devellis, R. F., & Boehlecke, B. (1994). Cross-Cultural Translation: Methodology and Validation. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *25*(4), 501-524. <https://doi.org/10.1177/0022022194254006>
- Staats, S., Miller, D., Carnot, M. J., Rada, K., & Turnes, J. (1996). The Miller-Rada commitment to pets scale. *Anthrozoös*, *9*(2-3), 88-94. <https://doi.org/10.2752/089279396787001509>
- Steers, R. M. (1977). Antecedents and outcomes of organizational commitment. *Administrative science quarterly*, 46-56. <https://doi.org/10.2307/2391745>
- Stone, C. (2019). A defense and definition of construct validity in psychology. *Philosophy of Science*, *86*(5), 1250-1261. <https://doi.org/10.1086/705567>
- Taherdoost, H. (2016). Sampling methods in research methodology; how to choose a sampling technique for research. *International Journal of Academic Research in Management*, *5*(2), 18-27. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3205035>

- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of intergroup behavior. In S. Worchel & W. G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (pp. 7-24). Nelson Hall.
- Tan, K., Arriaga, X. B., & Agnew, C. R. (2018). Running on empty: Measuring psychological dependence in close relationships lacking satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 35(7), 977–998. <https://doi.org/10.1177/0265407517702010>
- Tavakol, M., & Dennick, R. (2011). Making sense of Cronbach's alpha. *International journal of medical education*, 2, 53-55. <https://doi.org/10.5116%2Fijme.4dfb.8dfd>
- Templer, D. I., Salter, C. A., Dickey, S., Baldwin, R., & Veleber, D. M. (1981). The construction of a pet attitude scale. *The Psychological Record*, 31(3), 343-348. <https://doi.org/10.1007/BF03394747>
- Thibaut, J. W., & Kelley, H. H. (1959). *The social psychology of groups*. Wiley.
- Tran, P., Judge, M., & Kashima, Y. (2019). Commitment in relationships: An updated meta-analysis of the Investment Model. *Personal Relationships*, 26(1), 158-180. <https://doi.org/10.1111/pere.12268>
- Tsang, S., Royse, C. F., & Terkawi, A. S. (2017). Guidelines for developing, translating, and validating a questionnaire in perioperative and pain medicine. *Saudi journal of anesthesia*, 11(5), 80–S89. https://doi.org/10.4103/sja.SJA_203_17
- Tuan, Y. F. (1984). *Dominance and affection: The making of pets*. Yale University Press
- Van Houtte, B. A., & Jarvis, P. A. (1995). The role of pets in preadolescent psychosocial development. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 16(3), 463-479.
- Van Lange, P.A.M. & Balliet, D. (2015). Interdependence theory. In M. Mikulincer & P. R. Shaver (Eds.), *APA Handbook of Personality and Social Psychology* (pp. 65-92). APA.
- Walster, E., Walster G.W. & Bershcheid, E. (1978). *Equity: Theory and Research*. Allyn and Bacon
- Weisberg, Y. J., DeYoung, C. G., & Hirsh, J. B. (2011). Gender differences in personality across the ten aspects of the Big Five. *Frontiers in psychology*, 2, 178. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2011.00178>
- Westgarth, C., Boddy, L. M., Stratton, G., German, A. J., Gaskell, R. M., Coyne, K. P., ... & Dawson, S. (2013). Pet ownership, dog types and attachment to pets in 9–10 year old children in Liverpool, UK. *BMC Veterinary Research*, 9(1), 1-10. <https://doi.org/10.1186/1746-6148-9-102>

- Wesselmann, E. D., VanderDrift, L. E., & Agnew, C. R. (2016). Religious commitment: An interdependence approach. *Psychology of Religion and Spirituality*, 8(1), 35. <http://doi.org/10.1037/rel0000024>
- Wilson, C. C. (1998). *Companion animals in human health*. Sage.
- Yamawaki, N., Ochoa-Shipp, M., Pulsipher, C., Harlos, A., & Swindler, S. (2012). Perceptions of domestic violence: The effects of domestic violence myths, victim's relationship with her abuser, and the decision to return to her abuser. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(16), 3195-3212. <https://doi.org/10.1177/0886260512441253>
- Yuan, K. H., & Bentler, P. M. (2000). 5. Three likelihood-based methods for mean and covariance structure analysis with nonnormal missing data. *Sociological methodology*, 30(1), 165-200. <https://doi.org/10.1111/00081-1750.00078>
- Zasloff, R. L. (1996). Measuring attachment to companion animals: a dog is not a cat is not a bird. *Applied Animal Behaviour Science*, 47(1-2), 43-48. [https://doi.org/10.1016/0168-1591\(95\)01009-2](https://doi.org/10.1016/0168-1591(95)01009-2)
- Zelinger, A. (2021). History of Pets. In M. Roscher, A. Krebber & Brett Mizelle (Eds.), *Handbook of Historical Animal Studies* (pp. 425-438). De Gruyter Oldenbourg.
- Zilcha-Mano, S., Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2011). An attachment perspective on human–pet relationships: Conceptualization and assessment of pet attachment orientations. *Journal of Research in Personality*, 45(4), 345-357. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2011.04.001>

Anexos

Anexo A

Comparação de versões da IMS

Item	IMS Original (Rusbult et al., 1998)	Adaptação proposta por Baker et al. (2016)	Tradução da escala de Baker et al. (2016)	Retroversão da tradução literal
1	I feel satisfied with our relationship	I feel satisfied with our relationship.	Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.	I feel satisfied with my relationship with my pet.
2	My relationship is much better than others' relationships	My relationship with (Pet name) is much better than others' relationships with their pets.	O relacionamento com o meu animal de companhia é muito melhor do que os relacionamentos de outras pessoas com os seus animais de companhia.	My relationship with my pet is much better than other people's relationships with their pets.
3	My relationship is close to ideal	My relationship with (Pet name) is close to ideal.	O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal.	My relationship with my pet is close to what I consider ideal.
4	Our relationship makes me very happy	Our relationship makes very happy	O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.	My relationship with my pet makes me very happy.
5	Our relationship does a good job of fulfilling my needs for intimacy, companionship, etc	Our relationship does a good job of fulfilling my needs for companionship, etc.	O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de companhia / companheirismo, etc.	My relationship with my pet fulfills my needs for company/companionship, etc.
6	The people other than my partner with whom I might become involved are very appealing	I find the idea of having a different pet instead of (Pet name) very appealing.	Outros animais de companhia que poderia ter (substituindo o meu animal de companhia atual) são muito apelativos para mim.	Other pets that I could have (replacing my current pet) are very appealing to me.
7	My alternatives to our relationship are close to ideal (dating another, spending time with friends or on my own, etc.)	My alternatives to our relationship are close to ideal (getting a different pet, spending time with friends or on my own, etc.).	Consigo encontrar alternativas ao relacionamento como meu animal de companhia que são próximas do que eu considero ser ideal para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	I am able to find alternatives to the relationship with my pet that are close to what I consider ideal for me (for example, spending time with friends, being alone, etc.).

Item	IMS Original (Rusbult et al., 1998)	Adaptação proposta por Baker et al. (2016)	Tradução da escala de Baker et al. (2016)	Retroversão da tradução literal
8	If I weren't dating my partner, I would do fine-I would find another appealing person to date	If I didn't have (Pet name) I would do fine – I would find another pet.	Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem, pois encontraria outro animal.	If I wasn't with my current pet I would be fine, because I would find another one.
9	My alternatives are attractive to me (dating another, spending time with friends or on my own, etc.)	My alternatives are attractive to me (getting a different pet, spending time with friends or on my own, etc.).	As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são atraentes para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	The alternatives to the relationship with my pet are attractive to me (for example, spending time with friends, being alone, etc)
10	My needs for intimacy, companionship, etc., could easily be fulfilled in an alternative relationship	My needs for companionship, etc., could be easily fulfilled with a different pet.	As minhas necessidades de companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.	My needs for company, etc., could easily be fulfilled through a relationship with another pet that isn't mine
11	I have put a great deal into our relationship that I would lose if the relationship were to end	I have put a great deal into our relationship that I would lose if I no longer had (Pet name).	Eu investi muito no relacionamento com o meu animal de companhia e acabaria por perder isso tudo se este relacionamento terminasse.	I invested a lot into my relationship with my pet and I would end up losing all of it if that relationship were to end.
12	Many aspects of my life have become linked to my partner (recreational activities, etc.), and I would lose all of this if we were to break up	Many aspects of my life have become linked to (Pet name) (recreational activities, etc.), and I would lose all of this if (Pet name) wasn't my pet anymore.	Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia tudo isto caso este relacionamento terminasse.	Many aspects of my life are connected to my pet (recreational activities, etc.) and I would lose all of this if that relationship were to end.
13	I feel very involved in our relationship-like I have put a great deal into it	I feel very involved in our relationship – like I have to put a great deal into it.	Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia – como se tivesse que fazer muito por ele.	I feel very involved in my relationship with my pet – as if I had to do a lot for it.
14	My relationships with friends and family members would be complicated if my partner and I were to break up (e.g., partner is friends with people I care about)	My relationships with friends and family members would be complicated if I were to not have (Pet name) anymore.	Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (p.e., os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia)	My relationships with friends and family would become more complicated if my relationship with my pet ended (for example, my friends and family love my pet).

Item	IMS Original (Rusbult et al., 1998)	Adaptação proposta por Baker et al. (2016)	Tradução da escala de Baker et al. (2016)	Retroversão da tradução literal
15	Compared to other people I know, I have invested a great deal in my relationship with my partner	Compared to other people I know, I have invested a great deal in my relationship with (Pet name).	Em comparação com outras pessoas que conheço, eu investi bastante no relacionamento com o meu animal de companhia	In comparison to people I know, I have invested a lot into my relationship with my pet.
16	I want our relationship to last for a very long time (please circle a number)	I want our relationship to last for a very long time.	Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure por muito tempo	I wish that my relationship with my pet lasts for a long time.
17	I am committed to maintaining my relationship with my partner	I am committed to maintaining my relationship with (Pet name).	Estou comprometido/a a manter o relacionamento com o meu animal de companhia	I am committed to maintaining my relationship with my pet.
18	I would not feel very upset if our relationship were to end in the near future	I would not feel very upset if our relationship were to end in the near future.	Não ficaria muito aborrecido se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo	I wouldn't be very bothered if my relationship with my pet ended in the near future.
19	It is likely that I will date someone other than my partner within the next year	It is likely that I will get a new pet to replace (Pet name) within the next year.	Durante o próximo ano, é provável que venha a substituir o animal de companhia que tenho atualmente.	In the following year, it is probable that I may come to replace the pet I currently own.
20	I feel very attached to our relationship-very strongly linked to my partner	I feel very attached to our relationship – very strongly linked to (Pet name).	Sinto-me muito apegado ao relacionamento que tenho com o meu animal de companhia	I feel very attached to my relationship with my pet.
21	I want our relationship to last forever	I want our relationship to last forever.	Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure para sempre	I wish for my relationship with my pet to last forever.
22	I am oriented toward the long-term future of my relationship (for example, I imagine being with my partner several years from now)	I am oriented toward the long-term future of my relationship (for example, I imagine being (Pet name) several years from now)	Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos).	I am motivated so that my relationship with my pet has a long-term future (for example, I expect to be with my pet for many years).

Anexo B

Detalhes das entrevistas

Resumo do conteúdo por perito

Code	Perito	Compromisso	Satisfação	Alternativas	Investimentos	Observações
P1	Faz investigação no campo das relações interpessoais, nomeadamente em fatores que podem ajudar a explicar a manutenção nas relações, processos de compromisso, conflito, e mais recentemente tenho estendido a minha investigação também para compreender os processos que poderão ajudar a explicar as tomadas de decisão em comportamentos sexuais. Sempre com um enquadramento das relações interpessoais. Alguma da sua investigação também foi estendida às relações humano – animal de estimação	- Conceito terá uma aplicação muito semelhante, se não igual - Diferença no sentido em que não relações compostas por processos didáticos, são muito mais unilaterais - Vinculação ou uma orientação para estar vinculado ao animal de companhia, e uma predisposição para resolver quaisquer problemas que advenham desta relação humano-animal de uma forma positiva e desencadear alguns mecanismos de proteção desta relação humano-animal de companhia	- Tradução para este contexto será novamente muito literal - O quão o humano está satisfeito, quão recompensadora é a relação do humano com o animal comparativamente aos custos que essa relação tem, portanto quantos mais benefícios e menores custos, mais o humano se sente satisfeito com a sua relação com o seu animal, e a propensão ou a probabilidade do humano ver também algumas das suas necessidades emocionais ou de intimidade preenchidas nesta relação com o seu animal.	- Mais problemático - Possivelmente mudar o nome (“Alternativas” não sei se chamaria, “atraentes” não chamaria de certeza) - Apesar do “estar sozinho, com amigos/familiares, etc” estar contemplado no modelo original, não costuma ser esse o foco - Substituir o animal não será tanto o foco, será mais a questão de deixar de o ter em situações mais extremas (custos associados elevados, problemas de comportamento, restrições de saúde...) - Este componente pode não fazer sentido neste contexto - Nos animais, arranjar “outro animal” não é tão associado com “trocar o atual por outro” como nas relações, e arranjar outro adicional não está tão dentro desta variável como o modelo original a idealizou - Vertente de estar	- Tem algumas reservas em relação aos investimentos - Itens originais focam-se mais nos investimentos extrínsecos em detrimento dos intrínsecos, o que é um problema aqui - Investimentos extrínsecos não fazem muito sentido neste contexto, será melhor focar nos intrínsecos - Explorar a diferenciação entre investimentos extrínsecos e intrínsecos, passados e expectáveis poderá ser útil neste contexto - Esta componente dos investimentos intrínsecos ou intangíveis fazem-me mais sentido do que extrínsecos ou tangíveis	- Excetuando os itens que são mesmo para tirar desde já, reescrever os itens problemáticos e deixá-los interagir uns com os outros como teste faz mais sentido - Adicionar itens sobre dever de ter o animal (compromisso moral)

Code	Perito	Compromisso	Satisfação	Alternativas	Investimentos	Observações
P2	Investigadora no Instituto de Ciências Sociais, formação doutoral em Sociologia e ciências sociais. Atualmente desenvolve investigação na área das relações humanos-animais.	<ul style="list-style-type: none"> - Acha que falta a qualidade da relação (ainda não tinha lido satisfação) - O que é que eu estou disposto a fazer para manter esse laço por causa dele (Investimentos temporais futuros?). Intenção/Desejo de fazer, capacidade de fazer, disposta a fazer - Contexto é importante, variáveis individuais também (pessoa pode ter maior ou menor propensão para compromissos em geral) - Conexão afetiva é importante (pode ser negativa ou positiva) - Compromisso com o algo que não é o animal (ser animal de família há muito tempo, etc) - Compromisso é de cuidar, e cuidar das especificidades da espécie também. Uma visão ocidental de que os AC são como filhos, daí ser cuidar 	<ul style="list-style-type: none"> - Principalmente emocional, gratificação, incondicionalidade do laço - Animais trazem segurança ontológica, outras coisas podem mudar, mas aquela base segura não (vinculação?) - Focar a satisfação com a relação em si, não com os componentes chatos que podem vir da mesma (passear o cão à chuva, etc) - “Como é que eu vou deixar para trás um animal que não me faria isso a mim?” exemplo do Katrina, também vai tocar nos investimentos 	<ul style="list-style-type: none"> sozinho será a mais importante aqui - Animal é insubstituível - Qual é alternativa para os seus pais de terem uma vida sem si? Nem dá para representar - Alternativas de espécies - Alternativa de estar sozinho - Possivelmente também alternativas para os animais (o que faria ao animal se já não tivesse dinheiro/condições para o manter) 	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo é um recurso - Investimentos podem não ser intransferíveis, depende do que estivermos a falar - Conhecimento passa de relação para relação, por isso tempo investido não se perde totalmente, é passado em conhecimento - Problema com a palavra “Tamanho”, parece que foca só a quantidade - O que é que mudou na sua vida para poder ter este animal? (Tempo, recursos financeiros, disponibilidade afetiva) - Investimento são os recursos afetivos, temporais e financeiros relacionados com a manutenção do animal 	<ul style="list-style-type: none"> - Falou da questão do luto - Animais como instrumento de educação (crianças) - Reciprocidade é muito mais complicada neste contexto - Cuidado com a palavra substituição

Code	Perito	Compromisso	Satisfação	Alternativas	Investimentos	Observações
P3	- Docente Convidada do ISPA, dá aulas de bem-estar animal e coordena um mestrado sobre bem-estar animal. É ainda consultora na área	- Podemos aplicar o compromisso de uma forma bastante semelhante - Comportamento e reciprocidade dos animais vão ser fatores importantes para esta variável - Compromisso nos animais vai ser afetado por muitas variáveis, difícil de definir - Variáveis individuais vão ser muito relevantes aqui	- Aplicação deste conceito será muito semelhante - Benefícios vão ser de carácter emocional	- Não gosta da variável, nem percebe como se aplica aos humanos - Não faz sentido falar em compromisso debilitado porque o filho do meu vizinho estuda mais, nos animais será a mesma coisa - Não acha que faz sentido neste contexto, o que não falta neste ambiente são exemplos de pessoas que escolheram animais que claramente não eram a melhor opção (doentes, com lesões, etc) e que mesmo assim tem um alto compromisso - Razões para deixar de ter animais tem a ver com comportamento do animal e NSE - Acha que alternativas estão dentro da satisfação	- Passagem do tempo não é linear para esta variável, há um efeito de novidade, será mais uma hipérbole - Interações na rua - Investimentos não serão perdidos totalmente - Segunda ela, os maiores investimentos serão o emocional e o treino. Os restantes trocam-se com um estalar de dedos - Não diria de forma tão taxativa que um indivíduo que tenha feito mais investimentos estará menos propenso a sair da relação, mas sim que há investimentos diferenciais na influência do compromisso. Há investimentos que se fazem num animal que não são assim tão importantes porque facilmente são transferidos para outros. - Acha que os investimentos extrínsecos não são relevantes neste contexto, se a pessoa só tem determinados amigos/rotinas por causa do animal existe aqui um problema maior	- Acha que variáveis individuais têm que ser mais exploradas (idade, maturidade, questões pessoais...) - Deu boas classificações às questões das alternativas porque pensou nelas como estando a ser lidas por uma pessoa com um baixo compromisso, não em geral, já que não gosta desse conceito - Não gostou de alguns pontos relacionados com desejabilidade social, acha que os participantes não irão admitir a eles próprios que abandonariam o animal - Deixou bastantes apontamentos no e-mail

Code	Perito	Compromisso	Satisfação	Alternativas	Investimentos	Observações
P4 + P5	- Professora universitária, dá aulas nas disciplinas de bem-estar e comportamento animal, ocasionalmente dá consultas de comportamento animal - Também dá aulas a nível universitário e dá outras formações nas áreas do bem-estar e treino animal. Também consultas de comportamento cão e gato	- Vínculo afetivo é a parte mais importante - Animais são vistos como parte da família, como se fosse capaz de perceber o nosso estado de espírito e agir sobre esse entendimento - Há uma componente legal e cuidadora nesta ideia do compromisso quando aplicamos aos animais - Algo a longo prazo em que zelamos pelas necessidades físicas, comportamentais e emocionais dos animais - A intenção de ser cuidador, protegendo e salvaguardando todas as necessidades que este animal tem, para ao mesmo tempo conseguir privar da sua companhia e estabelecer uma relação de bem-estar também para mim	- Satisfação com a relação terá uma tradução muito literal - Expectativas são importantes porque por vezes há problemas com os animais - Reforçar benefício/custo (custos financeiros e emocionais) - Custos emocionais relacionados com problemas de comportamentos e/ou saúde - Custo do luto é muito relevante (já que por norma os animais irão falecer antes dos seus tutores), tão relevante que há pessoas que dizem não querer ter novos animais quando os seus morrem	- Expectativas são relevantes aqui, já que não corresponder às alternativas pode levar a pensar noutras alternativas - Pensar se o tutor tem outros animais ou até mesmo outras pessoas, por exemplo o nascimento de um bebé (vai aqui gerar alguma competição e pode pôr em causa a relação com o animal) - Estar sozinho é a alternativa mais saliente neste contexto - Novamente mencionadas as alternativas de diferentes espécies - Estilo de vida do tutor será aqui a chave	- Dificuldade em fazer mais investimentos no animal, circunstâncias mudam (animal fica doente, perde-se o emprego, etc...) [Acho que isto aqui vai ligar mais aos custos que aos investimentos] - Desinvestir de um membro de outra espécie é mais simples - Atividades ou relações que se formam pelo animal (atividades em conjunto ou pessoas que se conhecem pelos animais) - Custódia partilhada - Relações abusivas em que pessoas ficam para não deixar o animal sozinho naquele contexto	- Comparações com relações de outras pessoas com os seus animais pode não fazer sentido, não costuma acontecer em relação ao “Eu trato o meu animal melhor, ele investe mais, etc” - Item “Relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados...” deve ser dobrado, fazendo um para perceber se ficam mais fáceis

Code	Perito	Compromisso	Satisfação	Alternativas	Investimentos	Observações
P6	<p>- Responsável de um projeto de investigação sobre evidência veterinária</p> <p>- Ligado à Ordem dos Médicos Veterinários</p> <p>- Investigador na área veterinária (ética animal, deontologia, bem-estar animal)</p> <p>- Perito em várias comissões e grupos de trabalho destas matérias</p>	<p>- Tradução é literal até certo ponto</p> <p>- Tipo de animal é relevante, com grande destaque para o cão. A relação mãe e filho tem um paralelismo bastante grande com a relação dono/cão</p> <p>- Afetos dos animais são “gratuitos”: eles nunca nos vão cobrar, nunca nos vão trair</p> <p>- Reciprocidade não é tão marcada como nos humanos</p> <p>- Acaba por ser uma relação muito paternalista. Acaba por ser tomar conta, cuidar para toda a vida de um ser que não pode providenciar por si próprio. Somos então responsáveis por eles, moralmente, emocionalmente e agora também legalmente</p>	<p>- Satisfação terá uma tradução praticamente perfeita</p> <p>- Recompensas serão afetivas, principalmente. Cães e gatos será afetivo (se bem que os gatos já passam um pouco para o estético), a partir daí (espécies exóticas e assim) será estético</p> <p>- Expectativas em relação ao animal podem não ser muito ancoradas na realidade</p> <p>- Muitas vezes o problema vem da pessoa e não do animal (também ligado ao ponto anterior)</p> <p>- Relações quebram facilmente quando há perigos para a integridade física das pessoas, não há grande coisa a fazer normalmente</p> <p>- Pesar os benefícios obtidos, os custos associados e as expectativas que as pessoas têm</p>	<p>- Alternativas já são mais complicadas</p> <p>- Os animais de companhia são causa ou sintoma do “Inverno demográfico”? Vai tocar um pouco nas alternativas</p> <p>- Alternativas podem ser outro animal, estar sozinho ou até uma criança.</p> <p>- Estes animais vêm preencher uma necessidade afetiva que pode ser preenchida de outras formas</p> <p>- Alternativas aqui podem incluir outras espécies, no modelo original não tanto</p> <p>- Acontece ter que deixar de ter animais em detrimento de outras coisas, mas as pessoas precisam de razões muito fortes (perante si e perante os outros) para justificar essa decisão</p> <p>- Existe uma componente moral em relação a deixar de ter um animal, mesmo quando esta já não faz sentido</p>	<p>- Aplicação será boa também, com algumas ressalvas</p> <p>- As pessoas mais facilmente entregam um cão que têm há pouco tempo do que um que têm há muito tempo</p> <p>- Aplicabilidade dos investimentos extrínsecos é mais limitada</p> <p>- Dependendo da pessoa, determinada componente da relação pode ser vista ou como um investimento ou como um custo (e.g. gostar de passear o cão ou não)</p> <p>- No contexto dos animais, investimentos intrínsecos serão os que fazem mais sentido</p>	<p>- Pode existir um abandono emocional antes (ou até invés) de um abandono propriamente dito, isto é, alguém que mantém o seu animal, mas já não tem qualquer tipo de compromisso com o mesmo</p> <p>- Falar mais diretamente dos custos associados nalguma pergunta (ou em várias)</p>

Sugestões de alterações por item

Itens	Descritivas					
	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.		Só “satisfeito” é vago, é por momentos				
O relacionamento com o meu animal de companhia é muito melhor do que os relacionamentos de outras pessoas com os seus animais de companhia.	Aqui não mudava o sentido da frase, mas simplificava				que a maioria dos relacionamentos ou que outras pessoas que conheço	
O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal.					Acho que está pouco claro: preenche TODAS as minhas necessidades	Definir-diferenciar conceitos de companhia / companheirismo. E porque não outras dimensões como entretenimento?
O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.		“ideal”, talvez melhor “aquilo que eu imaginei” ou “aquilo que sempre que quis”		...“stá próximo do que eu espero (dele animal)	ideal para um relacionamento com um animal de companhia	
O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de companhia / companheirismo, etc.						

Itens	Descritivas					
	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Outros animais de companhia que poderia ter (substituindo o meu animal de companhia atual) são muito apelativos para mim.					Acho que está pouco clara. Substituindo implica querer substituir? Ou será que quer dizer “Se eu não tivesse o meu animal neste momento...” Também há que considerar nesta e noutras questões que muitas pessoas têm vários animais de companhia. A qual se refere	Frase de difícil leitura.
Consigo encontrar alternativas ao relacionamento como meu animal de companhia que são próximas do que eu considero ser ideal para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	reescrevia para tornar a ideia mais tangível (e.g., no caso de perder o meu animal faria um esforço para ter outro animal)					
Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem, pois encontraria outro animal.	Salientava a ideia de poder ter outras situações que não ter outro animal de companhia, caso fosse obrigado a ficar sem o animal				Pouco clara. Que igualam o grau de satisfação que tenho na relação com o animal. Que são melhores, mais perto do ideal?	
As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são atraentes para mim (por	Não usava aqui o termo atraente. Salientava a ideia de poder ter outras situações					

Itens	Descritivas					
	P1	P2	P3	P4	P5	P6
exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.).	que não ter outro animal de companhia, caso fosse obrigado a ficar sem o animal					
As minhas necessidades de companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.		Singularidade da relação não é captada, esta substituição depende do que estivermos a falar				
Eu investi muito no relacionamento com o meu animal de companhia e acabaria por perder isso tudo se este relacionamento terminasse.	Aqui não mudava o sentido da frase, mas simplificava				substituiria tudo por “grande parte”, “quase tudo”	
Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia tudo isto caso este relacionamento terminasse.			Eu perderia muito disto, caso		substituiria tudo por “grande parte”, “quase tudo”	
Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia – como se tivesse		Parte do fim é má, mudar seria melhor. “Porque faço”, por exemplo	- estou disposto/a a fazer tudo por ele	...porque eu faço tudo por ele		O que quer dizer “como se tivesse que fazer muito por ele”?

Itens	Descritivas					
	P1	P2	P3	P4	P5	P6
que fazer muito por ele.						
Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (p.e., os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia)			Não é função de investimento, mas de dependência socio-afetiva e/ou apego		Duplicar a pergunta, ou seja, ...tornar-se-iam mais fáceis se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (p.e. teria mais tempo para um elemento da minha família, por ex. bebé	
Em comparação com outras pessoas que conheço, eu investi bastante no relacionamento com o meu animal de companhia						
Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure por muito tempo						
Estou comprometido/a a manter o relacionamento com o meu animal de companhia						
Não ficaria muito aborrecido se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo	aqui não mudava o sentido da frase, mas simplificava				Não ficaria muito afetado se...	“Não me afetaria”
Durante o próximo ano, é	Tornava mais		Não seria impensável			Considerar que as pessoas também

Itens	Descritivas					
	P1	P2	P3	P4	P5	P6
provável que venha a substituir o animal de companhia que tenho atualmente.	tangível o porquê. Ou seja, “se fosse obrigado a ficar sem o animal no próximo ano...”		para mim substituir o meu animal de companhia a médio prazo		desenvolvem laços fortes com animais com esperança média de vida substancialmente curta como ratinhos e hamsters e que isso pode afetar a resposta a este tipo de questões	
Sinto-me muito apegado ao relacionamento que tenho com o meu animal de companhia					talvez não tenha entendido bem “apegado ao relacionamento ou ao animal?”	Sinto-me apegado ao relacionamento ou ao animal em si?
Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure para sempre		Cuidado com o “para sempre”, tornar mais concreto			Acho que acrescentaria algo como... se o meu animal fosse saudável. O facto de os animais, em geral, terem uma esperança média de vida bastante inferior à nossa poderá influenciar a resposta	
Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos).	Aqui não mudava o sentido da frase, mas simplificava				Considerar que as pessoas também desenvolvem laços fortes com animais com esperança média de vida substancialmente curta como ratinhos e hamsters e que isso pode afetar a resposta a este tipo de questões. Por exemplo, algumas espécies de hamster e ratinhos vivem cerca de 2 anos. Para uma pessoa nesta situação esta questão não faz muito sentido. Talvez acrescentar, “tanto quanto a sua saúde permitir)	

Sugestões de novos itens

Perito	Novas Perguntas (Resposta Aberta)		
P1	Dever Moral	Investimentos intangíveis	
P2	Dimensão consequencial, o que estou disposta a fazer ou a mudar na minha vida para ter este animal	O que mudou na minha vida para ter este animal	Redes interpessoais (alternativas humanas/institucionais caso seja necessário ficar sem o animal)
P3	(pergunta anterior à geral) O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de companhia/companheirismo, etc. com animais		
P4	Questão de como a morte do animal (luto) afetaria a pessoa e inclusive a sua futura relação com outros animais de companhia		
P5	Há 2 grandes questões que me parece que é importante equacionar. Muitas pessoas têm vários animais de companhia, por vezes de espécies diferentes. Quando respondem ao questionário só deverão estar a responder relativamente a um deles, visto que os relacionamentos poderão ser diferentes. Sugiro que seja pedido ao participante que responda considerando um animal que possui atualmente e com o qual tem uma relação mais forte/próxima caso tenha mais que uma, que considera no mesmo nível, responder considerando por exemplo o animal que tem há mais tempo ou mais velho). Outra questão que me parece importante é perguntar a espécie. Talvez não se encontrem muitas diferenças entre cão e gato mas poderá haver diferenças nalgumas respostas (conforme mencionei na secção anterior) se considerarmos outras espécies.		
P6	O investimento necessário para manter a relação com o meu animal de companhia são muito elevados relativamente aos benefícios da relação	Já pensei em terminar a relação com o meu animal de estimação (e.d doar, entregar para adição, eutanasiar)	Já tirei mais prazer da relação com o meu animal de companhia do que aquele que tiro agora

Anexo C

Guião das entrevistas com os peritos

Guião Entrevista – Especialistas

- Bom dia/Boa tarde/Boa noite! O meu nome é Tiago Rôxo Aguiar e estou atualmente a frequentar o mestrado em Psicologia Social e das Organizações no Iscte-Iul. Antes de mais, muito obrigado por aceitar ser entrevistado no âmbito da minha dissertação. Queria também perguntar antes de começarmos se tem alguma reserva em relação a eu gravar a entrevista para facilitar a análise da mesma.

(Caso não exista nenhum problema, continuar)

- Fantástico, muito obrigado. **(Para fins de análise e para uma parte mais à frente na entrevista porque estamos online, o seu código individual será PX.)** Passando para a entrevista propriamente dita, queria começar por lhe perguntar se poderia explicar por alto qual é a sua ocupação e quais são as suas principais tarefas na mesma.

- Muito obrigado, foi exatamente pelos seus conhecimentos relativamente a **(Inserir aqui dependendo do perito)** que entrámos em contacto consigo e pedimos a sua ajuda neste projeto.

- Bem, tal como lhe tinha por e-mail, a minha dissertação está a tentar tratar da adaptação de uma escala muito conhecida em Psicologia chamada “Investment Model Scale”, escala essa que, tal como o nome indica, tem por base o “Investment Model” ou “Modelo do Investimento.” O Modelo do Investimento foi inicialmente proposto em 1980 por Caryl Rusbult e vem tentar explicar as razões pelas quais um determinado indivíduo se mantém numa relação amorosa. Este modelo já foi aplicado a vários contextos, como o das relações de amizade ou o organizacional, e nós queremos agora aplicá-lo ao contexto dos animais de companhia em Portugal. Para isso, queremos falar com alguns peritos nos diversos pontos de relevância do nosso trabalho para desenvolvermos uma escala que faça sentido no contexto mencionado e que de facto mede o que se propõe a medir. O modelo proposto na altura foi este: **(Mostrar cartão/slide com o Modelo)**. Tal como se pode perceber no modelo, a variável do compromisso é a variável chave, já que é esta que tem uma relação direta com a intenção de permanecer na relação.

- Assim sendo, que tal começar por aí? A definição de compromisso no contexto do modelo original é esta **(Mostrar cartão/ slide com a definição)**. Tendo lido esta definição, como é que acha que este conceito se aplica aos animais de companhia? **(Esperar pela resposta)**. Se

tivesse que transpor este conceito para o contexto dos animais de companhia, como é que o definiria? **(Esperar pela resposta)**

- Okay, fantástico. Passando às outras três variáveis que viu no modelo, que tal começar pela satisfação com a relação. No modelo original, a satisfação com a relação era definida assim **(Mostrar cartão/ slide com a definição)**. Mais uma vez, tendo lido esta definição, como é que acha que este conceito se aplica aos animais de companhia? **(Esperar pela resposta)**. Se tivesse que transpor este conceito para o contexto dos animais de companhia, como é que o definiria? **(Esperar pela resposta)**

- Okay, muito obrigado. A próxima variável que no modelo original prediz o compromisso é a qualidade das alternativas, que era definida da seguinte forma **(Mostrar cartão/slide com a definição)**. Tal como anteriormente, tendo lido esta definição, como é que acha que este conceito se aplica aos animais de companhia? **(Esperar pela resposta)**. Se tivesse que transpor este conceito para o contexto dos animais de companhia, como é que o definiria? **(Esperar pela resposta)**

- Okay, obrigado! Finalmente, o modelo menciona ainda a variável do tamanho do investimento, que foi definida assim **(Mostrar cartão/ slide com a definição)**. Uma última vez, tendo lido esta definição, como é que acha que este conceito se aplica aos animais de companhia? **(Esperar pela resposta)**. Se tivesse que transpor este conceito para o contexto dos animais de companhia, como é que o definiria? **(Esperar pela resposta)**

- Fantástico, muito obrigado. Bem, tal como lhe tinha dito, o nosso objetivo é tornar a escala relativa a este modelo funcional no contexto dos animais de companhia em Portugal. No entanto, um trabalho semelhante já foi realizado em 2016 por investigadores americanos, em que eles adaptaram a escala original do modelo ao paradigma dos animais de companhia nos EUA. Assim, um dos primeiros passos no atual projeto foi traduzir a escala que eles utilizaram e ver se a mesma mantinha o sentido pretendido. Queria agora pedir se lhe podia mostrar a escala e fazer algumas questões.

(Caso não exista nenhum problema, continuar)

- Fantástico. Bem, esta é a escala traduzida **(entregar papel/enviar link do Qualtrics)**. Por baixo de cada item aparece uma pequena escala de um a sete. Ia pedir-lhe que avaliasse cada item em relação à sua relevância no contexto dos animais.

(Esperar pela resposta e tentar ao máximo não influenciar as respostas)

- Okay, muito obrigado. Em relação aos itens que lhe mostrei, se estivesse a fazer a escala, que itens é que mantinha e quais é que, se algum, acha que fazem sentido sair ou reescrever? **(Esperar pela resposta e tentar ao máximo não influenciar as respostas)**

- Destes itens que mencionou que talvez fizesse sentido reescrever, a que é que se referia, assim por alto?

(Esperar pela resposta e tentar ao máximo não influenciar as respostas)

- Ótimo, muito obrigado. Finalmente, queria perguntar se acha que faria sentido acrescentar alguma nova questão. Se achar que sim, basta falar da questão ou questões que quer introduzir por alto e por tópicos, não precisa de dizer o item ou itens completamente preparados para irem para a escala.

(Esperar pela resposta e tentar ao máximo não influenciar as respostas)

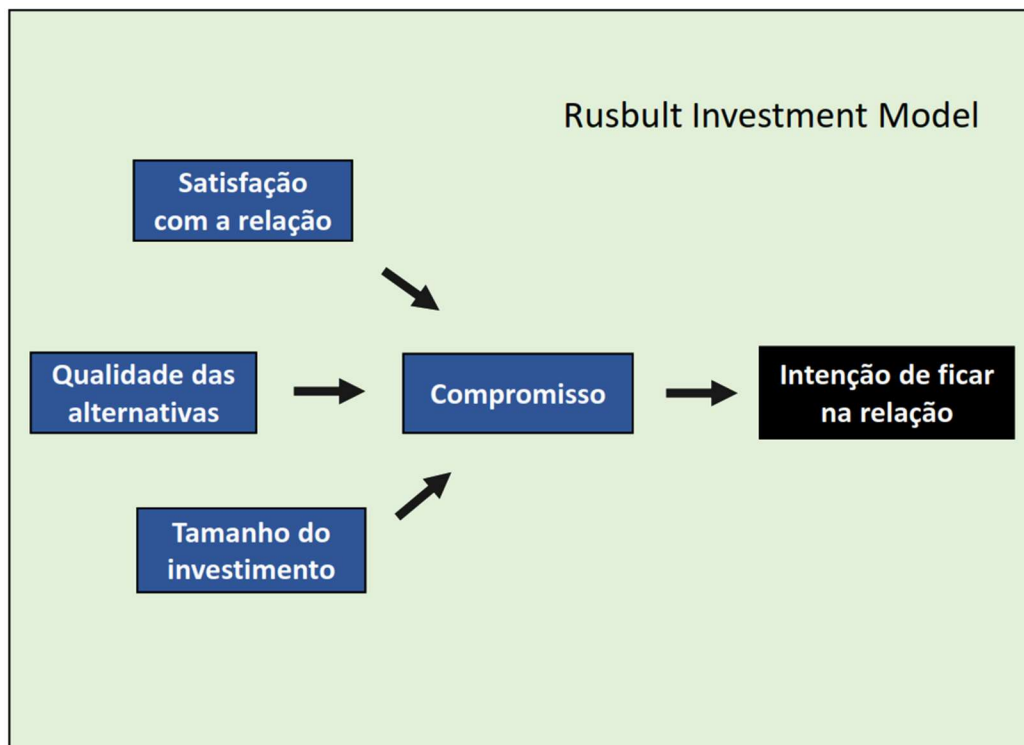
- Fantástico! Não sei se tem alguma questão ou comentário que gostaria de fazer...

- Okay, muito obrigado pelo seu contributo para este projeto, a informação especializada que nos passou vai facilitar na construção desta nova escala!

< Fim da Entrevista >

Anexo D

Cartões de Apoio às Entrevistas



Compromisso

- O Compromisso é definido como a intenção de persistir numa relação, incluindo uma orientação a longo-prazo em relação ao envolvimento e aos sentimentos de vinculação psicológica associados à mesma.
- Entende-se por vinculação psicológica a conexão afetiva que se desenvolve entre parceiros comprometidos. São exemplos práticos desta conexão o aumento de suscetibilidade a emoções fortes do parceiro e uma sincronização de estados de espírito.
- Segundo este modelo, o compromisso será o resultado da junção entre a satisfação com a relação, a qualidade (ou falta dela) das alternativas e o tamanho do investimento.

Satisfação com a relação

- No contexto deste modelo, a satisfação com a relação é definida como a diferença entre os benefícios obtidos e o nível de comparação do indivíduo.
- Entende-se por benefícios obtidos diferença entre as recompensas associadas à relação e os custos associados à mesma.
- O nível de comparação do indivíduo diz respeito às expectativas pessoais sobre os benefícios que uma relação deve trazer.
- Assim, a satisfação com a relação será tão mais alta quanto maiores forem as recompensas associadas à relação, menores forem os custos associados e menor for o nível de comparação do indivíduo.

Qualidade das Alternativas

- A qualidade das alternativas diz respeito à qualidade percebida da melhor alternativa disponível à relação atual, sendo esta uma associação alternativa ou até mesmo estar sozinho.
- A avaliação da melhor alternativa é feita através do mesmo raciocínio que a satisfação, isto é, comparando os benefícios associados à opção com o nível de comparação pessoal.
- Apesar de uma avaliação isolada das alternativas incluir o nível de comparação individual, uma comparação direta entre uma alternativa e a relação atual é feita através da diferença entre os benefícios associados a cada uma das opções.

Tamanho do Investimento

- No contexto deste modelo, o tamanho do investimento é a variedade de formas que um indivíduo está vinculado à sua relação.
- O compromisso aumenta com a passagem do tempo, em parte porque os recursos que são gastos na relação tornam mais complicado o ato de sair da mesma.
- Os investimentos podem ser extrínsecos (interesses anteriormente externos que agora estão ligados à relação, por exemplo as relações com parentes do parceiro) ou intrínsecos (recursos investidos diretamente na relação, por exemplo uma viatura adquirida pelo casal).
- Dado que investimentos de ambos os tipos são intransferíveis e seriam perdidos em caso de término da relação, um indivíduo que tenha feito investimentos terá uma menor probabilidade de sair da sua relação atual.

Anexo E

Outputs brutos referentes à análise da sensibilidade da escala

Escolaridade

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Satisfação com a Relação	Between Groups	2,787	2	1,393	2,268	0,106
	Within Groups	140,076	228	0,614		
	Total	142,863	230			
Qualidade das Alternativas	Between Groups	3,489	2	1,745	1,854	0,159
	Within Groups	214,506	228	0,941		
	Total	217,996	230			
Tamanho do Investimento	Between Groups	14,992	2	7,496	4,108	0,018
	Within Groups	416,001	228	1,825		
	Total	430,993	230			
Compromisso	Between Groups	0,271	2	0,135	0,668	0,514
	Within Groups	46,193	228	0,203		
	Total	46,463	230			

Multiple Comparisons

Bonferroni

Dependent Variable			Mean Difference			95% Confidence Interval	
			(I-J)	Std. Error	Sig.	Lower Bound	Upper Bound
Satisfação com a Relação	Ensino Secundário (liceu)	Bacharelato/Licenciatura	0,16696	0,11936	0,490	-0,1209	0,4548
		Mestrado/Doutoramento	0,31008	0,14824	0,113	-0,0474	0,6676
	Bacharelato/Licenciatura	Ensino Secundário (liceu)	-0,16696	0,11936	0,490	-0,4548	0,1209
		Mestrado/Doutoramento	0,14313	0,13570	0,878	-0,1841	0,4704
	Mestrado/Doutoramento	Ensino Secundário (liceu)	-0,31008	0,14824	0,113	-0,6676	0,0474
		Bacharelato/Licenciatura	-0,14313	0,13570	0,878	-0,4704	0,1841
Qualidade das Alternativas	Ensino Secundário (liceu)	Bacharelato/Licenciatura	-0,28261	0,14770	0,171	-0,6388	0,0736
		Mestrado/Doutoramento	-0,14200	0,18345	1,000	-0,5844	0,3004
	Bacharelato/Licenciatura	Ensino Secundário (liceu)	0,28261	0,14770	0,171	-0,0736	0,6388
		Mestrado/Doutoramento	0,14061	0,16792	1,000	-0,2644	0,5456
	Mestrado/Doutoramento	Ensino Secundário (liceu)	0,14200	0,18345	1,000	-0,3004	0,5844
		Bacharelato/Licenciatura	-0,14061	0,16792	1,000	-0,5456	0,2644
Tamanho do Investimento	Ensino Secundário (liceu)	Bacharelato/Licenciatura	,49662*	0,20569	0,050	0,0005	0,9927
		Mestrado/Doutoramento	,65151*	0,25547	0,034	0,0354	1,2676
	Bacharelato/Licenciatura	Ensino Secundário (liceu)	-,49662*	0,20569	0,050	-0,9927	-0,0005
		Mestrado/Doutoramento	0,15489	0,23385	1,000	-0,4091	0,7189
	Mestrado/Doutoramento	Ensino Secundário (liceu)	-,65151*	0,25547	0,034	-1,2676	-0,0354
		Bacharelato/Licenciatura	-0,15489	0,23385	1,000	-0,7189	0,4091
Compromisso	Ensino Secundário (liceu)	Bacharelato/Licenciatura	-0,00580	0,06854	1,000	-0,1711	0,1595
		Mestrado/Doutoramento	0,08119	0,08513	1,000	-0,1241	0,2865
	Bacharelato/Licenciatura	Ensino Secundário (liceu)	0,00580	0,06854	1,000	-0,1595	0,1711
		Mestrado/Doutoramento	0,08698	0,07793	0,796	-0,1010	0,2749
	Mestrado/Doutoramento	Ensino Secundário (liceu)	-0,08119	0,08513	1,000	-0,2865	0,1241
		Bacharelato/Licenciatura	-0,08698	0,07793	0,796	-0,2749	0,1010

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Nível de Rendimento

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Satisfação com a Relação	Between Groups	6,159	3	2,053	3,369	0,019
	Within Groups	137,696	226	0,609		
	Total	143,855	229			
Qualidade das Alternativas	Between Groups	11,019	3	3,673	3,902	0,010
	Within Groups	212,724	226	0,941		
	Total	223,743	229			
Tamanho dos Investimentos	Between Groups	19,919	3	6,640	3,697	0,013
	Within Groups	405,877	226	1,796		
	Total	425,796	229			
Compromisso	Between Groups	0,772	3	0,257	1,330	0,265
	Within Groups	43,721	226	0,193		
	Total	44,493	229			

Multiple Comparisons

Bonferroni

Dependent Variable			Mean Difference		Sig.	95% Confidence Interval	
			(I-J)	Std. Error		Lower Bound	Upper Bound
Satisfação com a Relação	<= 580€	581-999€	-0,02176	0,17912	1,000	-0,4985	0,4550
		1000-1999€	0,09693	0,16843	1,000	-0,3514	0,5452
		2000-4999€	0,48192	0,20121	0,105	-0,0536	1,0175
	581-999€	<= 580€	0,02176	0,17912	1,000	-0,4550	0,4985
		1000-1999€	0,11869	0,12378	1,000	-0,2108	0,4482
		2000-4999€	,50368*	0,16565	0,016	0,0628	0,9446
	1000-1999€	<= 580€	-0,09693	0,16843	1,000	-0,5452	0,3514
		581-999€	-0,11869	0,12378	1,000	-0,4482	0,2108
		2000-4999€	0,38499	0,15402	0,079	-0,0250	0,7949
	2000-4999€	<= 580€	-0,48192	0,20121	0,105	-1,0175	0,0536
		581-999€	-,50368*	0,16565	0,016	-0,9446	-0,0628
		1000-1999€	-0,38499	0,15402	0,079	-0,7949	0,0250
Qualidade das Alternativas	<= 580€	581-999€	-0,00188	0,22264	1,000	-0,5945	0,5907
		1000-1999€	-0,39418	0,20935	0,366	-0,9514	0,1630
		2000-4999€	-0,55910	0,25009	0,158	-1,2248	0,1066
	581-999€	<= 580€	0,00188	0,22264	1,000	-0,5907	0,5945
		1000-1999€	-0,39230	0,15386	0,069	-0,8018	0,0172
		2000-4999€	-,55722*	0,20589	0,044	-1,1052	-0,0092
	1000-1999€	<= 580€	0,39418	0,20935	0,366	-0,1630	0,9514
		581-999€	0,39230	0,15386	0,069	-0,0172	0,8018
		2000-4999€	-0,16492	0,19144	1,000	-0,6745	0,3446
	2000-4999€	<= 580€	0,55910	0,25009	0,158	-0,1066	1,2248
		581-999€	,55722*	0,20589	0,044	0,0092	1,1052
		1000-1999€	0,16492	0,19144	1,000	-0,3446	0,6745
Tamanho do Investimento	<= 580€	581-999€	0,61429	0,30753	0,282	-0,2043	1,4328
		1000-1999€	0,65926	0,28917	0,141	-0,1104	1,4289
		2000-4999€	1,14815*	0,34545	0,006	0,2287	2,0676
	581-999€	<= 580€	-0,61429	0,30753	0,282	-1,4328	0,2043
		1000-1999€	0,04497	0,21252	1,000	-0,5207	0,6106
		2000-4999€	0,53385	0,28440	0,371	-0,2231	1,2908
	1000-1999€	<= 580€	-0,65926	0,28917	0,141	-1,4289	0,1104
		581-999€	-0,04497	0,21252	1,000	-0,6106	0,5207
		2000-4999€	0,48889	0,26443	0,395	-0,2149	1,1927
	2000-4999€	<= 580€	-1,14815*	0,34545	0,006	-2,0676	-0,2287
		581-999€	-0,53385	0,28440	0,371	-1,2908	0,2231
		1000-1999€	-0,48889	0,26443	0,395	-1,1927	0,2149
Compromisso	<= 580€	581-999€	-0,02918	0,10093	1,000	-0,2978	0,2395
		1000-1999€	0,04520	0,09491	1,000	-0,2074	0,2978
		2000-4999€	0,15188	0,11338	1,000	-0,1499	0,4537
	581-999€	<= 580€	0,02918	0,10093	1,000	-0,2395	0,2978
		1000-1999€	0,07438	0,06975	1,000	-0,1113	0,2600
		2000-4999€	0,18107	0,09334	0,322	-0,0674	0,4295
	1000-1999€	<= 580€	-0,04520	0,09491	1,000	-0,2978	0,2074
		581-999€	-0,07438	0,06975	1,000	-0,2600	0,1113
		2000-4999€	0,10668	0,08679	1,000	-0,1243	0,3377
	2000-4999€	<= 580€	-0,15188	0,11338	1,000	-0,4537	0,1499
		581-999€	-0,18107	0,09334	0,322	-0,4295	0,0674
		1000-1999€	-0,10668	0,08679	1,000	-0,3377	0,1243

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Espécie do AC

		Independent Samples Test								
		Levene's Test for Equality of Variances				t-test for Equality of Means				
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Satisfação com a Relação	Equal variances assumed	0,002	0,963	0,005	211	0,996	0,00053	0,11183	-0,21992	0,22098
	Equal variances not assumed			0,005	205,255	0,996	0,00053	0,11189	-0,22007	0,22113
Qualidade das Alternativas	Equal variances assumed	1,426	0,234	-0,185	211	0,854	-0,02438	0,13194	-0,28446	0,23570
	Equal variances not assumed			-0,184	201,334	0,854	-0,02438	0,13256	-0,28576	0,23700
Tamanho do Investimento	Equal variances assumed	0,011	0,915	2,767	211	0,006	0,49944	0,18048	0,14366	0,85522
	Equal variances not assumed			2,761	203,871	0,006	0,49944	0,18086	0,14284	0,85604
Compromisso	Equal variances assumed	1,169	0,281	-0,631	211	0,529	-0,04006	0,06353	-0,16529	0,08518
	Equal variances not assumed			-0,637	210,690	0,525	-0,04006	0,06291	-0,16407	0,08396

Sexo do Participante

		Independent Samples Test								
		Levene's Test for Equality of Variances				t-test for Equality of Means				
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Satisfação com a Relação	Equal variances assumed	5,235	0,023	-2,817	234	0,005	-0,34315	0,12183	-0,58317	-0,10312
	Equal variances not assumed			-2,446	70,888	0,017	-0,34315	0,14030	-0,62291	-0,06339
Qualidade das Alternativas	Equal variances assumed	0,004	0,952	3,474	234	0,001	0,51794	0,14910	0,22418	0,81170
	Equal variances not assumed			3,412	82,331	0,001	0,51794	0,15180	0,21599	0,81989
Tamanho do Investimento	Equal variances assumed	0,157	0,692	0,325	234	0,745	0,06929	0,21303	-0,35042	0,48899
	Equal variances not assumed			0,333	87,688	0,740	0,06929	0,20776	-0,34361	0,48218
Compromisso	Equal variances assumed	8,771	0,003	-1,803	234	0,073	-0,12495	0,06929	-0,26145	0,01156
	Equal variances not assumed			-1,439	65,382	0,155	-0,12495	0,08685	-0,29838	0,04849

Anexo F

Escala final proposta

Itens	Dimensão
1) Sinto-me satisfeito/a com o relacionamento com o meu animal de companhia.	Satisfação
2) O relacionamento com o meu animal de companhia está próximo do que eu considero ser ideal para mim.	Satisfação
3) O relacionamento com o meu animal de companhia faz-me muito feliz.	Satisfação
4) O relacionamento com o meu animal de companhia preenche as minhas necessidades de companhia/companheirismo, etc. com animais.	Satisfação
5) Com base nas minhas experiências anteriores (outros animais, animais de amigos, etc.), o relacionamento com o meu animal de companhia corresponde às minhas expectativas.	Satisfação
6) Se não estivesse com o meu animal de companhia atual estaria bem, pois encontraria outro animal.	Alternativas
7) As alternativas ao relacionamento com o meu animal de companhia são apelativas para mim (por exemplo, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.)	Alternativas
8) Substituir o meu animal de companhia por outro seria uma boa opção para mim.	Alternativas
9) As minhas necessidades de companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento com outro animal de companhia que não o meu.	Alternativas
10) Eu investi muito no relacionamento com o meu animal de companhia e acabaria por perder quase tudo se este relacionamento terminasse.	Investimentos
11) Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu animal de companhia (atividades recreativas, etc.) e eu perderia quase tudo caso este relacionamento terminasse.	Investimentos
12) Sinto-me muito/a envolvido/a no relacionamento com o meu animal de companhia porque faço muito por ele.	Investimentos
13) Os meus relacionamentos com amigos e família tornar-se-iam mais complicados se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse (por exemplo, os meus amigos e família gostam muito do meu animal de companhia).	Investimentos
14) Em comparação com outras pessoas que conheço, eu investi bastante no relacionamento com o meu animal de companhia.	Investimentos
15) Já tenho atividades planeadas para realizar com o meu animal de companhia a curto-médio prazo.	Investimentos

Itens	Dimensão
16) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure por muito tempo.	Compromisso
17) Estou comprometido/a em manter o relacionamento com o meu animal de companhia.	Compromisso
18) Não ficaria muito afetado se o relacionamento com o meu animal de companhia terminasse num futuro próximo. (R)	Compromisso
19) Durante o próximo ano, poderei considerar substituir o animal de companhia que tenho atualmente. (R)	Compromisso
20) Sinto-me muito comprometido com o relacionamento que tenho com o meu animal de companhia.	Compromisso
21) Desejo que o relacionamento com o meu animal de companhia dure o máximo possível.	Compromisso
22) Estou motivado/a para que o relacionamento com o meu animal de companhia tenha um futuro a longo termo, dentro do expectável para a sua espécie (por exemplo, imagino estar com o meu animal de companhia daqui a vários anos).	Compromisso

Nota: Tal como em várias das tabelas, as dimensões são aqui apresentadas com um nome encurtado.

(R) indica que o item deve ser cotado de forma inversa